



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA

A CIDADE E O MERETRÍCIO:

*Trilhas e memórias do mundo da cancela
Tianguá - Ceará (1950 – 2002)*

FRANCISCO GLEISON DA COSTA MONTEIRO

DISSERTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

A CIDADE E O MERETRÍCIO:

TRILHAS E MEMÓRIAS DO MUNDO DA CANCELA
TIANGUÁ-CEARÁ (1950 – 2002)

Francisco Gleison da Costa Monteiro

Fortaleza

Agosto, 2004

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

A CIDADE E O MERETRÍCIO:

**TRILHAS E MEMÓRIAS DO MUNDO DA CANCELA
TIANGUÁ-CEARÁ (1950 – 2002)**

Francisco Gleison da Costa Monteiro

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em História Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Prof. Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard.

Fortaleza

Agosto, 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**A CIDADE E O MERETRÍCIO:
TRILHAS E MEMÓRIAS DO MUNDO DA CANCELA
TIANGUÁ-CEARÁ (1950 – 2002)**

Francisco Gleison da Costa Monteiro

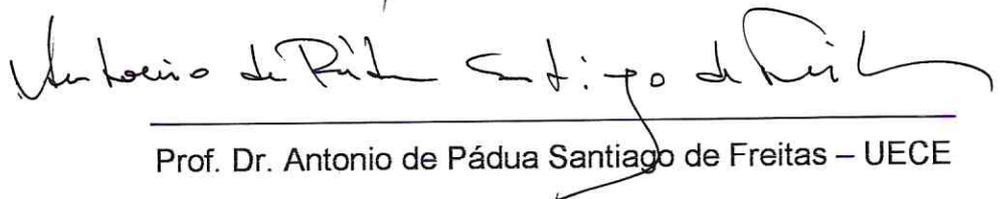
Esta Dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos professores:



Prof. Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard – UFC
Orientador



Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa – UFC



Prof. Dr. Antonio de Pádua Santiago de Freitas – UECE

**Fortaleza
Agosto, 2004**

FICHA CATALOGRÁFICA

M776a MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa.
A Cidade e o Meretrício: trilhas e memórias do mundo da
cancela/Tianguá-CE, 1950 – 2002. Fortaleza, 2004. 165 p.

Orientador: Franck Pierre Gilbert Ribard
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará

1. Prostituição – Tianguá (CE) – 1950–2002. I. RIBARD,
Franck Pierre Gilbert; II. Universidade Federal do Ceará.
Mestrado em História Social. III. A Cidade e o Meretrício:
trilhas e memórias do mundo da cancela/Tianguá – CE, 1950
– 2002.

Dedico esta dissertação a Godofredo Monteiro e Amadeus Vieira (in memoriam), respectivamente, avô e tio. Agradeço lhes pela sinceridade, compromisso e zelo que tiveram por mim e minha família. Sinto falta de suas companhias.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me ter guiado durante todo esse percurso e por não ter deixado o fracasso pairar sobre meus ombros.

Marlúcia, minha mãe, que sempre se esforçou para que os filhos obtivessem êxito nas diversas funções e a Godofredo Monteiro, meu pai, que mesmo a distância acompanha meus passos. A Gleyciane e Édson, meus irmãos, que são a consolidação de nossa satisfação e alegria.

A Cordeira, Antonio Alberto e Tôtonho que me acolheram com tanto carinho em suas residências nos dias de aulas e orientações em Fortaleza. Obrigado pelas inúmeras vezes que vocês abriram as portas das suas casas para que eu pudesse descansar o corpo fadigado.

A Ana Paula, Ângela, Lourdes e Lúcia pelos momentos de estudo quando estávamos nos preparando para “enfrentar” a seleção de mestrado.

Ao professor Franck Ribard, meu orientador, amigo, irmão, que com paciência, rigor, atenção e compromisso, esteve constantemente acompanhando passo a passo os “fazeres” discutidos nessa dissertação. As orientações me fizeram perceber outras formas de trabalhar a pesquisa histórica, apontando caminhos e possibilidades na construção das abordagens e das formas metodológicas.

Aos meus eternos “Mestres” do Curso de História da UEVA pelo incentivo a pós-graduação: Agenor Soares, Aparecida Vasconcelos (in memoriam), Antonio Carlos, Carlos Augusto, Chrislene Santos, Dênis Melo, Gabriel Assis, Marta Emisia, Maria Antonia, Regina Ilka e Raimundo Nonato. Também não poderia esquecer do “velho” Sabóia, que diante das pelezas da vida nos faz rir, mostrando-nos que a vida, diante as responsabilidades cotidiana, deve ser encarada com certa dose de humor.

Ao professor Dias da Silva pela atenção, destreza e rigor profissional na revisão gramatical dessa dissertação.

A Ana Márcia e Valdeida de Sá, respectivamente, Secretária de Saúde e Educação de Tianguá, que sempre me dispensaram para as aulas do mestrado em Fortaleza e dos momentos de pesquisas de campo realizado em Tianguá.

Aos amigos do Departamento de Planejamento e Acompanhamento Educacional, que nas minhas idas a Fortaleza davam aquela “força” no setor.

Destaco a Meyrilândia Fernandes (Tia Meyre) pelas vezes que ouviu minhas confissões em momentos difíceis da minha vida e a Flávia Azevedo, pela recepção quando cheguei na Secretaria e pelas diversas vezes em que segurou a “barra” no Departamento Pedagógico.

Aos meus colegas do Mestrado pelo incentivo e pela “troca intelectual”: Ana Carla, Antonio, Diocleciana, Glória, Gustavo, Henrique, Iza Luciene, Luiz, Mirtes, Rosilene. Destaco na turma, agradecimento especial, a Benedito Brás, colega de mestrado e de profissão que nas inúmeras viagens que seguíamos de Tianguá a Fortaleza discutíamos sobre a difícil arte de ser historiador, e a Ivaneide Ulisses, amiga de Maracanaú, que por telefone dialogávamos sobre os momentos difíceis e solitários da escrita da dissertação.

A Secretária do Departamento de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, Regina Jucá, pela compreensão e sensatez, que por diversas vezes nos comunicava sobre as atividades desenvolvidas no mestrado e períodos de matrícula.

Aos professores Norberto Fererras e Ivone Cordeiro Barbosa, por terem participado da Banca de Exame de Qualificação. Saibam que contribuíram de forma significativa para o amadurecimento metodológico desse trabalho.

Agradecimentos especiais às meretrizes, que foram personagens fundamentais para a construção desta pesquisa. “Mulheres da vida” que diante do multifacetado mundo da prostituição souberam criar táticas para lidar com os atos e a diversidade vivida no meretrício, mas que foram encaradas como estratégias de vida e forma de sobrevivência.

RESUMO

Este trabalho é a análise do discurso da prostituição na cidade de Tianguá-Ceará (1950-2002). Na segunda metade do século XX, ocorre o fluxo de pessoas e de mercadorias que dinamiza a cidade fazendo Tianguá, seguir os passos de uma "metrópole", beneficiada pela centralização geográfica e pelos entroncamentos rodoviários. Situada na Serra da Ibiapaba, configurou-se como lugar de passagem justamente pela grande transição que influenciou no crescimento populacional, demográfico e das próprias edificações levando a seguir, nos limites de cidade interiorana, a organizar e disciplinar o espaço urbano. Em meio à urbanização e ordenação, focaliza-se o mundo da cancela e a posterior zona de baixo meretrício. Ambientes tidos como de lazer e diversão, cresceram paralelamente ao amadurecimento da cidade chegando a abrigar homens e mulheres que desenvolviam papéis sociais permeadas por relações amorosas e conflituosas no universo em que emergiam o sexo, prazer, cotidiano, família... A problemática deste estudo é entender a intensa relação existente entre clientes e meretrizes, na prostituição, e como as políticas de ordenação do espaço urbano definem papéis sociais para essas mulheres. Nesse sentido, mapeiam-se os diferentes momentos da presença de clientes e meretrizes, na geografia da cidade, procurando desvendar na complexa tessitura do mundo da prostituição, os indícios que ligam o "glamour" dos cabarés de outrora e o declínio da zona de baixo meretrício recente, como forma de estratégia metodológica para entender as relações de poder, políticas de controle e representação da prostituição instituída sob planejamento urbano para afastar o meretrício do perímetro urbano de Tianguá.

ABSTRACT

This work is the analysis of the speech of the prostitution in the city of Tianguá-Ceará (1950-2002). In the second half of the century XX, happens the people's flow and of goods that became dynamic the city making Tianguá, to follow the steps of a " metropolis ", benefitted by the geographical centralization and for the crossing points rodoviários. Located in the Mountain of Ibiapaba, it was configured as place of passage exactly for the great transição that influenced in the growth population, demographic and of the own constructions taking to proceed, in the limits of city of the interior, to organize and to discipline the urban space. Amid the urbanization and ordination, it is focalized the world of the gate and the subsequent zone of low prostitution. Atmospheres had as of leisure and amusement, they increased to the ripening of the city parallel getting to shelter men and women that developed social papers permeated by loving and conflicting relationships in the universe in that they emerged the sex, pleasure, daily, family... The problem of this study is to understand the intense existent relationship between customers and prostitutes, in the prostitution, and as the politics of ordination of the urban space they define social papers for those women. In that sense, the different moments of the customers' presence and prostitutes are mapped, in the geography of the city, trying to unmask in the complex tessitura of the world of the prostitution, the indications that tie the " glamour " of the cabarets of formerly and the decline of the zone of low recent prostitution, as form of methodological strategy to understand the relationships of power, control politics and representation of the prostitution instituted under urban planning to move away the prostitution of the urban perimeter of Tianguá.

“Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos, somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos preocupamos. (...) Nas experiências presentes, receio, estamos sempre ‘ausentes’: nelas não temos nosso coração – para elas não temos ouvidos (...) para nós mesmos somos ‘homens do desconhecimento’ (...)”.

(NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral, 1987 Apud Silva; 1994: 109).

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1. TIANGUÁ: UM LUGAR EM CONSTRUÇÃO..... | 19 |
| 1.1 Ocupação do Barrocão sob a proteção de Nossa Senhora Sant'Ana..... | 22 |
| 1.2 A cidade e o meretrício: trilhas para uma perspectiva histórica..... | 31 |
| 2. O MUNDO DA CANCELA..... | 57 |
| 2.1 Do mundo da cancela ao bairro Governador Ferraz: apresentação, origens e interlocuções entre o meretrício e a cidade..... | 58 |
| 2.2 Alguma vez, lá no final da Rua Zeferino Ferreira ... a "ZBM"..... | 76 |
| 2.3 A família da meretriz e a convivência doméstica..... | 93 |
| 2.3.1 A família como referência: "Não sou daqui nem vim para ficar" - "Já ganhei o que tinha de ganhar"..... | 102 |
| 3. REPRESENTAÇÃO SOCIAL: OS DISCURSOS SOBRE A PROSTITUIÇÃO EM TIANGUÁ..... | 106 |
| 3.1 Discursos cruzados: o masculino e o feminino na cidade e no meretrício.. | 107 |
| 3.2 A "ZBM": lugar da dominação masculina?..... | 122 |
| 3.3 Uso e poder sobre o corpo: burlando as regras do contrato sexual..... | 136 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 149 |
| FONTES E BIBLIOGRAFIA..... | 156 |
| ANEXOS..... | 164 |

INTRODUÇÃO

“Uma das funções mais importantes do historiador: recordar às pessoas aquilo que elas gostariam de esquecer”.

Peter Burke¹

A História, presa durante muito tempo a visões gerais das sociedades, agora, nas últimas décadas, direciona-se para casos particulares. Nesse aspecto, o trabalho do historiador ganha complexidade e passa a narrar fatos “comuns”. A importância de narrar esses fatos e experiências individuais e coletivas de vida cresce e se faz imprescindível, por não estarem realmente integrados aos “grandes acontecimentos”. Neles é possível perceber elementos não explícitos na história global, dando outra visibilidade às trajetórias de grupos marginalizados pela sociedade e por certa historiografia.

Nesse caso, o universo da prostituição encontra, nesta dissertação, espaço reservado para se entender a complexa relação entre clientes e meretrizes. Por isso, talvez seja possível notar que o objeto historiográfico tornou-se complexo, e as diferenças e particularidades identificadas nas experiências femininas e masculinas são elementos que trazem, à tona, um imbricado jogo de poder, símbolos e códigos que definem facetas e atribuições, no cotidiano da prostituição.

De forma mais precisa, o problema deste estudo está inserido na análise que busca apreender o mundo da prostituição pobre, ou seja, práticas sexuais da zona de baixo meretrício, em Tianguá-Ceará.

Abordando o mundo da prostituição, a análise centra-se nos anos de 1950 a 2002, pelo fato de, nesse período Tianguá passar por momentos de transição e de configuração dos espaços relacionados à prostituição e a outros aspectos, intrinsecamente ligados ao ritmo e ao ordenamento da cidade.

Ao estudar esse período, observei a existência dos atores – clientes e meretrizes – que me levaram a compreender e descrever o tipo de prostituição em Tianguá. Além disso, percebi que o público, diante dos rumores de “progresso” que os discursos oficiais almejavam para a cidade, rompia com práticas que sugerem identificar a interpelação com a cultura urbana.

¹ BURKE, Peter. O mundo como teatro. IN.: *Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 251.

Assim, estudei a prostituição, no município de Tianguá, desde a década de 1950, como espaço de lazer e diversão para os clientes e de trabalho para as mulheres, imprimindo, na dinâmica do espaço urbano, a controversa relação – meretrizes e clientes – carregando imagens cristalizadas e estereotipadas.

Na cidade, a prostituição não chega a ser vista, no início, como “incômoda”, pois era ambiente de prazer e lazer, “reconhecido” do público masculino.

Entre as décadas de 1950 a 1980, constituíram-se os primeiros cabarés, posteriormente, a formação da zona do baixo meretrício. No mesmo período, a cidade também ganha representatividade; os ramos de atividade se ampliam, a população multiplica e Tianguá expressa a liderança comercial e de serviços diante dos outros municípios da Ibiapaba.

Isso significa dizer que a prostituição estava se configurando nas relações sociais, modificando a geografia urbana, fazendo aproximar clientes e meretrizes, vizinhos e passantes que transitavam pela zona do meretrício.

Vê-se, então, que a inter-relação – cidade e meretrício – ultrapassava a simples geografia. O tênue fio das relações de sociabilidades estava atrelado a diferentes formas de viver o meretrício e morar na cidade.

Essa visão instigou-me a mergulhar nesse tema e notar que, na ausência de uma historiografia tianguaense, era possível identificar situações que levassem a entender o mundo diverso da prostituição.

Além disso, procurei selecionar leituras que apontassem discussões sobre os papéis sociais, vivenciados por clientes e meretrizes, na segunda metade do século XIX e no século XX. Essa seleção foi a forma de atualização das formas históricas e sociais dadas ao estudo da prostituição.

O contato com esse material fez-me notar a pontuação específica de alguns comportamentos femininos que permeavam as cidades, entre os quais estavam as inserções de mulheres no cenário de uma história pouco preocupada com as diferenças nas relações de gênero. Diante desses “novos” fazeres das mulheres, os estudos estavam voltados para a questão da sexualidade, do corpo, da disciplina e da apropriação de lugares públicos.

A partir desses questionamentos, o caminho a seguir foi a realização do trabalho de campo, ou seja, as visitas à zona do meretrício, no Bairro Governador Ferraz, procedimento que me aproximou dos atores e me

possibilitou observar o cotidiano e o processo de organização dos bares. De fato, a partir de 1990, a "zona" passa por um período de degradação física, o ambiente decadente da prostituição se rende ao mercado imobiliário, a metade dos bares são vendidos e o número de clientes decresce. Nesse contexto, pode-se notar que o meretrício encontra-se dentro da cidade e não mais em lugar isolado, chamando atenção da vizinhança que o observa como lugar de "práticas libidinosas". As meretrizes, agora notadas, passam a serem vigiadas pela exposição e comercialização do corpo.

Em 2002, o trânsito, na "zona", é barrado por um ato judicial que fecha o meretrício argumentando que a prática e facilitação da prostituição é "crime contra os costumes". No mesmo ano, a Prefeitura Municipal de Tianguá constrói quarenta casas habitacionais para as meretrizes e as transfere para um bairro fora do centro da cidade.

Com esses elementos, saí a campo para colher informações sobre as experiências e memórias específicas de meretrizes e clientes. Os relatos apontam lembranças das diversões noturnas e dos prazeres que se encontram gravadas na memória do público. Eram revelações da complexidade do universo da prostituição.

Com essas memórias, traçaram-se os rumos desta pesquisa, em que a análise centra-se na busca do entendimento da dimensão dos discursos sobre a prostituição. Dentre eles, aparece o discurso e o papel institucional do Juizado da Infância e da Prefeitura, que encontraram argumentos e poder para fechar a "zona" e transferir as meretrizes.

De posse dessas informações, apresentam-se, agora, os pressupostos teórico-metodológicos e a apropriação das fontes que me ajudaram a compor o cenário da pesquisa.

Dessa forma, na seleção das fontes, foram escolhidos jornais, memorialistas, portarias² e depoimentos orais. O cruzamento dessas fontes proporcionou, instrumentos capazes de identificar conflitos diversificados, também na abordagem e na forma de contextualização das ações dos sujeitos, foram surgindo indagações dentro da particularidade de cada documento.

² As portarias, decretos, ofícios, mensagens e leis são documentos da Prefeitura Municipal de Tianguá expedidos pelos ex-prefeitos Jaques Nunes e José Evangelista.

Nesse ponto, destaco a interpretação de Garrido³, que propõe duas idéias básicas para interpretar o cruzamento da história oral com documentos escritos: de um lado, o caráter dialético desta relação e, do outro, a necessidade da percepção das fontes orais, não como soma de entrevistas independentes entre si, mas como um conjunto orgânico e coerente.

Por isso, a introdução do jornal "O Barroco"⁴, das portarias das décadas de 1970 e 1980, da Prefeitura Municipal de Tianguá e do Fórum Local, em 2002, que tratam do fechamento do meretrício, deve-se ao fato de, nesses documentos, haver formas estratégicas que buscaram controlar os momentos de inflexão na vida, em Tianguá, pela normatização urbana, instrumento definidor de zelo pelo cumprimento dos perfis sociais.

Os memorialistas ou bairristas, como eles mesmos se denominam, ao escreverem sobre Tianguá, mostram uma cidade "pacata", sem "conflitos", apenas uma cidade que crescia mediada pelo tão desejado "progresso".

Em mensagem poética e saudosista de fatos do cotidiano, os versos desses memorialistas eram escritos em linguagem popular que parece retratar os anseios da população. Acontece que os leitores e os sujeitos descritos talvez não tivessem a mesma visão que os bairristas, o que insinuou uma Tianguá para além desses textos.

A oralidade sim é fonte primária deste estudo, o que talvez seja justificável por se tratar de depoentes que tiveram a oportunidade de trazer, à tona, histórias, experiência de vida e o contexto histórico de Tianguá e da prostituição, fazendo-nos adentrar o mundo social cercado pelas formas de viver o meretrício, buscando perceber as representações "cristalizadas" pelo senso comum.

³ GARRIDO, Joan del Alcázar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. IN.: **Revista Brasileira de História**, São Paulo. ANPUH/Marco Zero, vol, 13, nº 25/26, setembro 1992/agosto 1993. p. 38.

⁴ O jornal "O Barroco" é fonte relevante por ser um forte veículo de narrativas que funcionavam, na maioria, como um canal de divulgação acerca do cotidiano dos atores locais. O jornal de circulação mensal era veículo de comunicação que atingia os tianguaenses sob vários aspectos. Nele podíamos encontrar propagandas comerciais, anúncios de missas, falecimentos, homenagens "póstumas", fotografias de famílias, artigos sobre curiosidades e outros anúncios. Os escreventes do jornal são tidos como bairrista, pois todos eram tianguaenses e escreviam sobre os fazeres na cidade tendo como ponto de referência as suas experiências de vida. A data da primeira edição do jornal: O Barroco – Órgão de Divulgação da Colônia Tianguaense em Ação, Ano I, nº 1, Dezembro/1987.

O maior desafio enfrentado foi a seleção dos depoentes. Tarefa que exigiu sensibilidade para identificar quais narradores estavam dispostos a reviver a própria história de vida, tendo como referência as práticas sexuais. Nesse ponto, em alguns momentos, deparei desencontros nas entrevistas, na maioria das vezes, os clientes geravam "inconveniências", encaradas como forma de resistência, que me levaram a analisar, além das experiências de vida, as expectativas geradas em torno do tema.

Por outro lado, as meretrizes e vizinhança apresentaram-se mais dispostas a verbalizar suas memórias e dar-lhes significado. As histórias de vida relatam desde os momentos vividos na efervescência do mundo da Cancela e da zona do baixo meretrício, a questões reflexivas referentes ao fechamento do ambiente da "zona".

Deve-se considerar que as entrevistas e a pesquisa de campo foram realizadas de quinta-feira a domingo, dias mais freqüentados, principalmente à noite; algumas, no período da tarde, devido à pouca movimentação.

É importante dar ênfase à não "exploração" de fotografias para compor a estrutura do texto, pois ajudaria a visualizar as mulheres e clientes, no interior dos bares e as mudanças ocorridas na "zona". Essa questão diz respeito à não autorização para utilizar as fotografias pelas meretrizes, o que desnorteou um instrumento importante de análise.

Outra observação, pelas possibilidades e limitações do trabalho com a oralidade, está ligada ao fato de os depoentes serem citados com iniciais escolhidas de maneira aleatória. Espero que a escolha não venha atrapalhar o entendimento das reflexões, mas tive que respeitar os direitos morais e preservar a integridade dos entrevistados, condições exigidas pelos depoentes.

Registre-se, ainda, que nas entrevistas, havia, no ato de verbalizar as memórias, o esforço, às vezes, em controlar as narrativas ou em contextualizá-las, pelo silêncio, gestos ou sorrisos. Por isso, notei que o trabalho com a memória apresenta-se diluído nas lembranças e na relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado, no exercício das transcrições, sendo possível apreender certos detalhes escurecidos no momento da entrevista. Dessa forma, a relação criada entre ouvinte e narrador pode ser definida parafraseando Ecléa Bosi:

“O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador, sua matéria, a vida humana”.⁵

Por outro lado, a matéria do narrador também está atrelada a questões que ligam o passado e o presente e que devem ser identificadas nos relatos dos entrevistados. Para isso, é necessário que o historiador esteja atento às pontuações, modulações e marcos que estruturam os discursos narrativos para, então, perceber “os muitos tempos da memória”⁶, sempre reavaliados, a partir do presente.

Pelos discursos masculino e feminino, também foi possível notar que os múltiplos fazeres descambaram-se para o mundo diverso das relações de gênero. Os fatos abordam os limites e as desigualdades de uma relação que está sujeita a tomar várias ramificações articulando-se com as próprias formas de viver e sentir a sexualidade. Cruzam-se, nessa relação, imagens, gestos, comportamentos e atributos que formam e pontuam experiências que não buscam uma conceituação dos papéis, nas relações de gênero, mas permitem entender o fator multifuncional da relação entre clientes e meretrizes.

De fato, creio que as fontes selecionadas me ofereceram indícios para uma argumentação capaz de nos relevar a historiografia em que estão presentes os movimentos dos sujeitos que vivenciaram a cidade e o meretrício. Dessa forma, a dissertação está estruturada em três capítulos:

No primeiro – **Tianguá: um lugar em construção**, procura-se trazer ao debate a descrição da cidade de Tianguá, onde, na perspectiva de historicizar essas configurações, são enfatizados diferentes momentos da sua trajetória. Ainda, especificamente, podem-se notar, no tempo, fatos referentes à ocupação do povoado e à formação dos primeiros núcleos urbanos, às condições geográficas e sociais, às configurações espaciais significativas como: lazer, sociabilidade, comércio e outros setores de atividades para, então, mapear os fatores que fizeram de Tianguá um “lugar de passagem”.

⁵ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 90.

⁶ PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. IN.: **Projeto História**, nº 17, São Paulo: PUC, nov. 1998. p. 207.

Outro fator é a dinâmica entre a cidade e o meretrício, em face da dimensão processual dos discursos e das práticas dos tianguaenses, vivenciadas dentro do movimento que revela o crescimento da cidade e do meretrício.

No segundo – **O Mundo da Cancela**, dá-se ênfase à apresentação e origens do mundo da prostituição em Tianguá, mapeando os primeiros bares que se formaram na cancela, visualizando os momentos de inflexão social no bairro e os setores que movimentaram o espaço, mostrando a dinâmica da vida dos residentes; em seguida, tem-se a formação da zona do baixo meretrício e a trajetória dos diferentes tempos vividos por diversos personagens (madames, meretrizes e clientes) que filtraram normas e burlaram ordens para sobressaírem como “sujeitos”.

Nesse capítulo, ainda há a preocupação em analisar o fechamento do meretrício pelo Juizado da Infância e da Juventude e notar como as configurações cotidianas do meretrício mudaram, pós-transferência das meretrizes, para outro bairro afastado.

No terceiro – **Representação Social: Os discursos sobre a prostituição em Tianguá**, buscam-se contrapontos que viabilizam a análise acerca do “imaginário social” criado em torno dos discursos e comportamentos praticados por clientes e meretrizes estabelecidos na “ZBM”. Ainda estabelecem-se pontos de discussão referente à representação em torno do domínio masculino nas artimanhas da sedução e do contrato sexual. Outro aspecto desse capítulo é o “uso” e poder sobre o corpo. Isso pode nos remeter à compreensão dos modos de apropriação que sujeitaram meretrizes a utilizar o corpo para burlar e instrumentalizar a ânsia dos desejos sexuais dos clientes.

Esta estrutura é apenas uma forma organizacional do corpo do trabalho. Espero que os capítulos que seguem permitam, não somente identificar aspectos “estereotipados”, mas levem-nos a fazer uma reflexão sobre as resistências, códigos, maquinações e os trajetos que clientes e meretrizes vivenciam no dinâmico e complexo jogo da prostituição.

CAPÍTULO I

TIANGUÁ: UM LUGAR EM CONSTRUÇÃO

“O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes”.

Ítalo Calvino¹

“Por onde entramos na cidade, é importante estar preparado para ver múltiplas cidades, ou múltiplas visões da cidade, o que significa a existência de múltiplos olhares sobre a cidade”.

Fábio Gutenberg²

Antes de abordar a formação dos primeiros cabarês e da zona do baixo meretrício, vejo a necessidade de discorrer sobre alguns aspectos referentes à formação histórica de Tianguá. Essa preocupação busca levar à visualização, no sentido de que seja possível notar que a composição espacial, nesse caso, contribuiu para a compreensão das inter-relações entre a cidade e a “zona” de prostituição como lugar de passagem. Outro ponto é o fato de tratar-se de uma cidade do interior do Ceará e, por algum motivo, os leitores talvez desconheçam as formas de viver e da cultura local tanto dos que a povoaram quanto dos que ainda hoje nela residem.

A análise histórica vem evidenciar a existência de várias cidades. O sítio do Barroão, pequena comunidade, restrita a um quadro de casas ao redor da igreja, onde a maioria das pessoas se conheciam, hoje tem o perfil diferente da cidade de ontem.

Com o aumento da população, Tianguá passou a abrigar outras dinâmicas, proporcionando outras vivências e relações. Aumentou o fluxo de pessoas e ampliaram-se os espaços urbanos compostos pelas várias ruas e avenidas que interligam os bairros.

¹ CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução D. Mainardi, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

² SOUSA, Fábio Gutenberg Ramos Bezerra. Três Leituras das Cidades: Críticos Literários, Historiadores e Cronistas. IN.: **Trajeto: Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Depto. de História da UFC**. V. 1, n1 (nov. 2001) Fortaleza, Depto. de História da UFC, 2001. pp. 61-83.

Num primeiro momento, procura-se criar trilhas para compreender a formação histórica da cidade, desde a povoação do sítio Barroco até sua elevação à condição de cidade. O interesse de resgatar um passado “tão remoto” tem o objetivo de apresentar Tianguá no contexto histórico, proporcionando ao leitor a visão do que foi a ocupação e a formação do núcleo urbano inicial.

No segundo momento, fase mais significativa para enfatizar esta pesquisa, procura-se compreender as possibilidades e limitações dos habitantes. Para isso foi necessário adentrar na cidade e tornar-me investigador das ruas para não criar pré-noções, percebendo, então, a dicotomia existente nos lugares freqüentados por diversos sujeitos. Percebi que estratégia mais evidente foi desenvolver um “olhar de estranhamento” para cada lugar visitado, não na sua superficialidade, mas procurando minuciosamente, no tecido urbano, algo que me permitisse à visualização dos acontecimentos específicos ajudando a não estereotipar lugares e sujeitos.

Diante dessa situação, nota-se que a construção do espaço social, dentro do contexto urbano, sempre esteve direcionada a desenvolver uma complexidade infinita de significados e características vivenciadas por inúmeros atores. Por isso, nesta pesquisa, procuro perceber como determinados lugares foram freqüentados e como as pessoas e/ou instituições percebem os transeuntes, bairros e outros espaços.

Seguindo essas mediações, procuro trazer elementos que permitam contextualizar as dinâmicas mais recentes dentro das quais se insere o aformoseamento do centro da cidade e o aparecimento e formação do meretrício abrigado pela urbe, abordados no segundo item. Para isso talvez seja necessário atuar no papel de detetive, como diz Carlo Ginzburg³, como “buscador” de indícios que procure evidenciar as tramas de uma cidade em movimento.

A partir dessas indagações, observa-se que as ações dos governos municipais objetivaram a instituição de regras visando disciplinar sujeitos, no período de urbanização, em que se pode notar uma interligação significativa de elementos que relacionam a cidade e o meretrício. Sobre esse aspecto, foi

³ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

possível notar que cada passagem e fixação de inúmeros sujeitos aos espaços (ruas, avenidas, bairros) sempre revelavam especificidade e particularidade chegando a criar identidades de certos territórios e sujeitos aí residentes. Segundo Barbosa, isso acontece porque "as histórias da cidade passam pelas ruas porque os passantes tecem os lugares, dando qualidade a essa trajetória de cerzir a cidade, mesmo que o tecido seja rugoso".⁴ Essa é uma das múltiplas funções que a cidade revela, os enigmas são vários, os atores são constantes.

Como historiador, ainda procuro construir uma "trama"⁵ analítica e narrativa referente à inter-relação da cidade e do meretrício para levar o leitor à percepção de que os sentidos e significados referentes aos eventos são mais envolventes e abrangentes que o fato cristalizado; ou seja, se na história tradicional somente os grandes acontecimentos eram estudados, nesta pesquisa, ao contrário, parte-se do pressuposto que privilegia e enfoca as trajetórias de agentes históricos diversos, anônimos na grande maioria, tomados em seus interesses conflituosos, tendo como objetivo particular o desvendamento das relações de sociabilidade e de poder.

A dinâmica desses sujeitos está constantemente presente em diversas fontes: memorialista, portarias, jornais de circulação local, a história oral e a memória. A utilização de tais recursos deve-se à pretensão de apresentar para o leitor uma visão múltipla da cidade baseada na gama variada de fontes de pesquisa dentre as quais as narrativas orais nos levem a visualizar e historicizar as tramas e as formas de apropriação dos espaços freqüentados pelos sujeitos.

Para construir o estudo, foi necessário uma metodologia que me levasse a cruzar elementos pertinentes a cada discurso, exercício que não foi fácil, mas que permitiu-me desenvolver uma estratégia metodológica diante dos diferentes aspectos das fontes. Essa visão e metodologia serão desenvolvidas com os devidos cuidados, seguindo configurações ligadas às propostas de cada item, ou seja, sempre percebendo que cada documento tem sua especificidade.

⁴ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. **Cidade na Contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do Século XX**. Dissertação (Mestrado em História) PUC, 1996. p. 41.

⁵ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 2ª. Ed. Brasília: Ed. UNB, 1992. p. 49.

1.1 Ocupação do Barroço sob a proteção de Nossa Senhora Sant'Ana:

O Barroço (hoje Tianguá), considerado lugar de passagem, serviu como eixo de entrecruzamento entre as localidades vizinhas e as de cima da Chapada da Ibiapaba.

O lugar – ponto de passagem – também foi referência para focos de investidas de colonizadores europeus que, deslocando-se do Jaguaribe em direção a Serra Ibiapaba, chegam à região após grandes dificuldades enfrentadas durante o trajeto.

O período dessas investidas está compreendido entre os séculos XVII e XVIII, em que além das tentativas portuguesa para deter a apoderação francesa o fator principal foram as consolidações das Aldeias da Ibiapaba. Assim, percebe-se que a região da Chapada Ibiapabana, e, especificamente, as terras do futuro povoado de Barroço, no período colonial, tiveram constante freqüência de portugueses, franceses e de diversas tribos indígenas, especificamente, os Tabajaras que se fixaram entre o rio Parnaíba e a Chapada da Ibiapaba.⁶

Assim, uma das primeiras ações da Coroa Portuguesa para restabelecer a Capitania do Maranhão e expulsar os franceses da chapada ibiapabana foi a criação de expedições. A primeira fora enviada por Diogo Botelho, Governador Geral do Brasil, comandada por Pero Coelho em 1603.⁷

A segunda expedição, em 1607, fora comandada pela Companhia de Jesus, à frente os padres jesuítas Francisco Pinto e Luiz Figueira.⁸

⁶ FROTA, Luciana Silveira de Aragão e. **A Ibiapaba do Século XVII e uma análise de suas condições sócio-econômicas atuais**. Gráfica Editorial Cearense, Fortaleza, 1976. Frota observa que a possível origem dos Tabajaras fora: "A dispersão da grande família Tupi-guarani [...] Observe-se que nos referimos ao grupo Tupi-guarani e que o povoamento não só do Ceará, mas também dos Estados vizinhos foi feito paulatinamente, em épocas e estágios diversificados. No caso de uma referência explícita aos tabajaras, eles possivelmente atingiram o planalto da Ibiapaba um ou dois séculos antes do descobrimento do Brasil. Desse modo, a sua presença naquela área nos parece anterior à corrente migratória proveniente do litoral, criada em função da pressão colonizadora portuguesa". p. 43 e 44. Ver também: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Estudos Ibiapabanos**. Sobral, Fundação Vale do Acaraú, 1979.

⁷ SOUSA, Mônica Hellen Mesquita de. **Missão da Ibiapaba: Estratégias e táticas na Colônia nos séculos VXII e XVIII**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza - UFC, 2003. (mimeo). p. 25.

⁸ FROTA, Luciana Silveira de Aragão e. Op. Cit. p. 33. De acordo com a autora, quando os Padres Francisco Pinto e Luiz Figueiras chegaram a Serra da Ibiapaba, subiram a chapada, provavelmente, num ponto um pouco ao norte onde hoje se localiza a cidade de Tianguá. Logo após o reconhecimento das terras se fixaram no aldeamento dos tabajaras e ficaram

Essa pequena introdução referente aos nativos e europeus, na Ibiapaba, tem o objetivo de mostrar que, desde muito tempo essas regiões já se constituíram em lugares de passagem e de fixação. Por esses elementos, nota-se que a História da Colonização do Ceará perpassa por essa área serrana.

Deixando o início dos embates da população nativa e colonizadores, a segunda metade do século XIX representa o recorte temporal em que se tem a formação da localidade Chapadinha, futuro sítio Barrocão, por portugueses, franceses e índios. O pequeno sítio Barrocão era de propriedade de um português chamado João Batista Leal. A família de João Batista Leal aportou primeiramente em Camocim no ano de 1786, mas fixou moradia na Freguesia da Vila Viçosa Real da América (hoje Viçosa do Ceará) em 1854. João Batista Leal, por determinação do Governo Provincial de Pernambuco, ocupava a função de tabelião, cujo trabalho era fazer o reconhecimento de terras vizinhas. Em uma das inúmeras viagens que fazia pela região, percebeu que o Barrocão era lugar de terras férteis e matas virgens, logo, apropriou-se das terras, consoante se lê no Livro de Registro de Terras da Freguesia da Vila Viçosa Real:

“No registro paroquial de Viçosa do Ceará e na escritura particular de compra do sítio Barrocão, delineia-se o campo onde foi plantado o município de Tianguá. Da leitura de ambos, depreende-se que João Batista Leal, coadjuvado por Manuel Nogueira da Costa, Antonio Ferreira Lima, Gonçalo Pereira de Sousa, o índio Nicácio José, o português Joaquim Frederico da Costa Rubim e outros, iniciaram o povoado de Barrocão”.⁹

Francisco Batista Leal, herdeiro das terras do Barrocão, considerado por alguns memorialistas locais¹⁰ como fundador da cidade de Tianguá, mudou-se da Vila Viçosa Real da América para Barrocão e, juntamente com índios, formou, no pequeno sítio, o primeiro núcleo de organização social.

Nota-se, que antes da fixação de Francisco Batista Leal, o que existia eram brejos e matas virgens. Após a instalação no Barrocão, Francisco Batista Leal, pediu autorização ao vigário de Ibiapina, Padre Pedro Cavalcante, para

sob a chefia do chefe Jurupariguaçu (Diabo Grande), podendo assim os jesuítas levantar povoação dedicando-se ao ensino, a catequese e a pacificação.

⁹ O Barrocão – Órgão de Divulgação da Colônia Tianguaense em Ação, Ano III, nº 7, Junho/1990. p. 02.

¹⁰ Ver: NOGUEIRA, José Alcides B. **Tópicos Poéticos da Origem de Tianguá**, 1994. JÚNIOR, Itamar Rodrigues. **Tianguá em Literatura de Cordel**, 2001. CARNEIRO, Pe. Francisco Eivaldo Carvalho. **A Diocese de Tianguá no vigor do seu Jubileu**, 1996. ABREU, Valdecy Santos. **Tianguá em Estudos Sociais**. Publicação Independente, 1998.

construir, através de ações coletivas, uma pequena capela de taipa coberta de palha, que mudou o cotidiano da localidade. Registra-se, que depois das tarefas diárias, a pequena comunidade se reunia para rezar e aclamar Nossa Senhora Sant'Ana, uma imagem trazida de Portugal pelo devoto Francisco Batista Leal.

Em pouco tempo, as notícias se espalharam pelas imediações, fazendo com que pessoas de locais afastados passassem a visitar o povoado com mais freqüência para aclamar a futura padroeira de Barrocão.

As orações cotidianas a Sant'Ana aumentaram de modo que o povoado não mais comportava tantos fiéis. Em 1883, Dom José Joaquim Vieira, Bispo do Ceará, em trabalho pastoral, ficou instalado na Paróquia de Viçosa do Ceará. Com destino à Paróquia de São Pedro de Ibiapina, Dom José Joaquim passou por Barrocão e visitou a capela de Sant'Ana, observando então os inúmeros fiéis que se acumulavam em pequeno espaço e prometeu que, ao chegar à Cúria, iria providenciar a Provisão¹¹ para transformar a capela em Curato, tendo como padroeira Nossa Senhora Sant'Ana.

Desde a fixação de Francisco Batista Leal, a capela de Sant'Ana, no povoado de Barrocão, esteve agregada à Freguesia da Vila Viçosa Real. Somente em 1886, a pequena capela foi elevada a Curato de Sant'Ana da Ibiapaba, desmembrando-se da Freguesia da Vila Viçosa Real.¹²

A história religiosa da povoação Barrocão fixa-se neste período, cujo movimento propicia a população argumentos para solicitar do Vigário Geral Governador do Bispado do Ceará um Padre exclusivo para o Curato, conforme se lê no seguinte abaixo-assinado:

“Os à baixo assignados, rezidentes no districto do Barrocão da Freguesia de N. S. da'Assumpção da Viçosa deste Bispado, vem submissos perante V. Excia Rma. Pedir lhe com instancia se digne de nomiar um coadjutor para esta Freguesia, o qual tenha a sua residencia nessa Povoação de Barrocão; e o motivo que têm para assim o fazerem é o seguinte:

Consta esta Freguesia 18 legoas em sua maior extensão, cuja população, já em numero bastante condicionavel, foi aumentada com a emigração que para ella houve por causa da ultima secca que assolou esta provincia; só n'este districto, segundo o computo a que se acaba de proceder com exactidão, existem seis mil quatrocentos e oitenta e dois habitantes.

¹¹ A Provisão era o documento oficial que se utilizava naquele período para legitimar um cargo, um exercício.

¹² CARNEIRO, Pe. Francisco Evaldo Carvalho. Op. Cit. p. 45.

Estes, de índole altamente religiosa, centena que não possam ser devidamente socorridas em todas as suas necessidades espirituaes, não obstante o louvavel empenho do Rmo. Snr. Vigário; pois que, não só o crescido numero de freguezes como a distancia que nos separa da séde de Freguezia, não por motivo que o faça.

(...) São estas as considerações em que nos fundamos para pedir a V. Excia. Revma. a nomiação de um coadjutor e esperamos que V. Excia. Revma. benignamente definirá; com o que
E.R.Mce".¹³

Em atendimento a solicitação da população assume, como primeiro padre do curato de Sant'Ana, José Tomás de Albuquerque, empossado em 6 de dezembro de 1886.

O Padre José Tomás de Albuquerque consolidou a fé cristã dos devotos de Sant'Ana e estabeleceu o catolicismo na região dos Tabajaras, quase três séculos depois da tentativa dos padres da Companhia de Jesus, Francisco Pinto e Luiz Filgueira na Missão Ibiapaba.

Percebe-se que, a exemplo de outras cidades brasileiras, o povoado de Barrocão cresceu e se desenvolveu em torno da pequena capela de Nossa Senhora Sant'Ana da Ibiapaba. Sendo assim, ao que tudo indica, por influência das missas e cultos diários, o pequeno povoado organizou-se juridicamente com o mesmo nome de Barrocão, sob a Lei de nº. 1280, sendo elevado à categoria de distrito de Paz da Vila Viçosa Real, em 28 de setembro de 1869. Contudo o Barrocão perde a condição de distrito pela Lei nº. 1401, de 22 de julho de 1871, logo, restaurado pelo Decreto nº. 1531, em 30 de julho de 1873.¹⁴

Em meio a esses termos, finalmente o Decreto nº. 33, datado de 31 de julho de 1890, criou o município com sede no povoado de Barrocão, elevando-o à categoria de Vila, no mês de setembro do mesmo ano, sob Decreto nº. 62, com o nome de Tianguá¹⁵, ficando assim desmembrado administrativamente e politicamente de Viçosa do Ceará.

¹³ Abaixo-assinado enviado ao Vigário Geral Governador do Bispado do Ceará, Distrito Barrocão, 15 de junho de 1883.

¹⁴ GIRÃO, Raimundo, MARTINS FILHO, Antonio. *O Ceará*. 3ª edição, ed. Instituto do Ceará, Fortaleza, 1966. p. 530.

¹⁵ O nome de Tianguá é indígena e deriva do riacho dessa denominação, afluente do Itaculumi. Pompeu Sobrinho, a principio, supôs ser formado de **tian** (gancho, entalhe, dente) + **guá** (tomar, receber, agarrar) = gancho que agarra, podendo vir, também de **tian** + **guade** + **guá** oco, curvo, seio = dente curvo ou oco (dente de cobra venenosa), Revista do Instituto do Ceará, vol. 33 p. 226. Segundo outra fonte, Tianguá não passa de **ti** (de **ty**) - **an** (ana) + **guá** (guaba): o lugar onde costuma aparecer o espectro do córrego (ou de água). Cf. SAMPAIO, José Dorian. *Municípios do Ceará*. Fortaleza, Ed. Stylus, s/d. p. 214.

O período compreendido entre 1854 a 1890 parece desenhar o marco da formação organizacional do povoado e do catolicismo.

Nesse período, destaca-se a seca de 1877¹⁶ que fez com que os sertanejos, fugindo da fome e do solo seco, procurassem as terras férteis da região. A Chapada da Ibiapaba oferecia matas verdes, córregos de água pura e cristalina, além de grande extensão de terras para criação de rebanhos. Os sertanejos encontravam, no povoado, lugar ideal para acomodar as famílias. Como podemos notar na citação abaixo:

“(...) o povoado de Barrocão (hoje cidade de Tianguá) consta de poucas casas em quadro e tem uma pequena capela não concluída. Se bem não seja ainda freguesia, é local populoso, e sua importância se verifica do número de reses que diariamente se abatem para o consumo público. (...) as dádivas com que a natureza brindou aquele núcleo situado no meio de diversos brejos, com terrenos apropriados para plantio de cereais e cana; nota-se que dispõe de recursos próprios, e tanto assim é que, durante o flagelo de 1877, que devastou a Província, acolheu e manteve imensa população do sertão que aqui veio pedir agasalho”.¹⁷

Se o povoado de Barrocão era privilegiado pela natureza¹⁸, sua posição geográfica também era ponto de grande importância para o desenvolvimento da comunidade e das outras freguesias (Freguesia da Vila Viçosa Real, Freguesia São Pedro de Ibiapina, Freguesia de São Benedito da Ibiapaba e outras).

As famílias dos sertanejos que vagavam em outras terras pela Capitania do Ceará não tiveram a mesma sorte dos que moravam no sopé na Serra da Ibiapaba. Mesmo assim, a dificuldade era subir a Serra e enfrentar a extrema cerração das matas.

¹⁶ A seca de 1877 não foi um fator somente da chapada da Ibiapaba, mas chegou a atingir toda a região do Ceará. Sobre esse assunto ver: NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: CE./SECULT, 2000.

¹⁷ Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, em 29 de maio de 1959, nas oficinas do serviço gráfico do IBGE, DF-Brasil. p. 535.

¹⁸ Até hoje Tianguá aparece, na Serra da Ibiapaba, como um dos municípios que apresenta excelentes fatores geológicos e climáticos por sua localização geográfica: “O município de Tianguá é beneficiado, porque possui solos, topografia e clima próprio, que resultam em condições ideais para uma produção satisfatória, isto associado à constância do calor, à alta luminosidade e à baixa umidade relativa do ar, características que permitem uma maior velocidade de crescimento das plantas e menor infestação de pragas e doenças, ou seja, maior produtividade com menores custos”. **Plano Estratégico de Desenvolvimento do Município de Tianguá/Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Ceará** – Fortaleza: Ed. SEBRAE/CE., 2000. p. 41.

Vê-se que o crescimento de veneração a Nossa Senhora Sant'Ana também seja proveniente dessa mudança de lugar dos sertanejos, pois, segundo alguns estudos¹⁹, o deslocamento das romarias era acompanhado por fixações definitivas em períodos de estiagem. Os sertanejos chegando ao povoado encontravam um lugar farto, com terras produtivas, e a proteção de Nossa Senhora Sant'Ana, fazendo do Barrocão, ainda no período, o destino de diversos processos migratórios.

As características da região e o crescimento do número de fiéis não impediram o Padre José Tomás de Albuquerque de pedir exoneração. De acordo com Girão e Martins:

“A 10 de janeiro de 1891 foi o Padre José Tomás de Albuquerque exonerado a pedido, e o Curato anexado a 23 do dito mês a freguesia de São Pedro de Ibiapina. Por Provisão de 6 de fevereiro de 1894 foi encarregado de reger o Curato, por tempo indeterminado, o Cônego Bernadinho Lustosa. Em 1895, a começar de 22 de outubro, voltou o Curato a ser regido pelo vigário de São Pedro de Ibiapina, Padre Francisco Inácio da Costa Mendes e assim permaneceu até que a 22 de fevereiro de 1897 foi novamente encarregado de administrá-lo o mesmo Cônego Bernadinho Lustosa, que passou a ser Cura efetivo por Provisão de 21 de julho de 1898”.²⁰

O Curato de Sant'Ana da Ibiapaba passava, nesse período, por uma desarticulação causada pela saída do Padre José Tomás e sua anexação à Freguesia de São Pedro de Ibiapina. Contudo a fé dos fiéis não enfraqueceu e as missas diárias fortaleciam a prática e difusão do catolicismo na adoração a Sant'Ana, pois acreditava-se que logo viria outro cura para a localidade e, em 1898, assume o Curato o Cônego Bernadinho Lustosa.

De fato, o processo de consolidação do catolicismo se fortaleceu e, após pouco tempo, foi criada, por Dom Manoel da Silva Gomes, Bispo do Ceará, a Paróquia de Sant'Ana²¹ de Tianguá, proporcionando a hegemonia religiosa na região:

¹⁹ NEVES, Frederico de Castro. Op. Cit. p. 49.

²⁰ GIRÃO, Raimundo, MARTINS FILHO, Antonio. Op. Cit. p. 530.

²¹ Contextualizando essa configuração histórica da presença da Igreja Católica na região, o espaço que outrora fora uma capela, em 13 de março de 1971, passou a ser Diocese sendo instituída pela Bula “Qui Summopere” do Papa Paulo VI, desmembrando-se na Diocese de Sobral. Seu primeiro Bispo foi D. Timóteo Francisco Nemésio Cordeiro e o segundo Francisco Javier Hernandez Arnedo, que permanece até hoje. No ato do processo de criação, a Diocese abrangeu 10 Paróquias. Mais detalhes ver: CARNEIRO, Pe. Francisco Evaldo Carvalho. Op. Cit. p. 06.

"Havemos por bem, pela autoridade delegada pelo Sagrado Concílio Tridentino, na Sessão XXI, Capítulo IV, elevar a paróquia actual Curato de Sant'Ana de Ibiapaba, com o título de Sant'Ana de Tianguá, devendo esta nova paróquia limitar-se com a de Palma, por uma linha divisória que, partindo de Barro Vermelho, nos limites de Ibiapina segue pela estrada de Jatobá, desce pelo rio Contendas até a barra do Ubajara, e d'ali até encontrar os limites de Viçosa, compreendido as terras de Oiticica, Pesqueiro, Jardim, Lagôa Grande, Itatinga, Cigano, Boqueirão de Angelo de Lima, Feitoria do sertão e Feitoria da Serra da Gamileira, com as duas capelas de Fornoalho e Frecheirinha encravadas nesse território.

Dada e passada nesta Cidade de Fortaleza e residencia Episcopal aos 15 de abril de 1914 sob nosso signal e selo de nossas armas".²²

Criada a Paróquia de Sant'Ana, logo é nomeado, pelo mesmo bispado, Padre Leopoldo Augusto de Sousa Rolim, para assumir os trabalhos paroquiais.

Vê-se que, mesmo com a alternância de decretos – a Vila fundada em 1890 é extinta pelo Decreto n°. 193, de 20 de maio de 1931, e restaurada pelo Decreto de n°. 1156, de 4 de dezembro de 1933²³ – que ora retirava de Tianguá a condição de Vila, a localidade e o Curato de Sant'Ana da Ibiapaba não tiveram atrapalhado o desenvolvimento, referente a situação socioeconômica e religiosidade, ganhando destaque na região.

Ainda sob o aspecto burocrático das leis e decretos, desde a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, Tianguá não só procurava consolidar os limites da cristandade, mas também definir seu quadro territorial:

"No quadro territorial datado de 31 – XII 1937, e no anexo ao Decreto – lei estadual n° 169, de 31 de março de 1938, ratificado pelo decreto estadual n° 378, de 20 de outubro do mesmo ano, o município de Tianguá divide-se em 4 distritos: Tianguá, Nova Olinda, Riachão e Santa Luzia. Pelo Decreto – lei, de 20 de dezembro de 1938, o Distrito de Tianguá perdeu parte de seu território para o novo Distrito de Palmeirinha, formando-se o município de Tianguá, no quadro fixado pelo referido Decreto – lei número 448 para vigorar no quinquênio 1939 – 1943, dos distritos de Tianguá, Palmeirinha, Pitanga (ex-Nova Olinda), Santa Luzia e Uberaba (ex-Riachão). Em virtude do Decreto – lei estadual n° 1114, de 30 de dezembro de 1943, que ficou o quadro territorial vigente no quinquênio 1944-1948,

²² Provisão da criação da Paróquia Sant'Ana de Tianguá por D. Manoel da Silva Gomes, por mercê de Deus e da Santa Fé Apostólica, Bispo de Fortaleza. 15 de abril de 1914.

²³ A Lei Federal extingue três municípios cearenses: Pentecostes, Independência e Tianguá. O motivo era o fato das referidas cidades não terem condições sustentáveis para o seu desenvolvimento. Nesse interstício Tianguá ficou pertencendo a cidade de Ubajara e mesmo com o Decreto de n°. 1156, de 4 de dezembro de 1933 a cidade só voltou a ter sua independência em 1935.

Tianguá compreende 5 distritos: Tianguá, Arapá (ex-Uberaba), Caroataí (ex-Pitanga e anteriormente Nova Olinda), Pindoguaba (ex-Palmeirinha e anteriormente Palmeiras) e Tabainha (ex-Santa Luzia).²⁴

Após a definição do quadro territorial da Vila, os aspectos sociais, políticos e econômicos começaram a se organizar com mais solidez, tendo o Decreto n°. 448, de 20 de dezembro de 1938, elevado a Vila à categoria de cidade.²⁵

Hoje, Tianguá com 114 anos de emancipação política ainda permanece com os referidos distritos mantendo a mesma nomenclatura, dividida em duas grandes zonas: zona urbana e zona rural.²⁶

Após a apresentação do panorama que enfatizou o processo de formação do povoado e, mais tarde, a elevação ao status de cidade, Tianguá representou crescimento muito rápido quando comparado com as outras cidades vizinhas, garantindo, assim papel de destaque na região. Nessa mesma visão, percebe-se que, desde sua povoação, na segunda metade do século XIX, Tianguá já se configurava como lugar de trânsito e de passagem.

Essa última observação é que configura o interesse maior em destacar a região que, pelo trânsito se apresentou como alvo muito freqüente de sujeitos que procuravam um lugar "sossegado" para se fixar. O clima da Serra de Tianguá atraiu muitos sujeitos de várias localidades do Ceará e de outros estados. Na visão de Nogueira, quando se refere à cidade, diz-se:

"Sou linda e formosa
ainda, terra sublime e elegante
vejam no meu regaço
o quanto sou deslumbrante.

Zelem por mim, ó filhos meus!!!
Embelezar minhas ruas e praças
municipalizar meus rios e cascatas
é um dever, serei grata.

Filhos maiores.... autoridades
Sou bem dotada de encantos
sou bem localizada e atraente
façam de mim uma terra decente..."²⁷

²⁴ Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Op. Cit. 1959, p. 535.

²⁵ GIRÃO, Raimundo, MARTINS FILHO, Antonio. Op. Cit. p. 530.

²⁶ Segundo o IBGE (2001), a população tianguaense se reparte entre a zona urbana (60%) compreendida pelos bairros e a zona rural (40%) que compreende pequenas localidades chamadas de sítios.

A característica atrativa deve-se à situação geográfica²⁸ e socioeconômica específica, outro ponto de concordância dessa articulação foi a projeção e construção da estrada da Serra da Ibiabapa, na década de 1930/40, e no asfaltamento da BR 222 em 1970.

No período de mapeamento da Serra e do asfaltamento, configuram as fases de crescimento do contingente humano, na cidade, que serão enfatizados neste capítulo, com análises dos elementos que levaram à criação de redes de comunicação e de diversos tipos de atividades comerciais, fazendo de Tianguá lugar de trânsito e de passagem que liga a cidade a vários caminhos, desde os dos arredores aos que seguem para Teresina-PI, São Luiz-MA e outros estados.

Por outro lado, este trabalho vai pontuar, neste capítulo, as formas dadas a esta "terra sublime e elegante" que, em fase do desenvolvimento, dava viés ao espaço para a prostituição e práticas libidinosas na compra do corpo.

No próximo item, abordar-se-á o período que mais interessa a esta pesquisa que é procurar trazer a historicidade dessas configurações, referenciando os momentos de inflexão da vida na cidade, tentando entender, numa perspectiva relacional com as características iniciais, a lógica que definiu o perfil da cidade, a partir da segunda metade do século XX, como centro administrativo de órgãos públicos e de relações comerciais, e, por essa via, procurar elementos que nos permitem contextualizar a formação da cancela²⁹ e do bairro Governador Ferraz, sempre procurando perceber como o meretrício participou ativamente do processo de crescimento e da complexidade da vida urbana dos tianguaenses.

²⁷ Nogueira é tianguaense e escritor de vários poemas referentes à cidade de Tianguá, é considerado um bairrista declarado, conforme ele mesmo se autodenomina. Sobre a citação acima ver: NOGUEIRA, José Alcides B. **Tianguá e a dura realidade**, 1987. p. 02.

²⁸ O município de Tianguá situa-se na Chapada da Ibiapaba (composta pelos municípios de Carnaubal, Croata, Guaraciaba do Norte, Ibiapina, São Benedito, Tianguá, Ubajara e Viçosa do Ceará), na parte Noroeste do Estado do Ceará. Ele é cortado por dois entroncamentos rodoviários: a BR 222, Rodovia Federal e principal conexão com Fortaleza que se situa a uma distância de 314 Km e a CE-187 – Estadual. Corresponde a uma área de 647,5 Km² equivalente a 0,4% do território estadual. A altitude da sede é 776 m. Os limites territoriais do Município são: ao Norte com Viçosa do Ceará, Moraújo e Granja, ao Sul com Ubajara, a Leste com Ubajara, Frecheirinha Moraújo e Coreauí e a Oeste com Viçosa do Ceará e o Estado do Piauí. Sobre esse aspecto ver: SAMPAIO, José Dorian. **Anuários do Ceará**. Fortaleza, Ed. Anuário do Ceará Publicação Ltda., 1994/1995. p. 161.

²⁹ É o espaço onde foram formados os primeiros cabarés. O Capítulo II trata de questões mais específicas sobre o mundo da cancela e o bairro que o abriga, em que poderá ser notada a constituição dos primeiros cabarés e o processo de formação da "ZBM" – Zona de Baixo Meretrício.

1. 2 A cidade e o meretrício: trilhas para uma perspectiva histórica.

“Uma cidade sem energia, completamente no escuro, mas todos se divertiam, nos bares, no cabaré, nas rodas de baralho, na sinuca do seu Plínio”³⁰, enfatiza Nogueira, em versos, referindo-se a Tianguá nos tempos da Madame Maria Eva ou, especificamente, no início da segunda metade do século XX, quando ainda se podia presenciar os ritmos de cidade interiorana.

Na interpretação do memorialista, o tempo vivido é o que traça caminhos e descaminhos criados pelos próprios residentes e, nesse sentido, faz-se romper a forma de como esses sujeitos viviam numa cidade ainda longe do “progresso” e, portanto, “sem energia”, “todos”, porém, encontravam a forma de preencher o tempo com práticas que iam desde a busca do prazer nos cabarés aos jogos de azar.

Como podemos observar, o universo citadino é um corpo latejante em que os sujeitos engendram mecanismos para sobreviverem no tão sonhado mundo urbano. Por isso, o tempo ocioso é utilizado para romper com as aventuras desses sujeitos que se utilizam dos espaços como formas de forjar experiências de vida. É o exercício que faz parte desse item: mostrar e dar voz às facetas cotidianas dessas experiências consideradas detalhes filigranados do espaço urbano. Os tempos dados à cidade são os tempos vividos, do descobrimento de lugares diversificados que possibilitam os próprios transeuntes sentir a cidade de forma “completa”.

Os bares, o cabaré, os jogos de baralhos e sinuca são o sentido que certos sujeitos davam ao modo de viver na cidade, declinando a Tianguá como espaço de rede de comunicação que ultrapassava a seda da malha urbana mostrando culturalmente as vicissitudes do lugar. Esse exercício nos chama a abordar tempos históricos que estão inter-relacionando o passado e presente.

O que seria então esse tempo presente? O tempo presente é composto por vários tempos. Segundo Walter Benjamin, “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras””.³¹

³⁰ NOGUEIRA, José Alcides B. *Recordações de um Levado das Levadas*, s/d. p. 11.

³¹ BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. IN.: *Magia e Técnica Arte e Política*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985. p. 229.

Nesse sentido, é que procuro trazer, à tona, o uso que o presente faz do passado e como ele pode ser detalhadamente relatado. Para enxergar “todas” as configurações do meretrício como lugar de destaque, dentro do espaço urbano de Tianguá, foi necessário percorrer a gama de documentos que vão desde a busca da memória social a documentos escritos.

Perante o desenrolar da pesquisa, percebi que os discursos eram elaborados por sujeitos e instituições que podiam indicar o mapeamento das experiências urbanas, depois notei a possibilidade de entender que, através do viver na cidade, era possível traçar o perfil do mundo da prostituição.

Mediante essas averiguações, reconheço que não posso apresentar a cidade sem notar os espaços e diversos lugares, pois nas dicotomias e antagonismo encontrado em cada rua ou bairro, ou até mesmo no ir e vir de transeuntes em espaços freqüentados cotidianamente, é possível notar as formas de viveres contratados por aspectos intimamente particulares. São alguns questionamentos referenciais para análise das tramas acometidas numa cidade, com seus espaços diversificados e tornados vivos por práticas e estilos de vida, acionados pelos próprios atores.

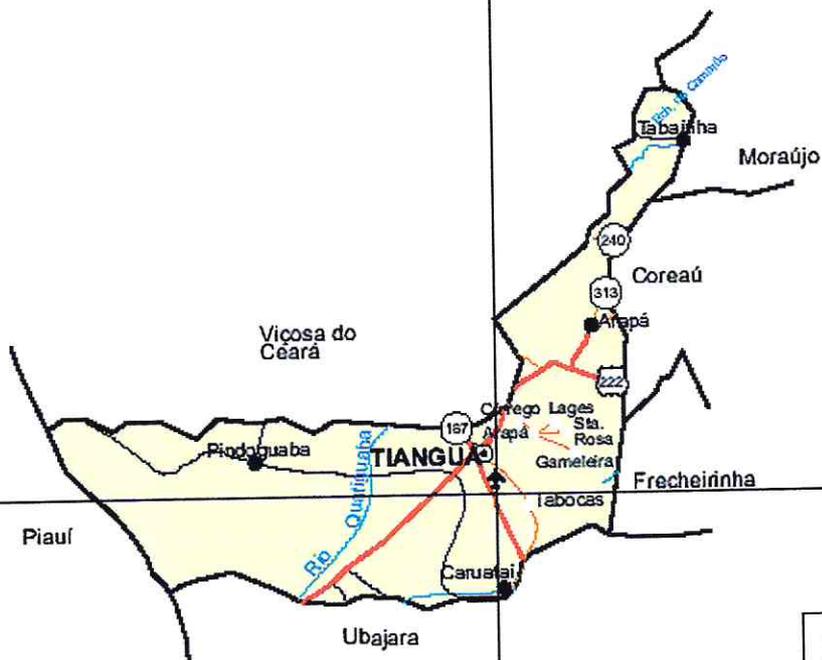
Nesse momento, vejo a importância da história oral e dos processos da memória como suportes que ajudam também na reconstrução dessas relações. Considerando que os documentos escritos são também casos particulares, pois determinados pelo olhar, perspectiva e lugar social de quem escreveu, só podem vir à tona certas interpretações, se existir o cruzamento dessas fontes. Essa estratégia poderá funcionar como ponto de reflexão e junção entre “narrado e o vivido”³², a memória do vivido.

Convido agora o leitor a conhecer um pouco de Tianguá da metade do século XX. O município já começava a se afirmar como um dos primeiros núcleos urbanos que despontavam na Serra da Ibiapaba – formado por Viçosa do Ceará, Ubajara, Ibiapina, São Benedito, Guaraciaba do Norte, Croatá e Carnaubal –, destacando-se como centro comercial e administrativo.

Além disso, a região constituiu ponto de encontro dos estados do Ceará e Piauí. O lugar de passagem, que era e continua sendo a cidade de Tianguá,

³² RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1993.

TIANGUÁ



MAPA DE LOCALIZAÇÃO



| | |
|-----------------------------------------|-----|
| CAPITAL | ★ |
| CIDADE (ACIMA DE 100.000 HAB.) | ■ |
| CIDADE (DE 50.001 ATÉ 100.000 HAB.) | □ |
| CIDADE (DE 20.001 ATÉ 50.000 HAB.) | ● |
| CIDADE (DE 5.001 ATÉ 20.000 HAB.) | ◆ |
| CIDADE (MENOS DE 5.000 HAB.) E DISTRITO | ◆ |
| OUTRAS LOCAÇÕES | ○ |
| LIMITES | — |
| FERRO-VIA IMPLANTADA | +++ |
| FERRO-VIA PLANEJADA | +++ |
| AERODROMO | ✈ |
| AEROPORTE | ✈ |
| PORTO | ⚓ |
| PREFÉCIO RODOVIAS: | |
| FEDERAL | Ⓜ |
| ESTADUAL | Ⓢ |
| TRANSITÓRIA | Ⓣ |
| CONSTRUIDAS: | |
| PAVIMENTADA PISTA SIMPLES | == |
| PAVIMENTADA PISTA DUPLA | == |
| IMPLANTADA | == |
| LEITO NATURAL | — |
| EM CONSTRUÇÃO: | |
| PAVIMENTADA PISTA SIMPLES | == |
| PAVIMENTADA PISTA DUPLA | == |
| IMPLANTADA (OO) | == |
| PLANEJADA | == |
| CONVENÇÕES | |
| CURSO D'ÁGUA PERMANENTE | — |
| CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE | — |
| LAGOA, LAGO | — |
| AÇUCE, BARRAGEM | — |

acabou por criar um fluxo muito grande de pessoas e produtos.³³ As relações de sociabilidade foram permeadas pela economia que a cidade gerava, garantindo a sustentação do seu poder regional.

O que talvez veio confirmar Tianguá como lugar de passagem foi a projeção e construção da estrada da Serra da Ibiapaba, na década de 1930/40³⁴, que ligou a cidade com outros estados e intensificou o tráfego de veículos que a transformou não somente em lugar de trânsito, mas em entreposto comercial para a região.

Tal característica ajudou Tianguá, já na década de 1950, a desenvolver uma rede de atividades, na região, e, no processo de ebulição da economia, o município começa a intensificar os primeiros estabelecimentos comerciais:

“Na cidade operam 28 estabelecimentos comerciais varejistas. Em 1° de janeiro de 1950, havia em todo o município 132 estabelecimentos, sendo 123 varejistas e 9 atacadistas. As vendas efetuadas pelo comércio varejista foi de ordem de mais de 5 milhões, contra pouco mais de 2 milhões do comércio atacadista. O comércio local realiza transações, principalmente, com as praças de Sobral, Fortaleza, Recife, em Pernambuco e Parnaíba, no Piauí. Os primeiros artigos de importação são tecidos, miudezas, ferragens, querosene, armarinhos e medicamentos. Tianguá exporta, em pequena escala, babaçu e rapadura, preferencialmente para os Estados do Piauí e Maranhão”.³⁵

Além do setor comercial, outro fator que concorreu para a consolidação de Tianguá, como centro administrativo, foi sua modificação demográfica. Em

³³ Até hoje a produção agrícola de Tianguá beneficia a cidade pela questão da transição, caracterizado pelo grande número de caminhões que transportam a produção. O Centro de Abastecimento (CEASA), tem grande representatividade em Tianguá e na região como espaço que abriga essa produção (hortaliças, verduras e frutas) e comercializa, semanalmente, para as regiões Sul, Norte e Centro Oeste do país. Além desse tipo de comercialização, o município é tradicionalmente reconhecida pela produção variada de renda, bordados, couro, palha, cerâmica, aguardente, doces, rapadura, batida, alfinim, tijolinho, queijos, etc.

³⁴ O projeto de construção da estrada foi do Ministério de Obras e Viação do governo Getúlio Vargas. Para arquitetar o projeto, vieram engenheiros de fora do Estado do Ceará e não conseguiram colocar em prática o plano, pois o lugar era de difícil acesso. Então, quem ainda conseguiu medir a extensão da estrada e elaborar um “croquis” foi o tianguaense Chico da Cunha, simples funcionário que arquitetou a estrada da Serra da Ibiapaba. Sobre esse assunto ver: O Barroco – Órgão de Divulgação da Colônia Tianguaense em Ação, s/d. Para ver mais detalhes referente a construção da estrada: Relatório escrito por Monsenhor Dr. Agesilau Aguiar ao Dr. Palhano de Jesus sobre a construção da estrada de rodagem de Sobral a Tianguá. 21 de agosto de 1928.

³⁵ Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Op. Cit. 1959, p. 537.

1950³⁶, a população era composta por 20.989 habitantes e saltou para 55.520 habitantes em 2001.³⁷

Nesses anos, a população quase triplicou. O crescimento populacional deve-se ao fluxo de grupos oriundos de regiões circunvizinhas e de outros estados, marcado pela presença de comerciantes, caminhoneiros, vendedores ambulantes, profissionais liberais, entre outras categorias que por aqui se instalaram, fazendo com que o município tivesse a mais alta taxa de crescimento demográfico da Serra da Ibiapaba. Diante desse quadro, faziam-se necessários novos investimentos na área urbana, o que, em geral, foi implementado de forma lenta pelos gestores.

Nesse contexto, muitas meretrizes também se fixaram na cidade, na década de 1950, norteadando o aparecimento do meretrício no cenário regional:

“Eu cheguei aqui em 1950 e logo de cara gostei muito da cidade. Sou natural de Frecheirinha, vim para Tianguá para ficar na zona mesmo e ainda hoje estou por aqui. Quando eu estava no cabaré era muito fácil aparecer gente de fora. Eu quando cheguei aqui conheci o Chiquinho que era de Sobral, fazia a feira aos sábados em Tianguá onde comprava mercadoria para vender na segunda-feira em Sobral. Durante a noite, ele ia lá para o bar e a gente ficava namorando. Ele era um cara legal, às vezes eu nem cobrava. Nessa situação, eu passei quase dois anos ficando com ele, aí... depois ele sumiu! Mais valeu à pena, eu sempre gostei de me relacionar com esses caras de fora”.³⁸

Esse período, configura-se o crescimento mais consistente do tecido urbano de Tianguá, propiciado pelo fato de ser lugar de entrecruzamentos de rodovias o que possibilitou, para a localidade, grande fluxo por sua posição geográfica e incremento da questão comercial. Também é nessa explosão demográfica que se forma o Posto de Fiscalização, dando origem ao mundo da cancela e, posteriormente, ao bairro Governador Ferraz que vão se configurar como espaços localizados nos arrabaldes da cidade.

Distante um quilômetro do centro da cidade, o local da cancela, no início da década de 1950, funcionava para fiscalização de caminhões carregados de mercadorias, era considerado de baixa densidade demográfica. A

³⁶ Nessa década, o contingente populacional estava dividido em 10.699 para as mulheres e para os homens 10.290. Ver: *Sinopse Preliminar do Censo Demográfico – Estado do Ceará – Recenseamento Geral do Brasil – 1950*. Rio de Janeiro/IBGE. p. 65.

³⁷ Segundo dados do IBGE (2001) o contingente populacional era dividido em 28.044 mulheres e 27.476 homens.

³⁸ Sra. M. H. N., 73 anos, ex-prostituta, residente em São Benedito. Entrevista concedida em 09/09/2001.

movimentação, na área, conseqüência da intensificação do fluxo comercial, deu lugar, pouco a pouco, a uma economia visando a atender os motoristas, muitas vezes obrigados a permanecer no lugar por algumas horas, o tempo necessário para fazer a vistoria.

Pode-se notar, que, ao redor do Posto de Fiscalização ou cancela, os espaços foram sendo preenchidos primeiramente pelo comércio. A freqüência, na área do Posto de Fiscalização, da população exclusivamente masculina aparece como fator predominante na instalação, nesse mesmo período, de casas propiciando atividade de vendas de bebidas e, posteriormente, a prostituição. Criou-se, então, o primeiro núcleo de prostituição que compreendia os bares espalhados aleatoriamente, no futuro bairro Governador Ferraz (na época bairro da Cancela). Nos depoimentos e, de forma geral, nas memórias masculinas, Madame Maria Eva, em Tianguá, destaca-se como uma das precursoras dessa atividade, que começou com a construção de uma pequena casa de taipa que, devido à demanda masculina, culminou com a aquisição de um casarão, referencial das noitadas tianguaenses e da região.

De fato, a freqüência de práticas sexuais, nos lugares que facilitavam a prostituição, nos finais de semana, passou rapidamente a representar um ponto importante do lazer masculino, tanto para a população da cidade quanto para outros sujeitos de diversos pontos da região.

A prostituição, desde cedo, esteve ligada à questão do entrecruzamento de rodovias. Neste aspecto, ele aparece como lugar de passagem multifacetado, considerado como lugar de pessoas conhecidas e desconhecidas, de esconderijo, lugar reprovável, de conflitos e de encontros.

Além dos caminhoneiros, percebe-se que o fluxo de pessoas, na cidade, e a rotatividade de produtos faziam com que comerciantes de outras localidades perambulassem pelas ruas. O fato mais interessante é que esses comerciantes realmente não se deslocavam para Tianguá somente para vender seus produtos, na busca da comercialização a diversão era também alvo dos viajantes, como se pode notar na citação abaixo:

“Se você queria uma diversão mais quente, ia até o cabaré de Dona Maria Eva. A noite lá era de divertimento que corria por conta da bebida e de mulheres.

Dia de sexta-feira, no cabaré, a noite esquentava pois de todos os lugares vinha gente, os feirantes, os vendedores de peixe

das praias vizinhas (referentes a Camocim) que lá esperavam o sábado amanhecer para vender suas mercadorias na feira".³⁹

Os comerciantes⁴⁰, além de venderem as mercadorias, também vinham atrás de diversão. Portanto, em meio aos espaços para trocas de produtos e a ida ao meretrício, após as vendas, os sujeitos acabavam por delinear relações que estavam sempre se refazendo, seja nas sociabilidades estabelecidas quando os vendedores comercializavam os produtos, seja no próprio prostíbulo.

No comércio, desenvolviam-se redes de amigos, de negócios e de solidariedades que permitiam, às vezes, dentro do matrimônio, utilizar estratégias para adiar a volta para casa, dando assim tempo de ir ao meretrício.

Assim, o movimento entre o centro comercial e o meretrício era constante, fazendo com que a freqüência construísse discursos e estabelecesse relações de sociabilidade dentro do próprio ambiente, permitindo uma análise da dinâmica do meretrício percebendo-o através dos sujeitos (prostitutas, madames, clientes, moradores) que projetavam maneiras diferenciadas do relacionamento com a prostituição, ora tendo que freqüentá-la (clientes), ora tendo que conviver (vizinhança).

Desta forma, o mundo da prostituição dentro da malha urbana cede lugar à sedução e ao prazer, dando a entender que a cidade noturna vingava a cidade diurna do trabalho e da disciplina industrial⁴¹, fazendo romper comportamentos que norteavam a vida entre o espaço da labuta e do prazer.

Percebe-se aqui que, em Tianguá, estava se formando um espaço territorial para a prostituição. A análise de Freitas ajuda a compreender a noção da construção de "territórios" e "delimitação" de espaços na cidade:

"Cada espaço social é uma extensão definida socialmente dentro de um território mais amplo, que é a cidade. No espaço, determinados grupos sociais constroem e delimitam características específicas a ele, com base na memória e no sentimento específico a sua finalidade na orientação de significados dentro do contexto espacial mais amplo que é o da cidade. O lugar constitui a posição, o

³⁹ NOGUEIRA, José Alcides B. Op. Cit. s/d., p. 12.

⁴⁰ A produção variada de Tianguá desencadeava, e ainda desencadeia, uma rede de comércio e trabalhadores, seja no mercado formal ou informal: motoristas de caminhões, capatazes, agricultores, feirantes, vendedores e outras funções fomentavam essa dinâmica na cidade.

⁴¹ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 168.

ensejo, a ocasião que os grupos sociais vivenciam dentro de um espaço, construindo igualmente para este espaço, uma posição, ensejo e ocasião vivida no contexto citadino”.⁴²

Observa-se, que cada lugar é uma extensão definida dentro da cidade, determinado por grupos sociais que constroem, delimitam e imprimem características singulares. Ocupando um espaço específico e freqüentado, nesse período, inclusive por uma parte da elite tianguaense, pode-se postular o fato de a prostituição representar espaço relativamente significativo em Tianguá do tempo da Madame Maria Eva. Na cidade pequena que não tinha muitas opções para o lazer, o meretrício acabou ganhando outros contornos. Sendo assim, pode-se observar o meretrício como lugar de “práticas sociais”⁴³ que rompe a idéia de lugar “a-temporal e, portanto, a-histórico”.⁴⁴

Essa referência ao espaço da prostituição em Tianguá é muito abordada nos escritos do memorialista Nogueira. Creio que sua narrativa possibilitará outra forma de visualizar as relações de sociabilidade e que também funcione como uma das diversas maneiras de trazer registros que instiguem reflexões sobre os fazeres de uma cidade.⁴⁵

Por outro lado, vê-se que os fatos cotidianos de uma cidade não devem ser apresentados de forma simplista e alegórica. No caso abaixo, talvez seja possível se pensar dessa forma, pois Nogueira descreve a cidade através de uma linguagem poética, saudosista e retrospectiva:

“Nossa diversão maior, que delícia!
As grandes sinucas do Sr. Plínio
Sua conversa engraçada, os amigos
Que ali faziam ponto, até alta noite.

Depois íamos para o cabaré
De D. Maria Eva, e ela a dengosa
Tirava o dengue dos meninos tímidos
Dos filhos mimados das mães”

Até o ano de 1958, vivíamos de brincar
Gozar as coisa boas de nossa Tianguá
Juntamente com as andorinhas de Sant’Ana

⁴² FREITAS, Nilson Almino de. Olhar sobre a “Sobralidade”: questões teórico-metodológicas. **IN.: Essentia**. Sobral, V.1, N.2, Jan/Nov-1999. p. 157.

⁴³ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1982. p. 65-89.

⁴⁴ ANDRADE, Iarê Lucas. **DA LINHA DO TREM PRA LÁ: o Discurso sobre a Prostituição na cidade do Crato – 1940/1960**. Dissertação de Mestrado em História Social, UFRJ/UFC, 2000. p. 05.

⁴⁵ Ao utilizar o memorialista, parto de uma outra opção de fonte como uma possibilidade de cruzar discursos na tentativa de matizar aproximações e divergências encontradas nas narrativas dos nossos interlocutores.

Que também foram e não voltaram”.⁴⁶

Falar em meretrício e não evocar o nome de Madame Maria Eva é não identificar essa mulher como referência para os embalos noturnos, presente até hoje na memória masculina. Nas noitadas das décadas de 1950 e 1960, era comum, nos finais de semana, após a bebida e uma conversa entre amigos, o bate papo terminar no cabaré da Madame Maria Eva.

Considerado o lugar que servia para “tirar o dengue dos meninos tímidos, dos filhos mimados das mães”, o meretrício ultrapassava o conceito de “lugar da luxúria” e passava a ser o lugar “tolerado” para que o “poder masculino”⁴⁷ pudesse estabelecer práticas viris. Nesse sentido, tem-se a própria dinâmica do meretrício e a importância dos vários significados que o ambiente é capaz de proporcionar dentro da cidade. Para Andrade:

“O mundo da prostituição encontra-se em uma dinâmica relação com a cultura local, não como um campo separado, isolado, constituindo um à parte. Na realidade, aparece muito mais como um tecido, onde os vários pontos e nós, utilizando fios multicoloridos se entrelaçam, se tencionam, e em cada nova laçada, se reforçam, deixando aparecer o desenho construído pela sociedade local”.⁴⁸

A sociedade local fazia do meretrício, um lugar atraente que proporcionava tessitura complexa de ligações entre o “glamour” e o desejo do corpo sexuado. Muitos personagens tornam esse lugar um atrativo para manter relações sociais e sexuais, como analisa Guedes, em relação a Fortaleza dos anos 1930:

“Os prostíbulos faziam parte do cenário urbano, dando um tom boêmio, transgressor, festivo e violento às noites da cidade construindo-se múltiplos conflitos e personagens”.⁴⁹

Pode-se perceber também que os prostíbulos representam lugares de experiências que não se esgotam na questão da sexualidade. Esse fato é enfatizado nos relatos dos memorialistas locais⁵⁰ que descrevem, por exemplo,

⁴⁶ NOGUEIRA, José Alcides B. *Tópicos Poéticos da Origem de Tianguá*, 1994. p. 19. (grifos nossos)

⁴⁷ Sobre o “poder masculino” ver: BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. O autor trabalha esse conceito interpretando uma “dominação masculina” que se ancora inconscientemente nas nossas expectativas. Noutro capítulo irei tratar do assunto com um “olhar” mais aguçado fazendo uma aplicação desse conceito para o meretrício tianguaense.

⁴⁸ ANDRADE, Iarê Lucas. Op. Cit. p. 133.

⁴⁹ GUEDES, Mardônio e Silva. *O preço da recusa: violência e limites no meretrício em Fortaleza (1930-40)*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1998. p. 18.

⁵⁰ Muitos são os memorialistas que escrevem sobre Tianguá, mas somente Nogueira consegue prender o leitor com narrativas sobre os aspectos cotidianos da história local. Nogueira trata

a formação da cidade, a vivência nos espaços urbanos, as mudanças de costumes e outras situações cotidianas que se desenvolvem dentro e fora do prostíbulo.

Como historiador, noto que o meretrício não é uma parte afastada da cidade e do convívio social, ao contrário, está inserido na dinâmica socioeconômica do município, a partir da década de 1950. A cidade do progresso também era a do meretrício, fazendo parte do crescimento urbano, como pode-se perceber nas fontes citadas. Mas também, ao redor das casas de prostituição, existe a teia de relações que singularizam o lugar. Através do crescimento do meretrício, observamos também a presença de personagens como a manicure, que zela pelas unhas das meretrizes, enfeitando-as com cores fortes e extravagantes, o comerciante que fornece alimentos, produtos de limpeza e bebidas, a cabeleireira, a lojinha de confecção, a escola onde as crianças estudam entre outros elementos.

Ainda na perspectiva de desenvolvimento do município, Nogueira observa que as décadas de 1960 e 1970 aparecem como fases decisivas para a consolidação de Tianguá como centro administrativo e econômico da Serra da Ibiapaba. Contudo a narrativa saudosista do memorialista parece falar mais alto e acaba por não perceber as diferentes disputas, sejam de interesses grupais ou individuais, valores políticos ou sentimentais, de poder econômico ou social. A felicidade por ele descrita, nesse período, talvez não correspondesse com o restante da população:

“Ano de 1965. Novos tempos. Chega
Energia de Paulo Afonso, CAGECE
E outras repartições, Cinemas e
Grandes festas com aparelhos elétricos

Um novo Tianguá nascia lindamente!
Tudo parecia resplandecer, florescer!
A cidade criou alma nova com a iluminação
Os tianguaenses sorriam de contentamento”.⁵¹

Como interpretar os “novos tempos”? Os tianguaenses aparecem, na escrita de Nogueira, alegres, contentes pelas repartições e festas com sons

de fatos e costumes de sua época de forma poética e saudosista, que pode-se até perceber uma certa eloquência na construção de sua narrativa. Várias vezes ele se denomina como “bairrista”, ora transformando a cidade de Tianguá em um espaço de “boa convivência”, ora mostrando a “dura realidade” dos tianguaenses que outrora vivenciaram ou dos que ainda vivenciam Tianguá.

⁵¹ NOGUEIRA, J. A. B. Op. Cit. 1994, p. 23.

mecânicos que circulavam na cidade. Parece que homens, mulheres, crianças, jovens e idosos desejavam com ansiedade o progresso.

A instalação de várias repartições públicas⁵² tornou mais fácil o acesso dos contribuintes e/ou usuários da cidade e das regiões vizinhas para resolverem situações de ordem bancária, compra de mercadorias, assistência a serviços de terceiros e outras prestações de atividades, antes realizadas em Sobral.

Essa configuração fez Tianguá tornar-se centro administrativo, direcionado para uma consolidação de economia mais densa, pois os diversos setores de atividades ganharam impulsos financeiros e, de certa forma, esses fatores também acabaram por dar outras formas aos aspectos sociais da vida na cidade.

A década de 1970 é, portanto, o período em que se constituem as "benfeitorias" advindas do tão almejado progresso. Nesse sentido, o memorialista homogeneiza, nas narrativas, expectativas de vida e comportamentos:

"Em 1972 uma nova alegria brotou!
Tivemos Telecomunicações, fomos ligados
Com o mundo pelo sistema Embratel
Com discagem direta DDD. Beleza!

E hoje, do que precisamos?
Crescer garbosa e elegante
Um grande cartão postal
A terra chora e pede progresso!"⁵³

A idéia de "progresso" parece fator constante no cotidiano dos tianguaenses. O memorialista, nesse momento, se coloca como espécie de porta voz da população, aclamando entusiasticamente os equipamentos que parecem colocar Tianguá no contexto de modernidade: com a Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações – a população foi "ligada ao mundo".

⁵² Exemplificando a importância desse crescimento e, em particular, do papel administrativo de destaque na região, Tianguá conta hoje com as seguintes instituições: 13ª Microrregional de Saúde, CREDE 5 (Centro Regional de Desenvolvimento da Educação), Diocese, Secretaria Regional da Fazenda Estadual - SEFAZ, 2ª Companhia do 3º Batalhão da Polícia Militar, Delegacia Regional de Polícia Civil, Campus Avançado da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Instituto de Desenvolvimento do Trabalho - IDT, Serviços de Apoio à Micro e à Pequena Empresa - SEBRAE, Departamento de Trânsito - DETRAN, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE, Companhia de Abastecimento D'água e Esgoto - CAGECE, Companhia de Energia Elétrica - COELCE, Comunicação e Telégrafos e das Agências Bancárias: Caixa Econômica Federal - CEF, Banco do Estado do Ceará - BEC, Banco do Brasil S.A. - BB e Banco do Nordeste do Brasil - BNB... dentre outras.

⁵³ NOGUEIRA, J. A. B. Op. Cit. 1994, p. 24

Assim, nos trechos de Nogueira, é perceptível o reforço na afirmação de que Tianguá se apresentava como um “cartão postal”, bonito, repleto da felicidade advinda do progresso.

Em meio à idéia de “cartão postal”, seguiam as práticas de prostituição e a ocupação de outros lugares da cidade por mendigos, desempregados que também davam sentido à dinâmica urbana que rumava, paralelo, à modernidade.

Como espécie de cronista oficial, o memorialista encontrava-se em perfeita sintonia com o discurso de modernização da cidade empregado pela gestão municipal. A título de exemplo, podemos citar este decreto da prefeitura, que por ocasião da inauguração de uma Agência Bancária e de uma Praça, determinava feriado municipal:

“(...) Considerando a excepcional expressão de impulsionamento do progresso para este município com a inauguração da Agência do Banco do Estado do Ceará – BEC, no dia 4 de abril.

Considerando que nesta data, estarão em Tianguá o Exmo. Sr. Governador do Estado e outras autoridades Estaduais, Federais e Municipais, especialmente convidados trazendo com suas presenças ilustres notável apoio a este Município com integral apoio desta Prefeitura.

Considerando também, que nesta data se fará a inauguração da praça a Margem da BR 222, Praça Almirante Rubim...”⁵⁴

Nesse momento, nota-se que o memorialista e o gestor municipal reforçam a visão do progresso na qual as relações de sociabilidade aparecem como homogêneas, portanto, presas a modelos sociais que não levam em consideração as tensões e conflitos que marcam o período.

No caso, Nogueira talvez tenha “exagerado”, movido pelo entusiasmo de bairrista, deixou de perceber que muitos dos serviços públicos só alcançaram a classe dominante, a elite tianguaense. Os pobres não foram beneficiados com a iluminação que se constituía como pública, e as festas animadas pelos sons mecânicos eram privilégio dos boêmios no centro urbano, pois a população dos arrabaldes não tinha acesso a esses ambientes.⁵⁵

⁵⁴ Decreto de nº 15/1977 – Expedida pelo prefeito José Evangelista de Sousa.

⁵⁵ A título de exemplo, era o Ibiapaba Clube de Tianguá que, fundado na década de 1950, promovia festas, bailes e leilões, mas tinham um público selecionado e, portanto, elitizado. Haja vista os seus associados que comandam, ainda hoje, a direção do Clube. Ver: Gazeta da Serra: Ibiapaba Clube ontem e hoje. Tianguá-Ceará, Ano I, nº 16, 21 de janeiro de 2001. p. 05.

Desta forma, imaginar esse passado no sentido de recompor experiências ou pretensões almeçadas pela população, aparece como grande desafio a ser desvendado. O que se percebe é que, ao visitar a narrativa de Nogueira, ainda "choramos" febrilmente pelo progresso. As camadas mais pobres ainda esperam receber empregos, saúde e escola para seus filhos.

O progresso também foi privilegiado na visão do jornal "O Barroco":

"Desde 1974, após a construção de moderna rodovia ligando por asfalto Fortaleza a Belém do Pará, numa extensão de 1.578 quilômetros, a região ibiapabana, em particular o Município de Tianguá, passou a ocupar razoável espaço na economia das regiões acima citadas. Com a implementação do projeto Polonordeste, a partir de 1975, a produção hortifrutigranjeiro atingiu elevados índices de crescimento, servindo para solidificar o 'status' da Ibiapaba como autêntico celeiro e de Tianguá, em particular, como entreposto comercial, dada a sua localização geográfica".⁵⁶

Na citação acima é possível perceber dois fatores que merecem destaques: a construção da BR 222 e os investimentos do projeto Polonordeste. Após o asfaltamento da estrada da Serra da Ibiapaba, a rodovia serviu para confirmar sua posição como lugar de trânsito e de passagem. O asfaltamento e o alargamento da estrada facilitaram o transporte de mercadorias e viagens que antes levavam meses.

Por outro lado, o projeto Polonordeste serviu para incrementar o fluxo econômico da região serrana, com instalações de órgãos públicos Tianguá⁵⁷ foi a cidade mais beneficiada da serra.

Segundo fontes oficiais, a década de 1970 é preponderante para Tianguá, na consolidação de uma economia mais densa e o município ganha respaldo como centro administrativo da região serrana. Contudo tal referência apoiava-se no ufanismo de alguns tianguaenses. A cidade não tinha estrutura para ser o grande impulsionador da economia local, pois não havia empregos

⁵⁶ O Barroco – Órgão de Divulgação da Colônia Tianguaense em Ação, Ano V, nº 19, Novembro/1991. p. 03.

⁵⁷ Segundo Silva: "Tianguá foi, dentre as sedes municipais da área serrana da ibiapaba, a que apresentou, no período de 1970 – 1980, a mais elevada taxa de crescimento geométrico da população. Este dinamismo demográfico de Tianguá é devido ao desenvolvimento do comércio de produtos hortícolas, em particular o tomate, cuja cultura vem se expandindo naquela área serrana. Esses produtos possuem um mercado consumidor bastante amplo incluindo Fortaleza, Teresina, São Luis, Belém e interior do Ceará. O desenvolvimento das atividades comerciais nesse centro reflete-se na importância do seu setor financeiro, atestada pelo número de bancos oficiais (quatro de um total de cinco). Sobre esse aspecto ver: SILVA, Marlene Maria. **O norte cearense**. Recife-Pernambuco: Estudos Regionais, 1985. p. 236.

que gerassem renda fixa e tampouco indústrias para desenvolver uma economia mais sólida.

Diante desse conceito de progresso, os espaços públicos foram transformados em locais atraentes, que, mesmo com características de cidade do interior, atendiam às expectativas da população local, cuja opção para o lazer era mínima. A pavimentação das ruas, a instalação do sistema de abastecimento d'água, a ampliação da iluminação e das telecomunicações, a construção de praças e de outros equipamentos públicos eram reais, embora não alcançassem toda a população.

O tecido urbano de Tianguá começava, então, a ser transformado e o centro da cidade não era mais apenas lugar de comércio. Sobretudo manifestava-se, por parte dos poderes públicos, a necessidade de apresentar-se uma cidade bonita e asseada. Para tanto, era necessário estabelecer a organização do espaço e desenvolver políticas urbanas destinadas a integrar a população no quadro desejado. Assim enunciaram-se regras comportamentais, definindo as ações que eram desviantes e punindo aqueles que as praticassem.

Para manter a ordem e garantir o cumprimento da lei, organizou-se o Código de Postura aos 25 de setembro de 1980⁵⁸, cujo objetivo era disciplinar a população. Essas políticas de controle ganharam impulso nas grandes capitais do Brasil, no século XIX⁵⁹, e nas cidades interioranas, somente na segunda metade do século XX.

No imaginário social, as práticas reguladoras de comportamentos são vistas como estratégias de poder. Pois controlar homens e animais, o público e o privado, edificações e o alinhamento de ruas – praças, são formas necessárias para imprimir a imagem de uma cidade organizada, não somente na estrutura física, mas populacional também.

Diante das medidas para criar a cidade "ideal" é que se estabelece o Código de Postura para nele atrelar todas as funcionalidades e relações de sociabilidade, quem porventura fosse flagrado praticando ações contrárias às

⁵⁸ SOUSA, José Evangelista de. **Código de Postura Municipal – Prefeitura Municipal de Tianguá**. 1980.

⁵⁹ Ver: PONTE, Sebastião Rogério. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. IN.: **SOUSA, Simone de (Org). Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. pp. 162-191.

disposições previstas no Código, as penalidades as infrações eram regidas sobre multas e apreensões.

Dessa maneira, com a preocupação de manter a higiene na cidade, o controle começou pelas vias públicas. Assim, no Artigo 28, ficava terminantemente proibido:

- I – lavar roupas em chafarizes, fontes ou tanques situados nas vias públicas;
- II – consentir o escoamento de águas servidas das residências para a rua;
- III – conduzir, sem as precauções devidas quaisquer materiais que possam comprometer o asseio das vias públicas;
- IV – queimar, mesmo nos próprios quintais, lixo ou quaisquer corpos em quantidade capaz de molestar a vizinhança;
- V - aterrar as vias públicas, com lixo, materiais velhos ou quaisquer detritos;
- VI – conduzir para a cidade, vilas ou povoações do Município, doentes portadores de moléstia infecto-contagiosos, salvo com as necessárias precauções de higiene e para fins de tratamento”.⁶⁰

A pretensa chegada do progresso para a população urbana representou a imposição da vigilância e da disciplina no cotidiano. O alvo crucial dos projetos políticos municipais procurava controlar as ações dos indivíduos nas ruas. Segundo Ponte, essa visão tinha a pretensão de “civilizar” e “domesticar” a população, sobretudo os setores populares, cujos hábitos e costumes eram tidos como rudes e selvagens pelos agentes daquele processo civilizador”.⁶¹

Controlar a higiene pública através da proibição da poluição das ruas e da passagem de doentes pelas vias mostra a disposição dos poderes municipais em tentar reproduzir e “aplicar” os comportamentos da capital cearense no município interiorano.

No mesmo sentido, a “Moralidade e o Sossego Público” também tiveram grande representatividade no Código de Postura, como pode-se notar no Título III, que trata dos Costumes, Segurança e Ordem Pública:

“Artigo 58 – É expressamente proibido às casas de comércio ou aos ambulantes, a exposição ou vendas de gravuras, livros, revistas ou jornais pornográficos ou obscenos.

Parágrafo único – A reincidência na infração deste artigo determinará a cassação da licença de funcionamento”.⁶²

Vê-se que as práticas da obscenidade já começavam a ganhar certa notoriedade, pois os estabelecimentos comerciais eram vigiados para não

⁶⁰ SOUSA, José Evangelista de. Op. Cit. 1980, p. 6.

⁶¹ PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit. p. 163.

⁶² SOUSA, José Evangelista de. Op. Cit. 1980 p. 11.

perturbarem o sossego público por conta da exposição de atentado ao pudor. Os costumes e a ação dos indivíduos, na cidade, eram controlados e vigiados por parte da administração pública que passava a ditar regras e comportamentos. Para moralizar a cidade e para que não houvesse desordens no espaço público, a pornografia e a algazarra eram extremamente proibidas.

Vale ressaltar que, nos documentos analisados, não foi encontrada nenhuma referência prevista em lei proibindo quaisquer atitudes no meretrício, com exceção do exposto no artigo 78, que ressalta que na "localização de 'dancings', ou de estabelecimentos de diversões noturnas, a Prefeitura terá sempre em vista o sossego e decoro da população".⁶³

Basta analisar os atos de disciplina para perceber como o meretrício era tolerado, visto que as prostitutas ficavam com os movimentos restritos a periferia, facilitando, dessa forma, seu controle. Outra hipótese permite compreender a relativa tolerância com a qual o meretrício se beneficiou no mesmo período, pela proximidade e interação constante que manteve com as autoridades oficiais ligadas ao posto de fiscalização.

Mas o controle não ficava restrito somente às vias públicas. Os espaços de grande fluxo passavam a apresentar algumas condições para quem os freqüentasse, a exemplo do ocorrido no Centro de Abastecimento:

"O Prefeito Municipal de Tianguá, JOAQUIM JAQUES NUNES, no uso de suas atribuições legais, etc...

1. CONSIDERANDO a imperiosa necessidade de ser preservado o princípio de Autoridade;
2. CONSIDERANDO a obrigação de ser mantido o respeito e dignidade a quem tem direito a nobre família Tianguaense;
3. CONSIDERANDO ainda as últimas ocorrências deprimentes verificadas no Centro de Abastecimento do município, com depredações da coisa pública, bem como a anarquia e o uso de palavras de baixo calão, impossibilitando assim a presença naquele recinto de senhoras e menores;
4. RESOLVE:
 - a) – Proibir por tempo INDETERMINADO a freqüência no citado Centro de Abastecimento, do menor JOSÉ ALCIR e de RAIMUNDO TOMAZ DAS CHAGAS vulgo CATITA, bem como suspender por 30 dias as seguintes pessoas: JOSÉ DA SOCORRO, EDVAM VASCONCELOS, CORACY BRITO, ERIVALDO, EDMUNDO XAVIER DE SÁ, JOSÉ MARIA MARANGUAPE, LINDOMAR DE BRITO, NENEM DO CARNEIRO e RAIMUNDO MARANGUAPE.
 - b) – PUBLIQUE-SE, AFIXE-SE E CUMPRA-SE".⁶⁴

⁶³ Idem. p. 15.

⁶⁴ Portaria s/n-1975 – Expedida pelo prefeito Joaquim Jaques Nunes.

Jaques Nunes foi o 52º Prefeito Municipal de Tianguá, governando o município de 1973 a 1977, mesmo período o governo do Estado do Ceará, representado pelo Coronel César Cals de Oliveira Filho. O referido prefeito foi responsável pelo asfaltamento das principais ruas da cidade, assim como pelo início da construção da rodoviária e ampliação da malha viária.

Mas, para Jaques Nunes, era necessário, antes de tudo, disciplinar os habitantes, o que não foi tarefa tão fácil. A portaria que estabelecia a ordem de silêncio e de proibição para os sujeitos que cotidianamente freqüentavam o Centro de Abastecimento⁶⁵ não foi expedida somente com o objetivo de disciplinar as ações, mas se configurava como tentativa de se apropriar e "privatizar o bem público"⁶⁶ por parte do gestor municipal, prática muito presente no período da ditadura militar, havendo ainda as questões voltadas aos conceitos de paternalismo e coronelismo.

Nesse momento, é possível perceber que, nos lugares públicos, era preciso que os transeuntes controlassem gestos e palavras, chegando mesmo a excluir os considerados inadequados, para que fossem mantidos o "respeito e a dignidade" da nobre família tianguaense.

Se por um lado, na década de 1970, havia um crescimento vertiginoso do espaço urbano, provocando o aquecimento no setor econômico e o desenvolvimento de uma política urbana, por outro, a cidade do progresso criava mecanismos para tentar tornar invisíveis os mendigos.

A portaria que impedia a presença de certos mendigos, como Catita, Nenen Carneiro e outros, no Centro de Abastecimento, não levava em conta que esses indivíduos pudessem se ocupar de alguns pequenos serviços dentro do mercado para sobreviverem. As medidas públicas visavam simplesmente à punição desses personagens, como fica claro no memorando, que acompanha a portaria, escrito pelo Delegado de Polícia Zarlul Sarquis:

⁶⁵ Sobre a importância do Centro de Abastecimento (CEASA), conhecido também como Mercado do Produtor, na Serra da Ibiapaba, Silva enfatiza: "Tianguá centraliza a comercialização da produção agrícola da área serrana da Ibiapaba. A intensificação das atividades hortifrutícolas nessa área e a criação, em 1978, do Mercado produtor, em Tianguá, contribuíram para ampliar substancialmente o espaço atingindo pelos fluxos comerciais desse centro urbano". Sobre esse aspecto ver: SILVA, M. M. Op. Cit. p. 239.

⁶⁶ Essa apropriação: "privatizar o bem público", refiro-me às práticas de clientelismo que existia na região no período analisado. O compadrio era muito comum e se misturava com os currais eleitorais. A exemplo, é o próprio prefeito Jaques Nunes, que pertencia à dinastia da família Nunes, em que governou o município por mais de vinte anos consecutivos tendo o seu pai - João Nunes de Menezes - à frente das grandes alianças políticas de Tianguá.

"Em atendimento a solicitação do Senhor Prefeito Municipal, esta Delegacia de Polícia procederá fiscalização no Centro de Abastecimento para um cumprimento da presente portaria".

A população pobre da cidade nem sempre é observada pelos poderes públicos como dinamizadora dos processos históricos. Em Tianguá, não foi diferente. Tais sujeitos foram observados como "anarquistas" que perambulavam pela cidade promovendo desordem agredindo certos ilustres que também, em alguns momentos, dividiam o mesmo espaço.

Analisando Montenegro, talvez seja mais fácil identificar a peculiaridade dos referenciais desses sujeitos que se encontram às margens dos espaços urbanos:

"(...) as populações pobres que vivem na periferia das cidades numa luta diária contra a falta de alimentos, constroem suas representações, instituem um imaginário, perpassando também por essas experiências cotidianas".⁶⁷

O controle dos habitantes, nos espaços urbanos de Tianguá, revela-se como uma imagem cotidiana que ultrapassa a própria disciplina. Ele cria preconceitos que chegam a silenciar ou ocultar os sujeitos que freqüentavam determinados lugares, como não sendo fazedores da história. Dias observa que:

"(...) sempre relegado ao terreno das rotinas obscuras, o cotidiano tem se revelado na história como área de improvisação de papéis informais, novos e de potencialidade, de conflitos e confronto, em que se multiplicam formas peculiares de resistências e luta".⁶⁸

Os papéis informais desenvolvidos pelos personagens citados na portaria talvez representem uma forma de resistência na luta pela sobrevivência. A multiplicidade de formas, no cotidiano, é reveladora de inúmeros sujeitos que, ao lutar e resistir às normas estabelecidas no social, são tidos como desordeiros e desarticuladores da ordem, por isso acabam se tornando caso de polícia.

Mediante os fatos abordados, referentes à ocupação do espaço urbano, entende-se que Tianguá estava longe de ser a cidade do progresso. A apresentação da beleza exuberante da serra ibiapabana se contrapunha aos conflitos sociais ocultados ou "esquecidos" pelos poderes locais.

⁶⁷ MOTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994. p. 36.

⁶⁸ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. 2ª. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 23.

Os discursos que percorreram as ruas elaboraram uma imagem solidificada em torno do controle de duas cidades: a do progresso, que era a cidade das elites, e a dos tipos e costumes populares, que era a dos rostos muito conhecidos, porém sem espaços na cidade do progresso.

O centro de Tianguá, densamente povoado e formado por ruas estreitas, na década de 1970, avançou muito no crescimento demográfico. Paulatinamente atingiu outros espaços e criou novos bairros, por exemplo, Governador Ferraz.

Apesar da vigilância para manter a ordem pública, observa-se que não havia um compromisso por parte da população, no sentido de obedecer às políticas de disciplina, pois as suspensões eram comuns, como se pode ver noutro exemplo:

“O Prefeito Municipal de Tianguá, Sr. José Evangelista de Sousa, no uso de suas atribuições legais, etc....

RESOLVE:

Suspender o Machante Sr. Inácio Lima Cunha e Negro Maximiliano, de negociarem no Mercado Público ou Centro de Abastecimento, pelo prazo de trinta (30) dias úteis, a contar da vigência da presente Portaria, por ter o mesmo transgredido o disposto na Portaria de N° 038/78 de 22.11.78.

Anote-se, publique-se e cumpra-se”.⁶⁹

As suspensões chamam muita atenção, pois em passado não tão distante, essa prática era muito comum para os gestores municipais, que suspendia quem quer que fosse, desde que se burlassem as regras de comportamento estabelecidas pela Prefeitura.

A retórica do discurso da Prefeitura era disciplinar para ordenar. Portanto há a forma eminentemente imperante de dominar, disciplinar e controlar as relações sociais como se a funcionabilidade da cidade dependesse de critérios para “avançar” rumo à modernidade.

Por outro lado, é necessário enfatizar que da cidade são emitidas representações simbólicas que vão além da própria materialidade. Lugar cobiçado e atraente, mas vigiado e corrompido por práticas de que os sujeitos se apropriam para forjar, romper com as nuances dos projetos e do mundo polissêmico que a urbanidade é capaz de trazer à tona.

Contemplar a paisagem urbana de Tianguá era estar atrelado a códigos, regras para não tornar ilegítimo as transformações e feições de cidade

⁶⁹ Portaria n° 040/1978 – Expedida pelo prefeito José Evangelista de Sousa.

contemporânea. Por isso os lugares públicos eram constantemente vigiados e a administração pública mostrava-se cada vez mais preocupada com o asseio da cidade:

“O Cidadão, JOSÉ EVANGELISTA DE SOUSA, Prefeito Municipal de Tianguá, no uso de suas atribuições legais, etc.

RESOLVE:

Fica terminantemente proibido, a andança de animais nas ruas da Cidade, bem como, todo proprietário de animais, tem por obrigação manter os animais presos, tendo em vista o que determina o Código de Postura do Município de Tianguá.

A Prefeitura Municipal de Tianguá, manterá rigorosa fiscalização para com os animais em andanças nas ruas e propriedades alheias, fiscaliza os ditos fiscais com autorização para apreensão ou matança dos animais faltosos.

Anote-se, Publique-se e Cumpra-se”.⁷⁰

Para manter a ordem pública, não bastava expor o Código de Postura, baixar portarias, decretos e/ou leis, mas também fazia-se necessário convocar a polícia para agir estrategicamente contra a população. O auxílio da vigilância pode ser visualizado no ofício do prefeito enviado ao Delegado Especial de Polícia de Tianguá:

“Venho através deste solicitar a V. Sia. todo o empenho e a colaboração da patrulha policial, para a realização de uma blitiz, do pessoal de fiscalização da Prefeitura, no tocante a apreensão de animais nas vias urbanas da cidade e fiscalização da limpeza pública, em fim, o fiel cumprimento da Lei Municipal de nº 30, de 03 de novembro de 1977, que institui oficialmente o Código de Postura do Município de Tianguá.

Através deste encaminhamento à Delegacia de Polícia de Tianguá, um exemplar do Código de Postura do Município de Tianguá”.⁷¹

O auxílio da polícia era utilizado como uma das formas de fazer cumprir as leis e de intimidar os sujeitos infratores. Diante da nova forma de vivenciar o espaço urbano, as medidas das portarias não paravam e mantinham o discurso direcionado para o progresso. Assim, a sociedade tinha que se adaptar ao novo modo de viver, obedecendo às leis para não ser punida. Na década de 1970, esse discurso estava também direcionado para a saúde. Em mensagem enviada à Câmara de Vereadores, o prefeito José Evangelista solicitava:

“Senhor Presidente e demais vereadores,

⁷⁰ Portaria nº 019/1978 – Expedida pelo prefeito José Evangelista de Sousa. Contextualizando esta portaria, vale ressaltar o papel da pecuária, que é um referencial presente e de grande representatividade na economia da região. Tianguá tem demonstrado seu grande potencial na diversificação no criatório de animais. Detalhes sobre a produção ver: **Perfil Sócio-Econômico Tianguá/Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Ceará** – Fortaleza: Ed. SEBRAE/CE., 2000. p. 31.

⁷¹ Ofício nº 135/1978 – Expedida pelo prefeito José Evangelista de Sousa.

Cumpre-me a satisfação de remeter a essa Casa o Projeto de Lei nº 22/78 que trata sobre a implantação de um sistema básico de Saúde e Saneamento no Município.

Como é de vossos conhecimentos, a Saúde e o Saneamento básico, é o sustentáculo de uma população viril e forte, cujos predicados influem em grande escala do desenvolvimento do Município.

O progresso de um Povo, origina-se da capacidade física e intelectual, o que não consegue-se sem prevenir a população contra malefícios causados por falta de funcionamento adequado, no Setor de Saúde e Saneamento.

Ciente da acolhida por parte desses nobres pares, renovo meus protestos de estima e consideração".⁷²

A capacidade física e intelectual era vista como indispensável ao progresso. Com o objetivo de melhorar as ações em torno da saúde, foi necessário desenvolver políticas direcionadas de modo geral e específico para essa área. Pavimentar ruas, recolher o lixo e criar o sistema de saneamento básico para evitar doenças se transformou em instrumento com o qual se pudesse realmente chegar à modernidade.

Nos anos de 1980, o que assume papel primordial, no cotidiano da população tianguaense, é o transporte urbano. Nessa interpretação da modernidade, ele significou um dos últimos elementos de preocupação por parte da administração pública que, contudo, para não fugir à regra, procurou disciplinar o serviço de automóveis de aluguel (táxi) através do Projeto de Lei de nº 15/80:

"Art. 1º - Os veículos de aluguel, destinados ao transporte individual de passageiros (TÁXI), quando na via pública, estão permanentemente a disposição do público, não podendo seus condutores recuar a prestação de serviços salvo quando se tratar de pessoas perseguidas pela policia ou pelo clamor público sob acusação de prática de crimes ou quando se tratar de pessoas embriagadas ou em estado que permitia prever venha a causar dano ao veículo e ao condutor".⁷³

A construção da disciplina para os habitantes e da estética para a cidade foi, durante esse período, planejada pelos gestores. O controle de veículos, a exigência de animais fora das ruas, o saneamento e outras medidas eram estratégias que objetivavam desenhar o panorama estético-moral da cidade.

⁷² Mensagem nº 02/1978 – Enviada a Câmara Municipal de Vereadores.

⁷³ Lei nº 15/1980 – Disciplina o serviço de automóveis de aluguel (táxi) e dá outras providencias.

No que diz respeito ao controle disciplinar da noite, os decretos e portarias que objetivavam manter o sossego público e não expor a boa sociedade ao espetáculo da obscenidade, mostraram-se bastante tolerantes em relação à prostituição ou, pelo menos, não criaram uma política pública especificamente voltada para essa atividade que se desenvolvia em ambiente longe do centro da cidade.

O meretrício, até os anos de 1970 e 1980, continuava sendo freqüentado por pessoas da elite local, sendo considerado pelas falas masculinas e pelo memorialista Nogueira como lugar para encontros efêmeros associados a certa idéia de "glamour" que era uma imagem propagada pelos clientes que o freqüentavam. De fato, confinado, resguardado e longe do olhar das famílias, o meretrício não parecia "incomodar", o que não deve iludir a natureza exata do cotidiano das prostitutas sempre expostas ao extravasamento e à exploração do comércio do corpo.

"O cabaré da Madame Maria Eva fazia muito sucesso, vinha gente de todo lugar. Eu não vou mentir tenho muita saudade daquela época, cansei de ir pra lá e o meu interesse não era de ficar com nenhuma mulher. Às vezes eu ficava, né! Mas ia mesmo era pra beber, descansar do trabalho, escutar músicas. Até 1980 era ponto de encontro de muita gente... gente de todas as categorias".⁷⁴

Se antes o ambiente era muito visitado, em 1980/1990, as coisas já começaram a mudar. O meretrício, tido como lugar de diversão, ponto de referência para os tianguaenses e serranos, acabou se transformando em problema social, e, portanto, decadente, como analisa Lúcia Aragão, colaboradora do jornal "O Barrocão", em matéria intitulada "Conquista da Cidadania":

"As condições de vida das mulheres da Zona merecem medidas urgentes por parte das autoridades competentes. O bairro, como a maioria da cidade, não tem saneamento básico, o que tem provocado muitas doenças em crianças e adultos. No que diz respeito à saúde da mulher, o caso é muito mais grave. As casas, prostíbulos, ali existentes, não reúnem nenhuma condição higiênica que possa oferecer aos homens e mulheres que ali se encontram para manterem relações sexuais, nem oferecem tranqüilidade e garantia de prevenção a saúde. Os espaços são pequenos, não têm banheiros, água para higiene do corpo antes e depois das relações, também não existe orientação quanto ao uso de preservativos".⁷⁵

⁷⁴ Sr. J.F.F., 68 anos, comerciante, residente no bairro do Ceasa. Entrevista concedida em 21/07/2001.

⁷⁵ O Barrocão – Órgão de divulgação da Colônia Tianguaense em Ação, Ano V, nº 20, Dezembro/1991. p. 3.

A autora deixa transparecer que o progresso das vias urbanas e da saúde excluiu as meretrizes, ficando o ambiente desprovido de saneamento, higiene, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e outros benefícios. Os fatores apontados são apresentados no Código de Postura, citado anteriormente, como sendo necessários para o crescimento urbano. No entanto, por estar nos arrabaldes, o Bairro Governador Ferraz, que abrigava o meretrício, o do Cruzeiro; Santo Antonio, Matadouro Velho ficaram fora dos benefícios da modernidade.

O chamamento de Lúcia Aragão, sob forma de apelo às autoridades competentes, não era somente para ilustrar as necessidades das mulheres, que estavam vivendo em condições promíscuas, mas para ressaltar que Tianguá não era mais a cidade "provinciana" onde todos se conheciam.

Diante disso, as meretrizes não foram atingidas diretamente pelas leis, decretos e o Código de Postura, mas até mesmo toleradas pela condição de seres "invisíveis" e, portanto, deviam ficar fora do centro da cidade.

Neste depoimento, o meretrício começa a ganhar outros contornos na cidade, mesmo sem os decretos para legitimar a vigilância, passando a ser considerado sinônimo de promiscuidade e de insalubridade, alvo de críticas e de denúncias, mostrando que o ambiente já estava incomodando. Nesse novo contexto, o ambiente do meretrício deixa de ser "tolerado", como enfatiza a senhora R.O.R.:

"A gente aqui no cabaré é muito vigiada. Aqui eu considero como o meu lugar, só vem pra cá quem quer, eles sabem o que tem aqui e o que eles vem fazer. Agora muita gente pensa que nós somos bagunceira, fala palavrão, ficamos bêbadas, mais ninguém fala dos homens que vem aqui e num paga as contas, bate em nós no lugar de bater na mulher dele. E tudo isso só quem pega nome de violenta é nós, a policia é uma que não tem penas de nós. Acho que o pessoal da cidade se pudesse tocar fogo em nós tocava".⁷⁶

O controle dos espaços da cidade corresponde à prática de normatização das condutas, em que a "boa" moral deve prevalecer. Colocar a polícia para vigiar os considerados "atos obscenos" ou as "práticas de violências" é querer controlar os lugares e freqüentadores, reforçando, dessa maneira, a produção de estereótipos da prostituição que aparece como a parte "ruim" e disseminadora do pecado e da doença contagiosa, devendo, por isso,

⁷⁶ R.O.R., 53 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 04/05/2002.

ficar fora do contato com a sociedade "sadia". Com o aparecimento desses "novos discursos", também mudou o olhar sobre o meretrício e as práticas das meretrizes.

Durante todo o percurso, foi possível perceber que, no tempo da Madame Maria Eva, o olhar masculino observava o cabaré e o casarão como lugares prestigiados na sociedade, ocupando um espaço importante na sociedade conservadora e tradicional na qual a questão da sexualidade atrelava-se a dimensões fundamentais como o casamento e a moral católica.

Mediante o império dos códigos e leis que regularam a cidade de Tianguá nas décadas de 1970 e 1980, é visto que a prostituição sobressaiu, mesmo que forjando saídas e se isolando nas periferias.

Noutra interpretação, como a do último depoimento, nota-se que o "glamour" criado em torno do meretrício não representava a unanimidade entre as meretrizes, pois para elas era lugar de trabalho e de maus tratos, onde os clientes eram, na maioria, agressores. O que se pode supor é que as meretrizes começavam a perceber que suas práticas, na cidade, eram interpretadas de formas diferentes e ambíguas. Assim, o que se pode observar é que, nas décadas sucessivas a 1980, tanto o comportamento feminino quanto a sexualidade ganham outros contornos diante do contexto nacional e que, nas cidades interioranas, não foram diferentes.

Certamente, a mudança dos costumes, ligada a elementos diversos como a aparição de métodos anticoncepcionais relativo à liberação da mulher, bem como o crescimento da cidade e a intensificação das comunicações e informações foram responsáveis por novos comportamentos e práticas em torno da sexualidade.

Ao lado do crescimento de Tianguá e da chegada de certa modernidade, o meretrício parece ter ficado nas condições sociais e sanitárias iniciais. Os últimos argumentos apresentados devem ajudar a entender os olhares de estranhamento que vão definir o meretrício, nos períodos mais recentes, como lugar do desvio e da anormalidade. Esse processo culminou em 2002, com o fechamento por uma ação judicial do Fórum local.⁷⁷

⁷⁷ Sobre o fechamento do meretrício e das práticas da prostituição será abordado e analisado com mais ênfase, no próximo capítulo.

Se de um lado não houve perseguição dos agentes públicos à prostituição em certa área da cidade, não houve também qualquer tipo de assistência. O progresso não chegou ao meretrício como aos outros espaços pobres ou ricos de Tianguá, revelando a compartimentação da cidade. Sobre esse aspecto, Barbosa enfatiza as significações e a polifonia que a cidade pode nos levar a imaginar no viver e conviver da urbe:

"Quais cidades nos é possível ver na cidade? Cidades diferentes que não estão imediatamente dadas ao olhar ligeiro e que, para serem vistas, é necessário perfurar a paisagem cristalizada da cidade, romper a construção fixa, o espaço físico, procurar nas suas esquinas rompantes de vida, movimentações que se diluem por entre os lugares e, passo a passo, construir uma percepção que delinea cidades possíveis".⁷⁸

Pensar a cidade como espaço capaz de envolver diversas relações de sociabilidade e certas lógicas que objetivam reordenar o espaço urbanístico, através da disciplina e higienização dos corpos, é perceber o meretrício como ponto de referência que passa a ser "ameaçador" a determinada estética social, moral e ordenação espacial. Nesse sentido, do mundo da cancela ao bairro Governador Ferraz, procede análise dos depoimentos e das portarias que permitem perceber alguns aspectos do contexto da vida social em Tianguá.

Essa perspectiva ajudou a entender como o meretrício teve seus limites físicos e valores modificados no espaço urbano. De acordo com a interpretação dos sujeitos confrontados com a dimensão processual da mudança dos costumes e modos de vida, foi possível traçar perfis para visualizar a ocupação da prostituição na cidade.

Como se pôde observar, no período abordado, o município de Tianguá procurou organizar a estrutura administrativa e o controle dos espaços. Nesse âmbito, é importante caracterizar o crescimento de Tianguá, e, conseqüentemente, da zona do baixo meretrício, como lugar de trânsito e de passagem. Tianguá transformou-se em centro comercial da região ibiapabana e tomou as outras cidades como "dependentes", tanto no fator econômico quanto no de prestação de serviços e, para se estabelecer como centro comercial e administrativo, foram desenvolvidas várias estratégias para demarcar territórios e para disciplinar seus habitantes.

⁷⁸ BARBOSA, M. E. J. Op. Cit. p. 67.

Portanto, são visíveis os elementos de formação discursiva e populacional que nos direcionam para perceber que, entre o meretrício e a cidade, há muitos aspectos de tensões e dizeres sobre os fazeres tanto da prostituição quanto das leis e códigos que foram criadas para disciplinar os transeuntes no espaço urbano.

Por isso esses fazeres e discursos do mundo da prostituição aparecem como essenciais para a compreensão da trajetória deste lugar, de 1950 a 2002, pois é um período marcado por diversos sentidos em que foi dada a dinâmica do meretrício e ações que regulavam a prática da sexualidade no ambiente.

A importância de analisar os discursos sobre as práticas da sexualidade, em Tianguá, é uma forma de mapear, de desenhar o cotidiano das meretrizes na cidade que passou por uma série de modificações que objetivaram proteger o sossego público. Nessa movimentação, percebem-se diversas vivências sociais e não somente "o sol tão belo e viril"⁷⁹, bem como elementos de controle, transgressão e de comportamentos sexuais que permeavam a cidade e o mundo da cancela, conforme será abordado no próximo capítulo.

⁷⁹ ABREU, Valdecy Santos. **Reflexo**. Tianguá-Ceará. Publicação Independente, 1995. p. 68.

CAPÍTULO II

O MUNDO DA CANCELA

O principal objetivo deste capítulo é historicizar o processo de formação dos primeiros cabarés da antiga cancela, e a transformação em zona de baixo meretrício. Nesse movimento, procuram-se elementos que venham a propiciar imagens e vestígios das transformações do ambiente, que fizeram transitar por Tianguá sujeitos que contribuíram como protagonistas para dinamizar a prostituição local.

Para isso, é necessário abordar a fase inicial do meretrício e sua posterior expansão, notando como, nas tessituras do espaço urbano, o meretrício surge como lugar particular capaz de estruturar certos "territórios da cidade".¹

Acontece que, entre as nuances desses territórios, percebemos um passado em que estavam interligadas a sexualidade e as necessidades dos processos de reordenação da geografia urbana.

Seguindo esse trajeto, percebe-se que as relações de sociabilidades praticadas, na cancela e, posteriormente, na constituição da zona de baixo meretrício, representam uma infinidade de atos que, compartilhados, chegam a somar-se com outros, dando a possibilidade de compreender os vários aspectos implícitos ou explícitos que delineavam modalidades relacionais no meretrício e na cidade. Na dinâmica de entender os movimentos que ligam os espaços, é que foi possível elaborar caminhos para traçar o eixo no sentido de compreender como os sujeitos desse mundo (meretrizes e clientes) pensavam, elaboravam e reconstruíam diversas práticas de sociabilidades.

Em meio aos fatos, é necessária a apresentação da ocupação da cancela até a formação do Bairro Governador Ferraz, que define a configuração atual do espaço abrigando os moradores residentes nas extensões urbanas, que outrora abrigou os atores do meretrício.

¹ Conceito utilizado por Vale para caracterizar os espaços freqüentados em Fortaleza por homossexuais. VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema: cenas de um público implícito**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2000. p. 22.

Procurando entender a ocupação do mundo da cancela e os elementos discursivos de expansão da prostituição, a abordagem procura apontar reflexões sobre as variações das relações sociais, em que amores, conflitos, violência aparecem como resistência e estratégia de vida perante os elementos discursivos da prostituição.

Na multiplicidade dos personagens que permearam o universo das tramas desenroladas no meretrício, procura-se abordar as experiências dos sujeitos que vivenciaram os primeiros anos da cancela, na década de 1950, até o fechamento da “zona”, em 2002.

2.1 Do mundo da cancela ao bairro Governador Ferraz: apresentação, origens e interlocuções entre o meretrício e a cidade.

Na cidade de Tianguá, na década de 1950, era possível notar elementos que enfatizavam práticas da prostituição na cancela. Esse período pode-se tomar como referência para se pensar a expansão urbana e as primeiras práticas de sexualidade que resultaram na formação dos cabarés e depois na constituição da zona de baixo meretrício.

A expansão urbana ganha os arrabaldes da cidade, onde grande dimensão de terras cobertas por matas cede lugar às casas e ao comércio. Com o crescimento urbano, o espaço, no qual se localiza a cancela, se junta a BR 222² que alarga o território atraindo uma população que, posteriormente, forma o bairro Governador Ferraz. Esse aspecto é o que mais interessa, pois, nesse interstício, a cancela vai ser tomada por pequenos comércios: vendedores ambulantes, vendedores de bugigangas, comerciantes em guaritas, funcionários do posto de fiscalização e do posto de gasolina, motoristas³, lavadores de carros, dentre outros personagens que transformaram o local em mercado informal.

² Como foi visto no capítulo anterior, nesse período, a BR é ainda estrada de piçarra e seu asfaltamento só acontecerá na década de 1970.

³ É interessante perceber que a presença dos motoristas na cancela nos remete a pensar sobre a questão da masculinidade, principalmente quando se observa a dinâmica desse tipo de profissão que traz uma auto-imagem simbólica de virilidade e de “grandes machões”. No próximo capítulo será abordada com mais ênfase a questão da masculinidade enfocando o envolvimento mediado por clientes e meretrizes. Sobre essa questão ver: VITORELLO, Márcia A. Masculinidade e trabalho: o caso dos motoristas de caminhão. IN.: STREY,

O mercado informal da localidade, aos poucos, tomou conta da cancela que foi cercada por outros tipos de comércios, cedendo espaço, inclusive, para a prostituição.

A presença do público masculino na cancela, causada pela intensificação do tráfego no Posto Fiscal e do Posto de Gasolina, foi um ponto muito forte para fortalecer o aumento de bares e de mulheres.

O trânsito de pessoas ficava restrito entre os que comerciavam e os que residiam na cancela, tornando assim o cotidiano do lugar flexionado por diferentes sujeitos, que se viram envolvidos, durante muito tempo, com experiências de vida voltadas para esse local de passagem.

Muitas mulheres também se apresentaram nesse espaço, como Madame Maria Eva. Na década de 1950, já era possível notar a existência de pequenos bares que improvisavam quartos propícios para clientes e meretrizes se deleitarem nas práticas sexuais que se ensaiavam como sendo as primeiras formas de prostituição em Tianguá na condição de "zona".

Para atrair os homens, as mulheres se apropriavam das ruas, saindo das casas que se constituíam em bares, com expressão de sensualidade, olhares libidinosos e obscenidades. Na interpretação de Da Matta, essas extensões "(...) unificam o mundo por meio de uma visão onde a rua e casa tornaram-se espaços contíguos, reunidos por uma convivência temporária [...]",⁴ assim eram os contatos entre clientes e meretrizes que aconteciam pelas ruas, onde a efemeridade ditava o ritmo da vida na cancela e dos encontros amorosos.

Nesse momento, a futura rua Zeferino Ferreira é tomada por uma espécie de geografia humana que, em relação ao sentido de viver na cancela, significa expor a ousadia, sedução e prazer entrelaçados nas expectativas do flerte ao cliente.

Para perceber as práticas desenvolvidas e como essas mulheres viviam por entre as ruas captando clientes, foi necessária a aproximação dos diversos

Marlene Neves, ROSO, Adriane, MATTOS, Flora Bojunga, WERBA, Graziela (Orgs.) **Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho**. Porto Alegre: EDIPURS, 1999. pp. 95-108.

⁴ DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987. p. 67.

narradores que vivenciaram o período e, com eloquência, nos relataram detalhes da vida e dos relacionamentos efetivados no tempo da cancela.

Essa aproximação mediada pela oralidade foi capaz de trazer uma dimensão polissêmica do mundo da cancela e dos sujeitos que a freqüentavam. É interessante notar que, em meio às narrativas, foi possível pontuar elementos necessários para entender as tramas e as vicissitudes promovidas no entrelaçamento das trajetórias de homens e mulheres, cujos relatos aparecem de forma incessante, nos depoimentos de que chegam a emergir as idiossincrasias das experiências vividas por seus atores.

Podemos observar no depoimento abaixo, como vai se configurar a ocupação e frequência da cancela, onde o comércio preenche os espaços antecedendo assim a moradia:

“Esse bairro se formou com pequenos comércios. O posto da fiscalização e do mestre Zé Tito trazia muitos caminhoneiros pra cá... eram nossos grandes consumidores. Ai... a gente vendia uma coisinha aqui, outra ali e assim eu ia ganhando a vida. Eu vendia minhas coisas numa bacia: doces, cocadas e às vezes frutas”.⁵

Portanto o lugar hoje conhecido como bairro Governador Ferraz, na década de 1950, os moradores chamavam-no de bairro da cancela, que constituía referência ao Posto de Fiscalização e de Gasolina⁶; o de fiscalização formava uma cancela para barrar as mercadorias que vinham transportadas clandestinamente nos caminhões e o de gasolina eram os serviços de abastecimento de combustíveis. Esses aspectos talvez possam evidenciar a formação dos primeiros cabarés em Tianguá que irão se configurar pelo público masculino que lá marcava presença.

A situação efervescente em torno da cancela se constituiu por formar grupos voltados para a prática corriqueira no espaço da cancela, encontrando nos postos, pontos de referências, onde foi possível construir a extensão de casas de famílias, outros comércios e bares de grande significação para o crescimento local.

⁵ Sr. F.A.S., 70 anos, aposentado, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 26/05/2001.

⁶ Na continuação do depoimento o sr. F.A.S. enfatiza que José Barbosa da Silva (mestre Zé Tito) foi um dos primeiros donos do Posto de Gasolina na cancela, depois cedeu para Marcondes Saraiva e, referente ao Posto de Fiscalização é importante registrar que hoje, encontra-se localizado em outro espaço da cidade, especificamente, em Queimadas, extrema com o estado do Piauí.

Seguindo ainda a narrativa do senhor F.A.S., pode-se perceber que o mundo da cancela era o lugar onde se podia garantir a renda das despesas domésticas e moradia:

“(...) Lá também eu construí minha casa e outros também construíram. Com muita dificuldade, muitos anos de trabalho eu consegui ganhar a vida na cancela. As casas eram simples: de taipas e os comércios eram umas guaritazinhas bem pequenas, que mal dava para guardar as mercadorias. Hoje já tem umas casinhas boas, mas antes a coisa era pior. Casas mal feitas, como já disse de taipa e palha”.⁷

O mundo da cancela não ficou restrito simplesmente à comercialização de mercadorias para atender aos caminhoneiros, comerciários e outras pessoas que vieram de diversas localidades e fixaram residências nesse espaço, mas a prostituição também teve, de forma peculiar, representatividade. O movimento ao entorno da cancela culminou com algumas práticas sexuais em que se podia perceber a prostituição informal que teve a Madame Maria Eva como uma das primeiras meretrizes a atuar na cancela segundo o depoimento do senhor A.M.A., comerciante, 68 anos:

“O cabaré teve seu início com a Madame Maria Eva. Perto da cancela funcionava o posto de fiscalização onde os motoristas de muitos lugares paravam lá... lá era que funcionava tudo, ninguém passava se não parasse lá no posto. E ao redor do posto formou o que gente chamava de cancela, que aos poucos foi abrindo comércio para atender os motoristas. Os homens pegavam as mulheres no ambiente de trabalho do posto, ainda num tinha, sabe, um lugar certo pra prostituição”.⁸

Assim, a cancela, na década de 1950, começava a hospedar algumas meretrizes que atuavam em espaços públicos e improvisados, dentro de guaritas e de pequenos comércios, em caminhões ou em quartos alugados, o que ajudou a diversificar a alocação para os encontros sexuais, pois ainda não tinham “um lugar certo pra prostituição”.

É importante registrar que, em meio ao trânsito desses atores, que, no depoimento anterior, aparecem como consumidores, ainda lhes restava tempo para flertar alguma meretriz.

Se de um lado a pequena cancela começava a ganhar expressividade na cidade, de outro lado, a Madame Maria Eva (Maria Domingos de Sousa),

⁷ Idem.

⁸ Sr. A.M.A., 68 anos, comerciante, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 12/05/2001.

natural de Viçosa do Ceará, mediante o fluxo masculino, também ganhava representatividade nos movimentos que se estabeleciam.

A prostituição se apresentava, na formação da cancela, dando sentido ao “mal necessário” e, como tal, diz Adler, “as prostitutas tornam-se, portanto, operárias especializadas, aliviadoras profissionais”.⁹ Por exemplo, a Madame Maria Eva aparece, nas narrativas do memorialista Nogueira, como aquela que “tirava” o dengue dos meninos, mas também como pessoa respeitada cuja imagem foi propagada pela cidade e pela região. Esse respeito é o elemento que está presente nos versos abaixo, e também nos leva a refletir sobre o papel da mulher que, ao deslindar os espaços urbanos, tinha, como requisito principal, a luta pela sobrevivência:

“Que dama respeitável e serena
Mulher discreta, igual,
Lá nos campos as ervas,
Que na suavidade do orvalho
Chamava-se MADAME MARIA EVA.

Seu cabaré, um Casarão sóbrio
Os alpendres frios e escuros
Faziam d’aquela casa de amores
Um recanto, onde se escondiam os falsos e puros...”¹⁰

Chama atenção quando o autor romanceia tanto a personagem Madame Maria Eva quanto o cabaré, denominado-o lugar simples, uma “casa de amores”. O memorialista chega a omitir as tramas criadas em torno das relações de sociabilidades e de sexualidade que mediavam agressões, normas e táticas que rompiam com o desregramento das relações masculina e feminina.

Entende-se que ter os cabarés como esconderijo dos “falsos e puros” é uma forma de tornar implícitos os relacionamentos conflituosos praticados nas relações prostituidoras.

A forma de expressão do memorialista nos leva a pensar a importância que a prostituição tem para uma sociedade e esse recurso parece ganhar contornos que lembram a descrição que Margareth Rago faz da prostituição paulistana, no final do século XIX e início do século XX, enfatizando o porquê de o meretrício ser tão evidente e enunciado no espaço urbano:

⁹ ADLER, Laure. **Os bordeis franceses-1830-1930**. São Paulo: Companhia das Letras: Circulo do Livro, 1991. p. 13.

¹⁰ NOGUEIRA, José Alcides B. Op. Cit. 1990, p. 28.

“A prostituição preenchia ainda um papel ‘civilizador’ na sociedade porque aí se realizava a iniciação sexual dos rapazes rito de passagem para sua abertura à alteridade. Alternativa para a preservação da virgindade das moças e da castidade das esposas, como se argumentava, a prostituição era parcial e ambigualmente aceita, como lugar onde os jovens poderiam saciar impulsos ardentes de uma fase de sua vida, para depois assentarem-se e permanecerem casados”.¹¹

Nesse aspecto, é possível notar que, por volta da década de 1950 e início de 1960, a cancela aparece como lugar de abrigo dos primeiros núcleos de prostituição em Tianguá. Nesse momento, surgem os cabarés que se tornam importantes pontos de encontros para a prática sexual.

Mediado por fatores de crescimento dos comércios e do fluxo masculino, houve a necessidade de adaptar, em torno das mudanças da cancela, uma forma com que se pudesse segurar esse público em recinto que facilitasse a prostituição. Esse fato transforma a prostituição praticada em quartos informais dos quais surgem os cabarés, que, fixados e apropriados para diversões, também dispõem de mulheres e alugueis de quartos adequados para a cópula. O senhor F.A.S. relembra que:

“A Madame Maria Eva veio de Viçosa do Ceará em 1940, morava numa casinha de palha, depois ela mandou construir um Casarão ali perto da cancela, isso em 1950, mais ou menos. E na data de 60, o cabaré da Maria Eva era o mais conhecido em toda serra da Ibiapaba. A casa dela tinha umas vinte prostitutas: Chica da Nália, Ortência, Chica Cabileira, Expedita, Júlia Patriola, Raimunda Salvador, Francisca, Madalena e Otília. Tinha mais gente, mas nesse momento só estou lembrando dessas”.¹²

O Casarão, como foi denominada a residência da Madame Maria Eva, era uma casa antiga. O ambiente era muito vistoso na cidade de Tianguá. Com arquitetura sólida, paredes altas, quartos espaçosos e ventilados, o Casarão servia como ambiente seguro para aconchegar os clientes e meretrizes. (Ver foto no anexo 1)

Entre Ortência e mulheres citadas, foram outras personagens que, junto a Madame Maria Eva, participaram da formação dos cabarés que, além de arregimentarem meretrizes, também se envolviam em múltiplos trabalhos para garantir o funcionamento do ambiente, para fazê-lo lugar prazeroso ou para controlar os casos de violência praticados por clientes.

¹¹ RAGO, Margareth. Op. Cit. 1991, p. 169.

¹² Sr. F.A.S., 70 anos, aposentado, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 26/05/2001.

Depois da fixação dos cabarés, muitas mulheres do Casarão passaram a formar, na mesma área, outras casas de prostituição, tornando-se donas de bares. Algumas até se denominavam de "Madames"¹³, mas não tanto conhecidas como Maria Eva.

Na década de 1960, já havia uma quantidade considerável de cabarés, o que fez muitas "Madames" se aventurarem por cidades afora, na tentativa de recrutar meninas para a prostituição. De acordo com o depoimento do senhor J.M.S.:

"As meninas que vinha pro cabaré da Maria Eva eram pobres mais bonitinhas. No Casarão elas eram as mulheres mais visitadas e atendia muita gente rica do centro da cidade. Tianguá nessa época tava se construindo ruas de chão batido, depois veio para algumas ruas o calçamento. Na cancela mesmo, próxima do cabaré era de calçamento e o restante dos lugares ao redor da cancela era só mato e veredas".¹⁴

O delineamento do bairro da cancela começava a ganhar contornos diante do trânsito e movimentação do lugar que, por um conjunto de fatores, ligavam os comércios autorizados da venda de suprimentos alimentícios para suprir a comunidade, às práticas da sexualidade de "meninas" que, se inserindo na vida noturna, vendiam o corpo, estabelecendo relações mútuas na geografia da cidade e do meretrício.

As "meninas"¹⁵ recrutadas eram mulheres separadas, exploradas sexualmente ou que perderam a virgindade no namoro ou com os filhos dos patrões. O recrutamento para o cabaré era feito pelas próprias Madames (proprietárias) ou por pessoa de confiança que seguiam viagem pelo interior do Estado do Ceará e/ou Estados vizinhos, como Piauí e Maranhão.

Vindas de outras cidades, as "meninas" procuravam o meretrício para se refugiarem de suas famílias e da comunidade em que moravam. Essas mulheres encontravam no meretrício abrigo, segurança, mas os planos eram de ficar no ambiente por pouco tempo. Levadas pela necessidade de moradia e

¹³ As madames eram mulheres que se estabeleceram no mundo da prostituição desde os seus quinze ou dezesseis anos de idade. A maioria delas não era natural de Tianguá. Dentro do meretrício eram umas espécies de gerentes-proprietárias. Elas administravam o meretrício em todos os aspectos, desde a compra de bebidas à recepção de clientes. Eram mulheres que tinham uma representatividade muito forte dentro do meretrício. Eram autoritárias, disciplinadoras e respeitadas pelos clientes e meretrizes.

¹⁴ Sr. J. M. S., 67 anos, motorista, residente no Conjunto Malvinas. Entrevista concedida em 27/07/2001.

¹⁵ As "meninas" era uma referência às meretrizes, termo muito utilizado pelas as Madames.

pela falta de oportunidades de empregos, elas acabavam fixando moradia nos cabarés.

Para o recrutamento das meninas existiam algumas exigências: a idade, a saúde atrelada à disposição física estavam dentro dos principais requisitos para o agenciamento. As meninas novatas mereciam “vigilância” mais aguçada por estarem há pouco tempo no ambiente. Esse controle era só o tempo de as madames ensinarem algumas artimanhas ligadas à arte da sedução e do trabalho, conforme podemos observar:

“A gente aqui no cabaré trabalha muito. Desde ao amanhecer até ao anoitecer o ritmo é acelerado, a madame não aceita a gente doente, deitada, sem fazer nada. No cabaré a gente faz tudo bebe com os clientes, transa, apanha, faz serviço de casa e agradecemos quando tem a comida pra nós”.¹⁶

O depoimento, referindo-se ao período posterior à cancela e, portanto, reportando mesmo aos cabarés que já se faziam consolidados, demonstra como as “meninas” eram disciplinadas para o trabalho e exploradas economicamente pelas Madames. O trabalho começava desde a abordagem dos clientes ou transeuntes por uma conversa informal, nas calçadas, utilização de “códigos”, linguagens, vestimentas e de outras artimanhas para chamar a atenção dos clientes até a hora do acerto para o contrato sexual.

Os indícios apontados podem ser considerados como importantes aspectos para se analisar a formação do mundo da prostituição. Conforme o Capítulo I, o espaço urbano de Tianguá começava a se configurar, nesse período, e em meio a cidade em crescimento, o meretrício aparece como fator prevaiente em termo de lazer. Nesse sentido, o mundo da prostituição, considerado fator de diversão, mediava a “venda” do corpo e outros deleites, que movimentavam os finais de semanas.

Isso significa dizer, que no cenário urbano de Tianguá já se notavam alguns ensaios de prática da prostituição com os papéis de clientes e meretrizes definidos por dinheiro, sexo e prazer. Sobre essa noção, Rago, ao analisar a estrutura da “cultura de bordel”, observa que:

“(…) Nascia à zona do meretrício propriamente dita, com sua geografia – o centro da cidade -, e seus modos específicos de funcionamento: códigos, leis e práticas, que configuravam uma cultura diferenciada. Modinhas que não se cantavam nas casas de famílias eram difundidas entre a população, com irônicas alusões ao

¹⁶ F.M.A., 39 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 06/10/2002.

cotidiano do submundo, as relações amorosas que envolviam conhecidas figuras da sociedade, aos tipos marginais populares, às mulheres exuberantes, aos 'casos' famosos".¹⁷

Em face dos "modos específicos de funcionamento" e das ocupações de áreas periféricas de Tianguá, nas décadas de 1970 e 1980, podemos caracterizar os pontos primordiais para solidificar tanto o crescimento da população quanto da "geografia" prostituinte que se espalhava na cancela, se tornando, inclusive, local atraente e conhecido em Tianguá e na região.

"A Madame Maria Eva gostava muito de festas, das coisas bonitas, organizada. Nos finais de semana ela dava jantar ou almoço para as pessoas ricas daqui de Tianguá. Tinha muita fartura, as meninas não jantavam juntas com os homens. A gente ficava esperando eles dentro do quarto. Naquele tempo a pessoa chegava no cabaré dava boa noite, encontrava umas mulheres novas, bonitas. Naquela época não tinha esse negócio de droga. Mesmo que tivesse tenho certeza que a madame não ia permitir. E assim, né... a madame ganhava nome com seus jantares com muita fartura, ganhava respeito tanto da polícia como das pessoas mais importante de Tianguá".¹⁸

Esse depoimento apresenta um ambiente do passado, lembrado e no qual agora vem à tona um saudosismo que encortina os conflitos pelo substantivo "das coisas bonitas" que rondavam o Casarão.

Essa visão faz parte da inocência ou da estratégia narrativa que tenta camuflar os comportamentos da vida noturna? O fato é que o mundo áureo da prostituição fica explícito, mas as relações de poder ficam implícitas pelas circunstâncias da glamourosidade que fazia parte dos cabarés, nos tempos da Madame Maria Eva.

Por outro lado, a relação de poder aparece nas organizações das festas, jantares e da gente rica que formava o ambiente de prostituição, que, patrocinando tais eventos, ajudou a tornar o Casarão atraente, desejado, freqüentado.

Assim, percebe-se a rede de sociabilidade do mundo da prostituição em que, pelo contato com a elite e a polícia¹⁹, as madamas ganhavam destaque e

¹⁷ RAGO, Margareth. Op. Cit. 1991, p. 167.

¹⁸ Sra. M. H. N., 73 anos, ex-prostituta, residente em São Benedito. Entrevista concedida em 09/09/2001.

¹⁹ A esse respeito, Mota Jucá enfatiza que: "Na surdina da vida diária as autoridades policiais tinham um pacto com o meretrício fruto de uma incoerência moralista, que se incrustava na contradição entre o discurso e a prática vivenciada". Ver: MOTA JUCÁ, Gisafran Nazareno. Fortaleza: cultura e lazer (1945 - 1960). IN.: SOUSA, Simone de (Org). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 203.

respeito. Conforme o depoimento do senhor J.M.S., esse comportamento era comum e fazia parte da atração noturna nos finais de semana em Tianguá:

“Os homens que iam pro cabaré eram gente rica de Tianguá. A Madame Maria Eva dava até jantar para eles. Eles tinham o Casarão como uma segunda residência. Depois eles ainda tinham direito de escolher as meninas novinhas pra deitar com eles. As meninas eram muitas bonitas”.²⁰

Os depoimentos das meretrizes e clientes demonstram como as Madamas souberam produzir estratégias para se estabelecer no ambiente, durante muito tempo, conseguindo, diante dos preconceitos e das dificuldades, muito respeito da pequena elite local. Maria Eva conseguiu abrir caminhos para quebrar várias barreiras no mundo dominado pelo poder masculino. Pois, quanto mais o tempo passava, mais ela se afirmava na região como animadora das noitadas, nos finais de semana de Tianguá.

Os fatos narrados pelos depoentes referentes ao cotidiano do meretrício são facilmente memorizados, sendo inclusive trazidos para o presente e perenizados, tanto na vida dos homens que o freqüentavam, quanto na das meretrizes que moravam com a Madame Maria Eva.

Recorrendo à história desses depoentes, percebi que muitas particularidades do meretrício vieram à tona, através de memórias e lembranças de personagens que, direta ou indiretamente, contracenaram com a prostituição. Quando os depoentes recriam as idas ao meretrício, geralmente, alimentam-se de imagens retrospectivas que constroem a visão sempre de dominador frente às mulheres e ao espaço físico do meretrício. Nesses termos, podemos perceber que as lembranças, particularmente as masculinas, estimulam a exaltação da Madama e do meretrício na época, tomando o último como lugar de diversão e glamour. Para Montenegro, talvez isso aconteça porque:

“No interior desse processo de universos imbricados, o tempo cronológico inexistente. O tempo da memória é o tempo da experiência de um período de vida, de atividade profissional, política, religiosa, cultural, afetiva... que nos arrebatam e condiciona quase que inteiramente, nos fazendo perceber e reconstruir a realidade de uma determinada maneira”.²¹

²⁰ Sr. J. M. S., 67 anos, motorista, residente no Conjunto Malvinas. Entrevista concedida em 27/07/2001.

²¹ MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral: caminhos e descaminhos. IN.: **Revista Brasileira de História**, São Paulo. ANPUH/Marco Zero, vol, 13, nº. 25/26, setembro/92/agosto/93. p. 60.

A senhora M. C. R., ex-prostituta, expressando-se sobre o mundo da prostituição, nos tempos da Madame Maria Eva, recria, nas estratégias da narrativa, um ambiente peculiar e favorável à imagem da Madame como “dama respeitável”:

“A Maria Eva era conhecida como a Madame Maria Eva... é... ela era muito respeitada aqui na cidade e em outras cidades também. Gostava de tratar todo mundo bem, os clientes que vinham pra cá não era qualquer um não, ela era quem decidia quem freqüentava seu Casarão e também apontava com quem a gente devia deitar... e... bom... a gente confiava nela né... ela realmente era uma mãe pra nós, então a indicação dela era uma forma de procurar o melhor para nós. Eu acho que herdei muita coisa dela”.²²

É importante enfatizar na narrativa que além da imagem da Madame Maria Eva, na cidade, em segundo momento demonstra-se a forma como os disciplinamentos da função de meretriz eram regrados no ambiente, sob a batuta da Madama, que, além do reflexo da rigidez com as mulheres, ela ainda ganhava o título de “mãe”. Talvez essa atitude fosse uma forma de conservar o momento áureo do meretrício, antes da degradação do ambiente e também uma demonstração de ufania de quem “herdou” algumas experiências durante o convívio com a Madame.

Há, portanto, como identificar, na narrativa da senhora M.C.R., uma forma de gerar memórias “boas” sobre a Madame Maria Eva, por isso, no cenário criado pela ex-prostituta, são alocadas imagens e gestos que tentam transformar a Madame em certo “mito” da prostituição tianguanese.

É importante perceber que, nos depoimentos das meretrizes, as imagens da Maria Eva sempre estão atreladas à vida do meretrício e da glamourosidade – “não era qualquer um não [...] que freqüentava seu Casarão” –, reflexão alusiva aos clientes de posse e, portanto, achavam-se encantadas pela presença de ter pessoas de prestígio no ambiente.

Esta é a versão sempre enfatizada pelas mulheres do meretrício, em que a motivação essencial está no gosto e na vontade de narrar memórias vivas, experiências do passado que ainda está muito presente e, portanto, necessitam vir à tona.

²² Sra. M. C. R., 71 anos, ex-prostituta – Hoje residente na cidade de Ipu-Ce. Entrevista concedida em 08/09/2001.

Nesse sentido, é importante observar que a oralidade tem como matéria a memória, que pode emergir por “estímulos diretos”.²³ Para tanto, narrador e ouvinte constroem, através do diálogo, uma história além do conceito de “história verdade”, delineando imagens e vivência que, transmitidas pela memória, jamais se poderiam encontrar em registro escrito.

Maurice Halbwachs²⁴ afirma que toda memória é seletiva, além desse questionamento ainda enfatiza a importância da “negociação” para aproximar a memória coletiva da memória individual.

Seguindo essa “negociação”, é que foi possível selecionar depoentes que pudessem não somente narrar memórias, mas também que tivessem participado do mundo desregrado da prostituição tianguaense.

Aparecem, então, depoimentos que, além de retratar o “glamour” atrelado aos cabarés e à vida da Madame Maria Eva, também enfatizam os fatores negativos que se haviam tomado na história local, sendo apontados comportamentos considerados como desordeiros da urbanidade. Ressalte-se que essas “verdades” são destacadas somente nas narrativas masculinas. No depoimento do senhor J.O., observa-se que:

“A Madame Maria Eva morreu pobre e doente. Muitas pessoas falam que ela não ficou muito boa do juízo por causa das contas que ficou devendo quando deixou o Casarão. Ela também bebia muito... né... passava muitas noites acordada, isso talvez seja um dos motivos para sua doença. Depois quem ficou no Casarão foi a Carmelita, que não passou muito tempo e fugiu com um cigano para Sobral. Depois quem tomou conta do Casarão foi a Creuza, que também passou pouco tempo. Aí, depois da Creuza o Casarão não abriu mais, ficou fechado até se acabar... foi caindo o telhado, depois apodreceu as portas e depois caiu os tijolos desmontando toda estrutura da casa”.²⁵

Na década de 1980, a dinamicidade do meretrício – que vivenciava os tempo da Madame Maria Eva –, praticamente desaparece. Após o período de ostentação, vem o esquecimento social ligado à imagem da Madame, permanecendo somente o Casarão que ficou de pé após o retorno da Madame para Viçosa do Ceará que, recolocada no seu “devido lugar”, se refugiou no mundo ao qual não pertencia mais, mas que o destino lhe havia reservado.

²³ MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994. p. 151.

²⁴ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Vértice, São Paulo, 1990.

²⁵ Sr. J.O., 66 anos, aposentado, residente no Bairro do Estádio. Entrevista concedida em 18/06/2001.

Assim, o que lhe restou foram “pedaços” de lembranças e a vida que lhe ofereceu a caduquice e doenças reumáticas.

Se compararmos a imagem do Casarão, no tempo da Madame Maria Eva, e a de após sua saída, nota-se que o ambiente não tinha mais as características iniciais – atraente, divertido, transitado – e sim encontrava-se largado pelas meretrizes e clientes. Percebemos que a situação foi por conta das sucessoras não terem sabido criar estratégias para se estabelecerem no recinto, ocasionando a diminuição da frequência de clientes e também de meretrizes. Esse fato proporcionou o abandono do Casarão que, posteriormente, foi demolido. Neste caso, os clientes preferiam frequentar os bares ao redor do Casarão, pois além de oferecer “carne nova no pedaço”²⁶, também apresentavam outros tipos de atrações.

Na decadência do Casarão, presenciava-se a concentração de casas de prostituição nos dois lados da rua Zeferino Ferreira, que já constituía a zona de baixo meretrício. Nesse sentido, posterior ao mundo da cancela, aos poucos, o ambiente deixou de ser glamourizado passando a lugar onde se tinha a promoção de práticas ligadas ao sexo ilícito, que propagava o “pecado” e a “libidinagem”. Esse aspecto diz respeito ao fato de o meretrício agora ser notado na cidade e essa inter-relação (cidade e meretrício) passa a ser encarada como práticas de luxúrias que necessitam confinar-se para não agredir as pessoas de bem que perambulam pelo centro.

Mesmo com o confinamento, não era possível ignorar o meretrício que já não era mais na periferia da cidade, pois, nas décadas 1970 e 1980, o mundo da prostituição não era espaço restrito, mas já pertencia à geografia urbana do bairro em crescimento, Governador Ferraz.

Nesse caso, o bairro aparece como ponto significativo na análise das relações entre a cidade e o meretrício, pois passou a abrigar práticas da prostituição bem diferente do tempo da cancela, o público complexificou-se, com certa dinâmica em Tianguá. É no cerzir da cidade que se apresenta a zona do baixo meretrício (ZBM) como um dos lugares que proporcionam tessituras, no ambiente urbano, atrelados aos prazeres, tensões e sexualidade.

²⁶ Termo utilizado por Sousa, quando discute a questão da inserção de mulheres na atividade prostitucional. Ver: SOUSA, Francisca Inar de. **O cliente: o outro lado da prostituição**. São Paulo. Annablume; Secretaria da Cultura e Desporto, 1998. p. 17.

Podia notar também a falta de assistência necessária à promoção social: escola, saúde e habitação. Esses fatores vão ser identificados como características do meretrício e do Bairro.

Com o crescimento vertiginoso do Bairro Governador Ferraz, o meretrício não era mais uma realidade à parte, ao contrário, estava totalmente encravado na dinâmica do espaço urbano, misturando as casas de prostituição com as "casas de família", no Bairro Governador Ferraz e no Bairro do Cruzeiro que também ficava próximo à "zona", dificultando ao recém-chegado distinguir o perímetro da prostituição das outras casas.

Quanto a noção do bairro, Michel de Certeau observa que:

"O bairro surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para o usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência".²⁷

Este "pedaço" da cidade denominado Bairro Governador Ferraz é uma homenagem ao Tenente-Coronel Luís Antonio Ferraz, presidente do Estado do Ceará, no final do século XIX²⁸. É possível visualizar essa afirmação no depoimento do senhor A.M.A.:

"Eu vi morar aqui em 1961, aqui tinha muito mato... né ... tudo isso aqui era mato, as casas eram distante uma das outras. Hoje eu conheço muita gente no bairro, sei quem é quem. O Bairro deve esse nome de Ferraz ao presidente do Ceará que governou em 1891. Não sei qual foi o benefício que ele fez pra Tianguá, mas ajudou no desenvolvimento da cidade".²⁹

O depoente é morador do bairro, ou melhor, do lugar onde só havia mato, que, desde a década de 1960, se arrastava para estruturar suas vias e dar comodidade aos residentes. Durante o percurso de vida, o depoente assistiu ao movimento do bairro e da zona de baixo meretrício.

De fato, o depoente ao falar sobre os acontecimentos da movimentação, na localidade, acaba por evidenciar a identidade da população local, notada pela descrição de diversos aspectos culturais da dinâmica das relações de

²⁷ CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996. p. 41.

²⁸ Ver: FARIAS, Airton de. *História do Ceará: dos índios a geração cambeba*. Fortaleza: Tropical, 1997. p. 119.

²⁹ Sr. A.M.A., 68 anos, comerciante, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 12/05/2001.

sociabilidades: maneira de vestir, de se divertir, viver e, em meio a isso, também se pode perceber a cultura da sexualidade. Não estou procurando conceituar culturalmente o bairro e muito menos caracterizar os residentes por essas ou outras características. A esse respeito, Chartier observa que:

“(...) é inútil querer identificar a cultura popular a partir da distribuição supostamente específica de certos objetos ou modelos culturais. O que importa, de fato, tanto quanto sua repartição, sempre mais complexa do que parece, é sua apropriação pelos grupos ou indivíduos”.³⁰

Mesmo assim, o bairro é um espaço onde se constrói determinada organização que se articula com a convivência coletiva. Retomando a citação de Michel Certeau (início do item), ao sair de casa e andar a pé pelo bairro, o “usuário”, passava pelo meretrício e notava, por entre as calçadas, as meretrizes se exibindo e clientes entrando e saindo do meretrício, por conseguinte, no sentido do trajeto, ou ao contrário, o sujeito também desfrutava do bairro Governador Ferraz.

“O bairro é uma noção dinâmica”.³¹ A coexistência de várias pessoas, no mesmo território, ou seja, no espaço determinado pela noção de “residente”, possibilita a elaboração de ações costumeiras, de reciprocidades entre vizinhos e, às vezes, como é o caso, com a prostituição. O Bairro Governador Ferraz apresenta o caráter dinâmico que ultrapassa o olhar cristalizado do transeunte, que permite evidenciar características e comportamentos particulares do lugar e, no, exercício de caminhar pelas ruas do bairro, o transeunte ou o residente desenvolvem o sentido relacional medido pelas práticas do meretrício e das vivências do bairro.

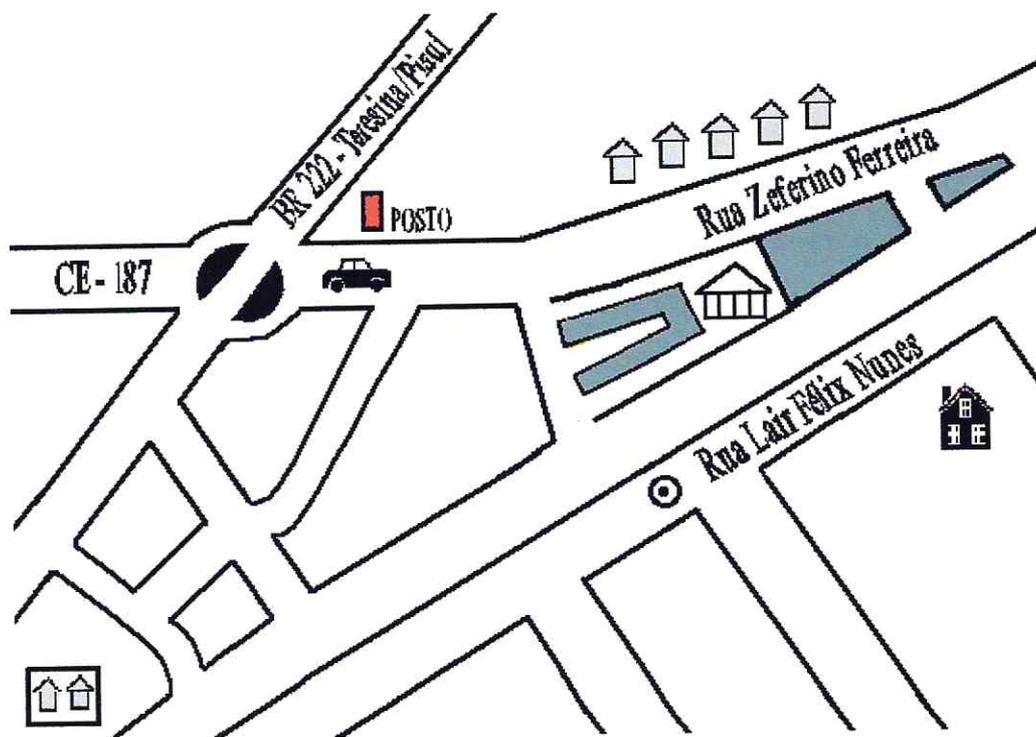
O bairro limita-se a oeste pela BR 222, ao norte e leste pelo riacho cemitério e, ao sul, pela área de proteção ambiental do São Gonçalo. Sua ocupação foi impulsionada por estar ao lado da BR e pelo movimento do Posto de Fiscalização, elementos propiciadores do crescimento da prostituição.

Outro ponto de referência das proximidades do bairro, considerado importante para sua habitação, foi a CITYA - Indústria de Doces e Sucos de Tianguá, que se aproveitando da cultura de frutas da própria região,

³⁰ CHARTIER, Roger. “CULTURA POPULAR”: revisitando um conceito historiográfico. IN.: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 184.

³¹ CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. Op. Cit. p. 42.

PLANTA CARTOGRÁFICA



Fonte: Setor de Tributação – Prefeitura Municipal de Tianguá, 2002.

LEGENDA:

-  – Localização da Antiga Cancela;
-  – Rua Lair Félix Nunes – Antiga estrada onde passavam os caminhões;
-  – Delegacia Regional de Polícia Civil;
-  – Rua Zeferino Ferreira – Localização da Zona de Baixo Meretrício;
-  – Cruzamento das rodovias: CE – 187 e BR 222;
-  – Conjunto Habitacional das “Meninas da Zona”, construída após fechamento da “ZBM” em 2002.

incrementou o comércio local com a fabricação de produtos. Na década de 1980, a fábrica foi desativada por falta de incentivos financeiros.

Hoje, o Bairro Governador Ferraz é formado pelas ruas Francisco Ordônio, Gaioso Nunes, Bernardo Alves Moita, Francisco Alves Araújo, Francisco Pedro do Espírito Santo, Juca Vasconcelos, Manuel Simão Batista, São Bernardo, José Zeferino Ferreira (rua da zona do baixo meretrício) e pelas avenidas José Evangelista de Vasconcelos e Lair Félix Nunes (Antiga Cancela). Essas nove ruas e as duas avenidas formam o complexo do Bairro.

De acordo com o Sistema de Informação da Atenção Básica da Secretaria de Saúde do Município, pertencem ao bairro 600 (seiscentas) famílias³², em casas populares de baixo padrão, a maioria de alvenaria, com 70 (setenta) de taipa³³ revestidas e 2 (duas) com materiais reciclados. Mesmo com o crescimento emergente do bairro, existem muitos espaços vazios, ou seja, muitos terrenos baldios. Das 600 (seiscentas) famílias do bairro, em 2002, 27 (vinte e sete) pertenciam ao meretrício que totalizavam 122 (cento e vinte e duas) pessoas, sendo 79 (setenta e nove) delas crianças e adolescentes.

Existem duas escolas municipais: Escola de Ensino Fundamental Francisco Ordônio e Escola de Ensino Fundamental Senhora Sant'Ana e um Posto de Saúde. Ainda conta com uma Delegacia Regional de Polícia Civil, que tinha até 2002, como vizinhança, a zona de baixo meretrício.

O bairro não dispõe de muitas áreas de lazer (campos de futebol, parques infantis e outros) e, tampouco de praças. Mas o esporte, especificamente o futebol, é o forte da comunidade. Aos domingos à tarde, a animação é tomada pelas partidas de futebol no antigo motão (campo de futebol).

Algumas ruas são pavimentadas, outras de chão batido ou de piçarra. O comércio é constituído por mercearias, bares, borracharias, oficinas de solda e pintura e, claro, da "zona" que também movimentava a renda local.

³² Dados do SIAB: Sistema de Informação da Atenção Básica-SMS-PSF/Programa Saúde da Família, 2002.

³³ As casas de taipas ou "pau a pique" são formadas por barro, palhas, bambu ou talo. Algumas são cobertas de telhas ou palhas. As palhas são de pé de palmeira que servem para a cobertura da casa. Residências muito comuns nas regiões interioranas do Ceará.

Os meios de transportes utilizados são: bicicletas, motos, carroças puxadas a burro e veículos de pequenos e médios portes, que servem para levar pessoas e entrega de produtos.

As considerações, em relação ao crescimento do meretrício e do Bairro Governador Ferraz, vão servir de base de discussão da problemática da prostituição em Tianguá.

A partir do contraponto levantado, e da formação inicial do meretrício até o fechamento, é que foram abrindo caminhos para analisar as estratégias que surgiram para controlar a prostituição.

O mundo da cancela, vivenciado por Madame Maria Eva e outras meretrizes, aos poucos, deixou de ser um espaço aberto para tornar-se lugar "disciplinado", habitado por "meretrizes", em que o confinamento não permitiu a exposição da sexualidade.

Confinar para controlar, "vigiar e punir".³⁴ E, nesse ponto, mesmo em reclusão, as meretrizes eram notadas como "incômodo", pelo fato de estarem na cidade. Com essas interpretações, o ponto de referência é constituído pelos elementos analisados que levaram ao enfraquecimento do meretrício e, posteriormente, ao fechamento.

Para aguçar o debate, antecipo, como ponto norteador, que o declínio do meretrício foi o fato de a prostituição não ser mais freqüentada pela elite tianguaense. Outros personagens passaram a fazê-lo dando outra dinâmica ao ambiente. O público, além de vivenciar outra fase do meretrício, também presenciou nova apropriação de costumes em Tianguá, onde a mudança de comportamentos (relativa liberação sexual, perda do tabu da virgindade das moças, construções de motéis...) acabou por culminar no fechamento da zona de baixo meretrício, ambiente que perdeu o "glamour", mas não deixava de ser referência no espaço urbano.

³⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história das violências nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

2. 2 Alguma vez, lá no final da Rua Zeferino Ferreira ... a "ZBM"³⁵:

Conforme já abordado no Capítulo I, o período compreendido de 1970 a 1980 é considerado definidor do crescimento comercial e ordenamento do espaço urbano de Tianguá.

Com o crescimento da cidade, determinados grupos sociais são considerados ameaçadores à ordem e à estabilidade da pretensa modernidade, sendo assim coagidos a deixar o centro da cidade para habitar as áreas periféricas, os espaços pobres, sem nenhuma forma de estrutura básica para as condições do viver.

Para essa situação, estratégias de disciplinamento no espaço urbano foram pensadas. Assim, o controle das vias públicas, dos comportamentos e, principalmente, as diversões noturnas eram vigiados pela Prefeitura Municipal de Tianguá, principal órgão de zelo do sossego e da moralidade pública, em obediência ao Código de Postura³⁶, instrumento profícuo de conservação da ordem social e moralização da cidade.

Em referência à ocupação urbana e à formação do prostíbulo, foi possível ver que a inter-relação entre cidade e meretrício configura, este último, como lugar de passagem que dava significado ao trânsito e comodidade aos encontros amorosos, aparecendo também como espaço que incorpora tensões e práticas sexuais envolvendo o diversificado contingente (clientes e meretrizes).

Diante desse contingente, o universo da prostituição é colocado, nesse contexto, como aspecto problematizador da cultura urbana. Embora considerada como realidade à parte para os mecanismos de controle e poder, a prostituição, nas décadas de 70/80, fazia parte da vida dos moradores do bairro Governador Ferraz e preenchia os dois lados do perímetro, repletos de casas de prostituição, o mundo da cancela passando, nesse momento, a ser caracterizada como zona de baixo meretrício.

³⁵ A sigla "ZBM" (Zona de Baixo Meretrício) que nomeia esse item é entendida como categoria de análise que é motivada pelo fato da apropriação, parcial, por parte da população tianguaense e da linguagem judicial.

³⁶ Cf. SOUSA, José Evangelista de. **Código de Postura Municipal** – Prefeitura Municipal de Tianguá. 1980. p.15.

Partindo desse ponto de referência, abordo o cotidiano do meretrício antes do fechamento, portanto, em passado recente, quase presente. A estratégia funciona como apoio histórico e social que pretende levantar argumentos que nos levam a entender o “real” sentido da prostituição em Tianguá.

O universo do meretrício segue, mediado por depoimentos, conforme as próximas três narrativas citadas, baseadas nas memórias em torno da atividade prostitucional que colocam as décadas de 1970-80, como “tempo áureo da zona”.

Esta entrevista é de ex-meretriz que conheceu várias fases do mundo da prostituição, morou com Madame Maria Eva, e, no fim, ganhou um bar de um cliente, conseguindo estruturar o próprio lugar de trabalho.

“No cabaré, bem depois que a Maria Eva saiu tinha uma presença bem maior na cidade. Isso era porque o meretrício já se encontrava naquele bairro com muitos bares. Todos os bares tinha meninas.... e era meninas novas. Às vezes até no meio da semana a gente fazia um faturamento até bom e... e no final de semana era presença garantida dos clientes. Agora era assim quanto mais o movimento apertava no bar, mais eu ficava com medo de brigas. A maior dificuldade que eu enfrentava era a de controlar as bebedeiras das meninas e dos clientes que as vezes chamava a atenção da polícia”.³⁷

O discurso da narradora nos leva a entender o sentido das experiências vividas na prostituição de uma época que não existe mais, porém, ao tornar presente sua história de vida, o passado aparece como algo que não está tão distante e possível de reviver, mesmo que seja mediante lembranças.

Por outro lado, para que sua história tenha significado, a ex-meretriz enfatiza que o período posterior ao da Maria Eva também foi de grande frequência. Entendo essa forma como estratégia narrativa para pontuar diferenças ou semelhanças e visualizar que, durante o tempo na “zona”, o meretrício também teve grande representatividade e não somente no tempo da Maria Eva.

Ainda pelo depoimento, é possível destacar que a zona do baixo meretrício começava a ganhar expressividade bem maior que no tempo da Maria Eva. Afinal, o público masculino não tinha somente o Casarão e as

³⁷ Sra. M. H. N., 73 anos, ex-prostituta, residente em São Benedito. Entrevista concedida em 09/09/2001.

meninas que lá habitavam, mas a presença de outras mulheres mais ousadas e como lembrado, as bebedeiras que chamavam a atenção da polícia.

Diante do grande número de meretrizes, somadas ao público masculino, davam-se os enlaces no cotidiano da “zona”, que já começava a formar imagens, que, afloradas pelos comportamentos, davam visibilidade à sexualidade exposta para atrair ao prazer do sexo. Nesse sentido, é possível perceber que os atos considerados indecentes – brigas, bebedeira e exposição ao pudor – praticavam-se na rua Zeferino Ferreira que, pelas circunstâncias, já não dava mais para tolerar as prevaricações, necessitando de vigilância: “recentemente a polícia vive aqui na zona, quanto menos se espera, eles chegam apalpando a gente. Antigamente não tinha isso não”.³⁸

Com as tramas e casos de bebedices e de outros comportamentos que exigia a presença da polícia, no local, foi que a “zona” ganhou caracterização de espaço desordeiro e agressivo, por isso precisava de diligências policiais para manter a ordem diante dos atos praticados por clientes e meretrizes.

A prática da prostituição não somente chamou atenção para os corriqueiros comportamentos que estavam a exigir a patrulha policial, também era desprazer das meretrizes pela falta de dinheiro dos clientes e pelas agressões cometidas contra elas.

Nessa perspectiva, a Rua Zeferino Ferreira, especificamente a parte centrada a “zona” de prostituição, ganha fama de lugar em que constantemente o transeunte podia presenciar brigas, bebedeiras e meretrizes se expondo nas calçadas para atrair clientes e a própria aparência física do meretrício, cujas casas de palhas se apresentavam sem estrutura e higiene, sem condições de moradia, nem de recepcionar clientes. Tudo isso trouxe escurecimento ao curto tempo áureo da zona de baixo meretrício:

“Na zona a gente passou bons tempos, mais agora a gente divide o meretrício com muitas brigas. Além disso, os clientes não estão mais endinheirados, são pessoas que mal vem pra zona com o dinheiro pra pagar o quarto.³⁹ E isso prejudicou o andamento dos negócios, por isso muitas meretrizes venderam logo seus bares e saíram dessa vida. Eu não, eu resistir e fiquei até não agüentar mais.

³⁸ Sra. M. C. R., 71 anos, ex-prostituta – Hoje residente na cidade de Ipu-Ce. Entrevista concedida em 08/09/2001.

³⁹ A “chave do quarto” era o pagamento do aluguel pelo cliente. O preço variava, dependia do tempo e das práticas sexuais exigidas pelos clientes e acordadas pelas meretrizes.

O meu bar quando caiu a parte da parede dos fundos eu tive que esperar quase oito meses para construir de novo".⁴⁰

Os bons tempos dos jantares, no Casarão, e do público que tinha dinheiro e prestígio ficaram pra trás. Os clientes que freqüentavam o meretrício tianguaense já não são da elite local, mas os simples trabalhadores, diaristas, na maioria, que, recebendo pagamentos semanalmente, sempre faziam reservas, poucas que fossem, para a diversão e o prazer que podiam encontrar na "zona".

Portanto, sem dinheiro para a movimentação e com a estrutura física degradante, muitas meretrizes ficaram descontentes com o faturamento que não dava sequer para reformar ou ampliar os bares.

A zona de baixo meretrício, tida como lugar de reprodução de jogos, poderes e prazeres, aos poucos presenciou a diminuição de uma capacidade de interlocução, o que proporcionou o deslocamento da prostituição para outros espaços da cidade. No mesmo tempo, os comportamentos, as atrações, o mundo da sexualidade passaram agora a ocupar motéis e outros espaços que podem ser usados para a cópula. Esse fato demonstra a liberdade sexual que talvez seja elemento definidor do declínio da "zona".

Para buscar esses elementos (de declínio do meretrício), foi necessário analisar o período de 1990 a 2002 que configurou a falência dos bares e o fim do meretrício, que teve fim não somente pela mudança física, mas por um processo anterior, como o abandono do bairro e das mulheres pelas autoridades públicas que não programaram nenhuma infra-estrutura para o local.

O depoimento abaixo, de uma ex-meretriz, 51 anos, natural de Cocal de Telha-Piauí, ajuda a visualizar o que foi abordado nos últimos parágrafos. Quando ela fala do meretrício, traz à tona, um ambiente diferente do vivido junto com a Madame Maria Eva.

"Hoje o cabaré não é aquela potência de anos atrás. Hoje a gente passa fome, é agredida pelos machos, que além de transar não quer pagar a gente. Vejo que ninguém olha pra gente... é... ninguém... a gente parece lixo. A gente fica socada aqui nesse lugar e ninguém faz nada, não temos nem água encanada. Por aí se tira. Enquanto isso, já existe outras casas de prostituição bem mais

⁴⁰ R.O.R., 53 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 04/05/2002

arrumada que a da gente e que os clientes estão escapando pra lá".⁴¹

O cruzamento de informações referentes à atuação dessas mulheres nos leva a entender a intensificação dos discursos que permeavam os modos de vida da "zona" que, frente ao surgimento de outras casas de prostituição, estavam ficando no esquecimento e isoladas pelos clientes e por benefícios, como o da "água encanada".

Na cidade de Tianguá, os elementos discursivos enfatizados pelas meretrizes referentes à decadência do ambiente não ficam restritos somente à falta de clientes, mas também ao descaso por parte do poder público que, estrategicamente, esqueceu as mulheres da "zona", deixando-as à margem e fora dos benefícios do "progresso provinciano".

Assim, o meretrício ia sobrevivendo diante da consolidação física dos prédios e das resistências que as meretrizes encaravam frente ao controle e às normas urbanas, como forma de salvaguardar a prostituição da Rua Zeferino Ferreira, embora as casas de prostituição da cidade oferecessem mais condições de acomodação aos clientes e meretrizes.

O descaso do poder municipal não era somente com a "zona", mas também com o bairro Governador Ferraz. Nesse caso, muitas mulheres se retiraram do ambiente antes mesmo de assistirem ao fim da "zona".

Nesse processo, muitas casas de prostituição foram vendidas e transformados em terrenos baldios. No final da década de 1990, um lado da Rua Zeferino Ferreira fora vendido e murado. Para as meretrizes do outro lado da rua, isso foi desestimulador e decadente. Ao mesmo tempo em que notamos a decadência da "zona", percebemos a mudança de comportamento e adaptação à prostituição.

As relações que se têm no mundo da prostituição são consideradas práticas que se estabeleceram historicamente. A exemplo, Laure Adler, ao analisar a prostituição na França, em 1830-1930, afirma que essas mulheres sempre ficam atreladas aos contextos da geografia urbana, da política e da cultura como elementos dinamizadores da segregação física e da "nova" forma de viver a prostituição, enfatizando que a atividade diminui por conta das:

⁴¹ L.N., 51 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 05/05/2002.

"Mudanças de costumes e transformação do capitalismo. As fortunas dos construtores podem ser consideráveis, mas os homens na sociedade hesitam em se deixar arruinar por uma cocote que precisava de um padrão de vida cada vez mais suntuoso [...] Exigiu-se que elas sejam mais discretas, menos insolentes e que não usurpem o papel da burguesia".⁴²

A "zona" de prostituição, espaço para "devassidão", cede lugar à morosidade e comportamentos que passam a ser atos discretos para não expor as "boas famílias" a impudicidade do "ócio" meretrício. A questão diz respeito à nova forma de adaptar os "rendez-vous", torná-los higiênicos, organizados, demonstrando aspecto físico viável não somente para as práticas sexuais, mas também lugar propício para o convívio.

Em Tianguá, os aspectos higiênicos que visavam remodelar o espaço urbano acabaram por atingir o meretrício. Em 1991, o jornal "O Barroco" noticiava a situação precária da "zona" e do bairro Governador Ferraz. A matéria denuncia o descaso dos administradores por nunca terem apresentado projetos que beneficiassem ou organizassem as formas urbanísticas:

"(...) Mesmo tendo se desenvolvido nas últimas décadas, Tianguá não conseguiu oferecer a essas mulheres [meretrizes] uma vida melhor. Muito pelo contrário, a modernização e progresso desordenado em nossa cidade, ameaçam jogar pra rua as mulheres e seus filhos que há dezenas de anos moram no bairro Governador Ferraz, antiga Cancela. Isto pode favorecer o aumento do índice de marginalidade".⁴³

O "progresso" desordenado de Tianguá não ameaçou "jogar pra rua as mulheres e seus filhos", realmente jogou-os. Percebe-se que a prostituição foi esquecida/tolerada, regida pelos olhares do poder público sobre o corpo feminino que procurava definir regras para afastar essas mulheres da cidade e impor-lhes normas comportamentais para romper - separar o prazer sexual. Como enfatiza Magali Engel: a da esposa/mãe (sexualidade sadia) e da prostituta (sexualidade doente).⁴⁴ Essa separação era para controlar o antagonismo entre o prazer legítimo e os prazeres descomedidos que acentuavam o pecado e a imoralidade praticada na "ZBM".

Nesse sentido, os discursos sobre os fazeres e dizeres referentes à prostituição, na "zona" da Rua Zeferino Ferreira, começavam a incomodar,

⁴² ADLER, Laure. Op. Cit. p. 40.

⁴³ O Barroco - Órgão de Divulgação da Colônia Tianguaense em Ação, Ano V, nº 20, Dezembro/1991. p. 3.

⁴⁴ ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 78.

pois, além da perversão, também cedia lugar à uma espacialização descontrolada das casas de prostituição pela cidade. Para isso, era necessário procurar estratégias para barrar a prostituição, excluí-la do centro urbano. Para Michel Foucault, as estratégias de controle, exclusão e de condições julgadas subversivas podem ser consideradas como "relações de poderes".

"O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia [...] por uma legislação, um discurso [...] e por outro lado um sistema minucioso de coerções disciplinares que garantam efetivamente a coesão deste mesmo corpo social".⁴⁵

Nas tensões travadas entre as relações de sociabilidade que unem "zona" e cidade, existem fatores diferentes que podem ser medidos pela construção de estratégias de controle para separar a prostituição do resto da cidade. Se, por um lado, o meretrício era espaço dos prazeres ilícitos e de bebedices, por outro, a desordenação geográfica do Bairro Governador Ferraz e a falta de infra-estrutura ajudavam na imagem do espaço marginalizado. Mesmo com essa situação, a "zona" perdura por 11 (onze) anos, em 2001 foi que a Prefeitura Municipal de Tianguá coloca, em andamento, projetos que tendem construir uma cidade ordenada, com ruas delineadas e estruturada para o crescimento urbano.

Seguindo os discursos que pontuam focos de perdição e de condições precárias de funcionamento do meretrício, em Tianguá, é que se vai ceder argumentos discursivos para o poder público agir contra a prostituição e barrar a "perversão". Sob esse aspecto, é importante problematizar os processos que acabaram por fechar a "zona".

O discurso dos poderes constituídos busca formas para controlar a prostituição dando importância, valorização e ênfase às questões disciplinares referentes à expansão urbana. Em 2001, foi elaborado um plano de urbanização que assinala preocupações relativas à organização territorial, cujo objetivo principal era assegurar melhores condições de habitabilidade e conforto para a população.

Para tanto, a Prefeitura Municipal de Tianguá apresentou, em junho de 2001, projeto que tem como preocupação reestruturar o sistema viário, definido pelo PDDU – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano. Seu principal objetivo

⁴⁵ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 189.

é a integração da cidade com a BR 222. Ressalte-se que, do centro da cidade para a BR 222, os transeuntes ultrapassavam o meretrício onde fica o eixo do balão rodoviário que liga Tianguá à rodovia de Viçosa do Ceará e do Estado do Piauí. Diante dessas perspectivas e com base na reestruturação do sistema viário de Tianguá, a Lei nº 289/2001, que legitima a pretensão de integração, começou a desenvolver uma política de delimitação dos perímetros urbanos. De acordo com a Lei, o Perímetro Urbano significa:

“O traçado definido como limite do perímetro urbano proposto, abrange todas as áreas que possuem atualmente características urbanas, como: existência de redes de água e energia elétrica, adensamento populacional, e vias de circulação urbana. A delimitação de um perímetro visa organizar a ocupação do território da cidade evitando sua expansão indefinida ao longo dos caminhos para zona rural o que acarreta aumento de custos para dotar estas áreas de infra-estrutura, além de tornar a estrutura de circulação intra-urbana mais complexa”.⁴⁶

O bairro Governador Ferraz coincide com algumas pretensões dos propósitos apontados na Lei. Pois havia um complexo de circulação urbana que interligava a Rua Zeferino Ferreira ao centro da cidade. Além disso, o bairro também conta com um adensamento populacional que exigia investimentos direcionados e apropriados para suprir o morador da localidade de aspectos saudáveis que fossem convenientes ao caminhar e viver no bairro.

Na organização dos perímetros, com a pretensão de construir um espaço possível para a convivência, primeiramente, era necessário retirar do local a zona do baixo meretrício.

As algazaras da prostituição, à noite, rompiam com o “sossego” da população necessitando ser afastada da cidade, como se fosse possível criar um espaço para a prostituição.

Os discursos institucionalizados mostram os rumos que tomaram conta da vida das mulheres do meretrício. Para isso, é importante ressaltar dois momentos particulares no processo de mudança do espaço urbano da cidade e da vida das meretrizes. O primeiro é referente ao fechamento do meretrício e o segundo à transferência das meretrizes para outro bairro.

⁴⁶ Lei nº 289/01 de 26 de junho de 2001, que delimita o perímetro da zona urbana de Tianguá, demarca as Unidades Territoriais de Planejamentos (UTP's) e das Unidades de Planejamento (UPS). p.15. A referida Lei foi apresentada na gestão do Dr. Luiz Meneses de Lima (2001-2004).

Dando ênfase, então, ao primeiro ponto, veja-se a Portaria do dia sete de fevereiro de dois mil e dois:

“CONSIDERANDO que são crimes contra os costumes, dentre outros, a mediação para servir a lascívia de outrem, o favorecimento da prostituição, a casa de prostituição, o rufianismo e o tráfico de mulheres;

CONSIDERANDO que cabarés, prostíbulos e casas de prostituição além de serem estabelecimentos ilegais, fomentam a violência e o alto índice de prostituição do município, inclusive, a prostituição infantil;

CONSIDERANDO o número assustador desses estabelecimentos ilegais na cidade e no Município de Tianguá;

CONSIDERANDO que crianças e adolescentes são habitualmente vistos ingerindo bebidas alcoólicas e se prostituindo, ativa ou passivamente, nos estabelecimentos acima mencionados, inclusive, com a conivência dos pais ou responsáveis e a omissão de algumas autoridades públicas, bem como dos proprietários desses estabelecimentos;

CONSIDERANDO a necessidade de assegurar a proteção integral à criança e ao adolescente e os princípios informam.

RESOLVE, com fulcro no art. 149, incisos I e II, parágrafos 1º e 2º da Lei n.º 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA), **fechar todos os cabarés, prostíbulos e casas de prostituição do município de Tianguá**, quer sejam os localizados na chamada Zona de Baixo Meretrício (ZBM), quer sejam na Zona do Alto Meretrício (ZAM).

Ciência ao Exmo. Juiz do Fórum, a Exma. Juíza do JECC, a Exma. Juíza Auxiliar da 8ª Zona Judiciária, aos Exmos. Representantes do Ministério Público Estadual, aos Drs. Delegados de Polícia Civil Regional e Municipal, ao Capitão Comandante da 4ª Cia do 3º BPM, a Presidente do Conselho Tutelar, ao Exmo. Prefeito e ao Exmo. Presidente da Câmara de Vereadores.

Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Revogam-se as disposições em contrário.

Publique-se e cumpra-se.

Tianguá – CE., quinta-feira, 7 de fevereiro de 2002”.⁴⁷

A data acima chega até parecer um dia como outro qualquer, mas não foi. Ao menos para as meretrizes da Rua Zeferino Ferreira. É a data da portaria que estabeleceu o fechamento do meretrício em Tianguá e marcou a vida das meretrizes que, há muito tempo, moravam naquele espaço.

A prostituição, considerada fonte ameaçadora da ordem e da estabilidade da cidade encontrou, no discurso judicial, apoio para “justificar” o fechamento alegando ter a preocupação de “cuidar” da moralidade pública e impedir o crescimento dos estabelecimentos ilegais, observando que o meretrício, “lugar de luxúria”, é crime contra os costumes.

⁴⁷ Portaria N.º 01/2002, expedida pelo Dr. Péricles Victor Galvão de Oliveira, Juiz da Infância e Juventude da Comarca de Tianguá – Ceará.

O “controle sobre os desclassificados”⁴⁸ é a forma de estabelecer a garantia de ordem na cidade; ou seja, os sujeitos que rompem com a contrariedade dos bons costumes e perturbam a ordem pública são uma ameaça para a sociedade. Por isso, a decisão do fechamento do meretrício e similares segue a vontade moralizadora que objetiva evitar a “lascívia” e o “rufianismo”. Esse ato poderá garantir, no futuro, a “proteção integral à criança e aos adolescentes”. É uma ação estratégica de relação de poder que, na interpretação de Inar de Sousa, citando Daniel Lins, observa que:

“(…) o Poder tem necessidade de encontrar um lugar de exílio para as ‘sexualidades ilegítimas’, as sexualidades não reprodutivas, não familiares. É preciso, pois confinar o prazer e os fantasmas da prostituição – esse ‘mal necessário’ que sustenta muitos casamentos e relações impossíveis – ‘lá onde se pode reinscrevê-los, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos circuitos do lucro’. Foucault propõe, de fato, uma excelente definição do prostíbulo no qual o Poder recupera as pulsões que não podem ser controladas, a fim de que na vida social a eficácia seja total. Através da domesticação das aparências, organiza-se assim a sexualidade ‘descontrolada’.”⁴⁹

O poder público estabeleceu a “domesticação das aparências”, mas o ato jamais apagará da memória dos tianguaenses os amores e também os conflitos gerados na “ZBM”. Mesmo com a mudança do espaço urbano, o povo conserva memórias coletivas do lugar. A construção de uma nova imagem de Tianguá através do afastamento das meretrizes para fora do centro da cidade não é a garantia da eliminação das meretrizes e da preservação dos bons costumes. O afastamento pode até acontecer, mas a lembrança do meretrício e da Madame Maria Eva⁵⁰ não vai desaparecer, pois o exercício da memória remete a alguns atores se apropriarem dessa matéria. Segundo Montenegro:

“A memória possibilita resgatar as marcas de como foram vividos, sentidos, compreendidos determinados momentos, determinados acontecimentos; ou mesmo o que e como foi transmitido e registrado pela memória individual e ou coletiva”.⁵¹

A memória dos tianguaenses, individual ou coletiva, sempre irá buscar referência junto às práticas sexuais do meretrício. Não adianta construir residências longe do centro para alocar a prostituição, pois a memória coletiva

⁴⁸ ENGEL, Magali. Op. Cit. p. 28.

⁴⁹ SOUSA, Francisca Inar de. Op. Cit. p. 61.

⁵⁰ Ainda hoje a Madame Maria Eva é muito lembrada, principalmente pelas meretrizes que já moraram com ela no Casarão ou dos clientes que freqüentou o ambiente durante os jantares oferecidos pela Madame.

⁵¹ MONTENEGRO, Antonio Torres. Op. Cit. 1992/93, p. 56.

é capaz de percorrer todos os lugares da cidade para falar das várias noites que muitos personagens viveram nos cabarés.

Assim, com essa interpretação, pode-se observar que as memórias do mundo da cancela e da zona do baixo meretrício alimentam narrativas, versões e discursos elaborados por clientes e meretrizes a partir das recriações ligadas às lembranças. Isso faz o historiador, na abordagem dessas fontes, não tentar se aproximar da suposta objetividade absoluta dos depoimentos, da verdade única e unívoca na descrição de fatos “reais” que procura reconstruir, mas de se imergir nas reflexões e versões que vieram à tona através das memórias, buscando os sentidos e significados que os próprios sujeitos da trama relatam de forma necessária ou possível para eles. Isso talvez seja o “limite”, a riqueza ou o desafio que representa o fato de se trabalhar com a oralidade feito fonte para o historiador.

Ao serem indagadas sobre o fechamento do meretrício, as narrativas das meretrizes mudam de interpretação, deixando de lado o que seria o mundo “real” da prostituição e cedem lugar à multiplicidade de formas e entendimento dos vários sentidos que levou o Poder Judiciário a fechar o meretrício.

O fechamento do meretrício não significou uma simples mudança no aspecto físico da cidade, mas uma mudança radical na vida cotidiana dessas mulheres. Nos depoimentos que seguem, é possível identificar diferentes versões referentes os discursos do fechamento da “zona”. De acordo com as entrevistas, a vizinhança percebe o fechamento do meretrício sob o aspecto diverso que somente o mundo da prostituição é capaz de emergir. Para a senhora M.A.N.:

“Eu achei muito bom. Como eu morava bem pertinho do cabaré escutava todo o barulho daquelas músicas bestas, apaixonadas, de homens tolos que tava lá todo final de semana. Tinha vez que minha filha nem podia passar em frente para ir a BR e comprar alguma coisa, pois os homens ficavam jogando piadinha nela, aí pra evitar confusão eu era quem acabava indo”.⁵²

A prostituição é um universo imbricado por restrições, controle, normatizações que são inúmeras as interpretações. Para a depoente, o fechamento do meretrício veio tarde, pois a tática de exclusão e da necessidade de afastarem as meretrizes de suas abrangências é entendida

⁵² Sra. M.A.N, 55 anos, residente no Bairro Governador Ferraz, dona de casa. Entrevista concedida em 09/03/2002.

como uma providência saudável em relação aos atos libidinosos praticados por meretrizes e clientes. Esse testemunho é um bom exemplo para notar que alguns comportamentos e atitudes eram suficientes para negar a presença de meretrizes nas proximidades do bairro, cujo contato com a vizinhança era inevitável.

Na sociedade tianguaense, por vezes, o meretrício era identificado como um universo caracterizado pela questão da marginalidade. Assim, diferentes argumentos surgem para justificar o exílio das meretrizes, como é o caso do depoimento do senhor A.M.A.:

“Há muitos anos eu moro aqui, mas sempre eu quis sair por causa do dito cabaré, hoje não pretendo sair, não vendo minha casinha que é tão boazinha, suei tanto pra construir. Quando tinha cabaré ninguém se interessava pra comprar falavam logo: tua casa é boa mais o defeito é que é perto do cabaré, de marginal. E agora depois do fechamento do cabaré todo mundo me pergunta se eu não quero vender. O terreno valorizou. Agora eu não vendo. Num tô precisando de dinheiro!”⁵³

O desejo de venda do imóvel era por ter como vizinhança a “ZBM” e a distância do lugar considerado “marginalizado” seria melhor para sua família. O universo da prostituição sempre é colocado como uma realidade à parte, por isso morar perto do cabaré era tido como um “defeito”. Daí a necessidade de venda do imóvel pode ser entendida como forma estratégica: ignorar a prostituição pelo distanciamento do “antro” das perdições amorosas. Hoje, com o meretrício longe do centro da cidade, o senhor A.M.A. sente-se seguro, tanto por estar distante das marafonas, quanto por ter lucrado com a valorização do imóvel.

Para a meretriz L.B.M., o fechamento do ambiente veio como forma de atuação de um determinado poder. A preparação para o período carnavalesco, nos bares, que foi interrompida, gerou muita expectativa referente ao movimento:

“Quando os policiais bateram na minha porta para fechar meu bar eu não entendi muito. Era véspera do carnaval eu tava com tudo comprado. Cerveja, ‘ronmotila’, cachaça, tudo... tudo... Aí disseram que era pra fechar, fechei. Levei um prejuízo doido. Atrasei minhas contas, mas pensei num vou ficar presa por causa disso. Aí eu

⁵³ Sr. A.M.A., 68 anos, comerciante, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 12/05/2001.

achava que eu podia abrir depois do carnaval, que nada o cabaré tinha fechado mesmo pra sempre".⁵⁴

Enquanto uns ganharam com o fechamento, outros tiveram prejuízos. Surpreendidas, as meretrizes não tiveram tempo para se defenderem do aparato burocrático da Lei. A ação do poder judicial veio de forma inesperada e imobilizou as meretrizes no próprio ambiente. Tomadas pelo poder da Lei, elas foram impedidas de abrir os bares e de praticar a prostituição.

Os artifícios da portaria funcionaram com efeito de coação que teve o objetivo de corrigir os comportamentos impudicos que "afligiam" a população tianguaense.

O fato é que os poucos bares restantes, na Rua Zeferino Ferreira não estavam cumprindo as normas preestabelecidas, principalmente, ainda quebravam a ordem pela violência e bebedices, por isso nada de abri-los após o carnaval, fechar para "sempre" foi a ordem judicial.

Diante desse fato, pergunta-se: quem pagou as contas atrasadas das meretrizes? Quem assumiu os compromissos com os credores? Ninguém! As próprias meretrizes tiveram que procurar soluções para quitarem as contas. O que ganharam foi uma pequena cesta básica da Secretaria Municipal da Ação Social.

A análise dos três depoentes me permitiu visualizar o fechamento do meretrício de formas diferenciadas, em que a prostituição pairava na diversidade interpretativa dos sujeitos tomando, como referência argumentativa, as experiências vividas no ambiente.

O fechamento do meretrício não foi o suficiente para "anular" as meretrizes, foi necessário, então, transferi-las para um bairro afastado do centro. Longe, portanto, da cidade, reprimidas das práticas delinqüentes a que se expunham na Rua Zeferino Ferreira, é hoje a real situação dessas mulheres.

Quem providenciou a transferência das meretrizes foi a Prefeitura Municipal de Tianguá que, em 2002, doou casas e, mediante atos considerados "cruéis" pelas meretrizes, foi possível removê-las:

"Essa data é difícil de esquecer. O jeito que eles chegaram e nos expulsaram de nossos bares foi uma crueldade. Quando eu lembro da gente com as coisinhas na mão o trator roçando tudo. É

⁵⁴ Sra. L.B.M, 45 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09/04/2002.

de doer o coração, sabe. Eu mudei porque foi o jeito mais a minha vida ficou lá nos entulhos dos barracos”.⁵⁵

Analisando a transferência das meretrizes, observa-se que a Portaria fez-se de forma intempestiva. Refletindo sobre a ação da Prefeitura Municipal de Tianguá, lembro da música “Despejo na Favela” de Adoniran Barbosa.

“Quando o oficial de justiça chegou
lá na favela.
E contra seu desejo entregou pra seu Narciso
um aviso, uma ordem de despejo,
assinada: seu doutor, assim dizia a petição:
dentro de dez dias quero a favela vazia
e os barracos todos no chão, é uma ordem superior
é uma ordem superior
[...] Não tem nada não, seu doutor não tem nada não
amanhã mesmo vou deixar meu barracão
não tem nada não, seu doutor vou sair daqui
pra não ouvir o ronco do trator (...)”.⁵⁶

A Prefeitura chegou, como lembra a música, com um trator pra derrubar as poucas casas que ali restavam. Após a ação, não restou nada, senão lembranças, barulho do trator e um monte de entulhos. As famílias das meretrizes nada puderam fazer, nada, a não ser recolher os pequenos objetos de uso pessoal e alguns móveis.

De outro lado, a visão da Instituição aparecia em nota de jornal - Diário do Nordeste - “Prefeitura Municipal de Tianguá desativa favela”. Nesta matéria, o poder público municipal anuncia o término da construção das casas para as meretrizes com certo ufanismo. De acordo com o discurso da Prefeitura, estavam também sendo entregues não somente as casas, mas a “dignidade” dessas mulheres:

“As famílias que moravam em área de risco, sobretudo nos locais com elevado índice de prostituição, na sede municipal de Tianguá, a 318 quilômetros de Fortaleza, estão sendo instaladas em áreas mais dignas de vida. Quarenta destas famílias já ocuparam casas com água, luz e pavimentação e estão recebendo apoio do Sebrae, Banco do Nordeste e Secretaria de Ação Social para aprenderem uma nova profissão. A transferência destas famílias teve início no último sábado, quando o prefeito, Luiz Menezes, atendendo a determinação do juiz de Direito Péricles Victor Galvão de Oliveira, juiz da Infância e da adolescência, fechou a principal área de prostituição da cidade, local onde a maioria das famílias viviam em condições subumanas. Algumas morando em cubículos utilizados na prostituição, expondo ao ridículo as crianças e os adolescentes. Com

⁵⁵ Sra. L.B.M, 45 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09/04/2002.

⁵⁶ Despejo na favela, Adoniran Barbosa. Gravadora EMI, 1969.

a mudança das famílias para áreas mais dignas, a Prefeitura dará condições de vida a estas famílias. Algumas pessoas já estão trabalhando na Fábrica de Calçados 'Rena' e outras aprenderam corte e costura e estão trabalhando em suas próprias casas".⁵⁷

Instalar em área "mais digna" as meretrizes significa, segundo a visão de Michel Foucault, utilizar-se de "aparelhos disciplinares como forma de organização de um espaço analítico".⁵⁸

Diante da medida, podemos ver como o meretrício mudou, durante o decorrer da história local: no tempo da Madame Maria Eva, era tido como lugar de diversão, o "glamour" das noites em Tianguá, agora, por estar sendo localizado na sede do município, é interpretado como "área de risco" e, neste caso, é necessário afastá-lo do centro da cidade para não ameaçar a ordem com a presença física.

Por outro lado, mudar as mulheres de bairro não adiantaria, era necessário regenerá-las dando-lhes emprego – Fábrica de Calçados Rena – outras tiveram que ingressar em cursos de corte e costura para assim adquirirem outra profissão e deixar a prostituição.

O processo de "regeneração", mediante parcerias entre o Banco do Nordeste, SEBRAE e Secretaria da Ação Social, pode ser entendido como discurso de poder que rompe com a própria vontade do indivíduo obrigando-o a ocupar ou se apropriar de certos comportamentos não espontâneos.

As personagens que pertenceram a todos e a ninguém ao mesmo tempo não deixaram de existir com a portaria e nem com a transferência para outro bairro projetado pela Prefeitura Municipal. Elas continuam a viver, resistindo, improvisando, ensaiando outras formas para exercer a prostituição.

Neste depoimento, a meretriz, dando ênfase à forma de vida que estava levando, no novo espaço, coloca em questão algumas indagações sobre as dificuldades que enfrenta:

"A Prefeitura nos mandou para o catatau. Mais e daí. Como a gente faz para ir ao centro. Lá é muito longe da cidade, quando preciso resolver alguma coisa tenho que ir a pé, pois não tenho dinheiro pra pagar mototáxi. Não adiantou nada a prefeitura dizer que devolveu nossa dignidade, como? Se a gente aqui vive presa igual lá. Parece até que as casas não são nossas. Pra plantar um pé de planta tem que ser do jeito que o Prefeito quer. Não pode fazer nada

⁵⁷ Diário do Nordeste: Prefeitura de Tianguá desativa favela. Fortaleza-Ceará, 17 de setembro de 2002. p.3.

⁵⁸ FOUCAULT, Michel. Op. Cit., 1987, p. 131.

na casa se num for com a permissão dele. Taí, hoje eu não tenho nada pra comer. A vida de prostituta era meu ganha pão. Agora tô aqui, sem ganhar dinheiro, sem emprego, do que eu vou viver”.⁵⁹

A denominação de bairro Catatau deve-se à referência a um Posto de Gasolina localizado na extremidade da BR 222, em torno do qual as únicas residências são das meretrizes, havendo, ainda muitos terrenos baldios nos arredores. Além da dificuldade de transporte e da falta de dinheiro, as meretrizes sofrem a privação de expressão, de comunicação, pois a Prefeitura não permite a abertura de bares nas casas e nem a prática da prostituição. (Ver foto no anexo 2)

Portanto a “condição subumana” em que, segundo a Prefeitura, se encontravam aquelas mulheres, não foi suprida. Por parte das meretrizes fica a reivindicação.

Reportando ao planejamento dos perímetros urbanos proposto pela Prefeitura Municipal, é interessante ressaltar que a área para onde foram transferidas as meretrizes encontra-se fora das Unidades de Planejamentos consideradas “Setores Especiais”, conforme o Capítulo II da Lei, que aborda a organização e expansão territorial do município.⁶⁰ Se o Bairro do Catatau não está inserido na Macro Zona de Expansão Urbana, o Bairro Governador Ferraz, situado na Macro Zona de Ocupação Urbana Prioritária da Unidade de Planejamento, pertence à área melhor dotada de infra-estrutura, conforme as restrições do documento.

Nesse aspecto, de acordo com o mapeamento da geografia dos bairros, o local escolhido para as meretrizes como “área digna”, vai ficar, não se sabe quanto tempo, abandonado pela administração de políticas públicas. Ao menos é o que está no documento citado que delimita as ações de prioridades.

Por outro lado, a história da prostituição não acabou nem com o fechamento do meretrício, nem com a demarcação dos espaços e, muito menos, com os restos deixados pelo trator – “os lugares de memórias são, antes de tudo, restos”.⁶¹ – , mas as fases estão gravadas na memória de clientes, meretrizes e de outros sujeitos que lembram os conflitos e tensões que aconteceram na “zona”.

⁵⁹ N.S., 43 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 15/09/2002.

⁶⁰ Cf. Lei n° 289/01 de 26 de junho de 2001. Op. Cit. p. 17.

⁶¹ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares IN.: **Revista do Projeto História**, Nº. 10, São Paulo-PUC-SP. Dez. 93 p. 13.

Analisando, de forma geral, a intenção das instituições frente à prostituição tianguaense, é merecido registrar que o fato dessa ação não objetivou somente afastá-las do centro da cidade, mas ainda era necessário mantê-las sob vigilância. Essa estratégia (da construção das casas) não evitou a dispersão das mulheres para outros lugares da cidade.

Por outro lado, tal situação ficou tão evidente que, ao passar nas extremidades da estrada onde ficam as casas, é costume identificá-las como sendo a vila das "meninas da zona".

No entanto, o outro lado da discussão se faz necessário enfatizar. Toda ação de controle das mulheres não pôde evitar as dispersões, tampouco a prostituição. Sob o ponto de vista de Laure Adler, o declínio e o fechamento dos prostíbulos não significam necessariamente a diminuição da prostituição, na maioria das vezes, ela aumenta".⁶²

Permeado por questões amorosas e conflituosas, o movimento das ações segue, mesmo diante de tantas adversidades, com a chegada dessas mulheres no novo bairro, algumas conseguiram e outras ainda tentam apagar a imagem do trator derrubando os bares.

A história, então, das meretrizes da "zona" não passa mais pela Rua Zeferino Ferreira, ao menos, fisicamente, elas têm outra situação no Bairro Catatau, dando assim outra dimensão as suas famílias tendo, que se adaptar aos comportamentos e costumes, não por haverem escolhido a mudança, senão pela imposição das instituições (Prefeitura e Fórum Local).

Diante desse fator, na busca de outra perspectiva, essas mulheres lutam para se livrarem das regras impostas pela prefeitura, forjam saídas para a sobrevivência, mas seguem, dentro de certos limites, buscando outras formas de viver e de se apresentar no novo bairro.

⁶² ADLER, Laure. Op. Cit.p. 125.

2.3 A família da meretriz e a convivência doméstica:

Na extremidade da Zeferino Ferreira, encontravam-se, à tarde, alguns meninos de sete a doze anos de idade. Costumavam chegar aos poucos, um por um, até formarem grupos de seis a oito pessoas. Quando se dava por conta, já estava formado pequeno time de futebol. Enquanto alguns se aqueciam, outros escalavam o time e enfiavam dois pedaços de madeira no chão, de cada lado do campo, que serviam de traves. No pequeno espaço de terra batida o óbvio: uma competição futebolística. A cada cruzamento da bola, um agradecimento, uma reclamação, tudo dependia de como a bola chegava para o jogador. Entre as traves, os goleiros informavam o perigo do atacante que se aproximava e ameaçava fazer gois com facilidade. A partida de futebol, quase todo instante, era interrompida, não pelo juiz mais por carros, bicicletas, motos e pelos próprios pedestres.

Do outro lado da rua, avistava-se uma senhora loira, alta, forte e simpática, no semblante um sorriso exausto, sempre acompanhado por leve cumprimento com o cerrar das pálpebras. Era dona Raimunda (nome fictício) que residia, em Tianguá, há vinte e cinco anos.

Dona Raimunda, mesmo se sentindo familiarizada com as várias situações por que passara durante a sua estadia no ambiente, por diversas vezes, se distraía, acabando muitas vezes lesada, furtada por algum sujeito que, vez em quando, rondava aquele espaço. Mas isso não tirava muito seu sossego. Suas preocupações se difundiam e se misturavam, em grande parte, com os afazeres domésticos, cuidados com o filho ou com as “meninas” e as compras que realizava cotidianamente para repor as mercadorias no bar.

Depois de acomodar as compras, lembrava-se do filho, pois não sabia onde ele se encontrava. Corria para a porta de entrada e clamava, em voz ensurdecadora, pelo seu nome. O filho, obediente, chegava até a mãe e justificava que estava jogando bola com alguns amigos. Após justificativa, ela retornava para dentro da casa pedindo a ajuda Divina – “Meus Deus me ajuda!” – e voltava a cuidar dos afazeres domésticos.

Era uma sexta-feira agitada, a noite prometia e os negócios de dona Raimunda tinham tudo, ao menos era o que parecia, para render bom faturamento, pois era início de mês e os clientes tinham recebido o pagamento.

Dona Raimunda cuidava ansiosamente de cada detalhe e demonstrava grande preocupação com os clientes lembrando que "o bom atendimento era garantia de casa cheia". Olhava o canto das paredes, atrás das portas, verificava o freezer para conferir a temperatura das bebidas, organizava as mesas, até as músicas eram selecionadas com antecedência.

Às vinte horas, dona Raimunda já estava pronta para o atendimento no bar que funcionava no cabaré e "as meninas", modo particular de dona Raimunda quando ela se referia às meretrizes, já se encontravam nas calçadas para flertar possíveis clientes ou à espera de algum já marcado para aquela noite.⁶³

Por esse discurso, podemos notar o cotidiano de um dia "comum", meninos jogando bola na rua, uma senhora vindo das compras e cuidando dos afazeres domésticos. Mas o ambiente da narrativa é a zona de baixo meretrício. Os meninos são filhos das meretrizes e todas as tardes transformam a frente do cabaré em campo de futebol. Dona Raimunda é uma das madamas do cabaré que, durante o dia, desenvolve tarefas domésticas e da família e no período noturno, cuida de suas "meninas" e do bar.

Com essa narrativa, foi possível identificar elementos que nos indicassem caminhos para entender certos fatores abordados. Creio que a convivência familiar das meretrizes poderá apresentar situações que nos levem ter a idéia de como essas mulheres encenavam a vida na "ZBM".

Os fatos abordados enfatizam o viver e o conviver na família das meretrizes. Nesse percurso, podem-se perceber conflitos, diversões, afetividades, limites, violências, no cotidiano da Rua Zeferino Ferreira.

Ressalte-se que, quando essas mulheres falaram sobre a questão familiar, algumas tentaram se restringir ao tema proposto. Essa inquietação acabou despertando um interesse maior para explorar, nos depoimentos, algo que nos dissesse respeito à visão de suas famílias.

Diante de tantas diversidades de convivência doméstica dos cabarés, vê-se que as famílias das meretrizes eram cercadas de muitas implicações, por exemplo: sociedade de homens e famílias chefiadas por mulheres; discursos oficiais, que negam a essas mulheres a responsabilidade de criar filhos, pois

⁶³ Narrativa construída a partir do Diário de Campo em datas de 27 de outubro e 03 de novembro/2001.

são consideradas pessoas "ociosas", "desacreditadas", que não apresentam comportamento nem condições "morais" de criarem sua prole.⁶⁴ Bacelar demonstra características e funções ocupadas por essas mulheres dentro do ambiente doméstico:

"Na família da prostituta, a mãe exerce a autoridade e a liderança sobre todos os membros do grupo. É ela quem dirige todas as atividades do grupo, definindo a configuração da organização do grupo doméstico".⁶⁵

Nessa perspectiva, foi possível trazer, à tona, elementos importantes para se discutir a questão familiar que envolve as meretrizes. Nestas narrativas, a abordagem sobre a família⁶⁶ é feita com argumento reminiscente, antes de falar da convivência com outras meretrizes, elas lembram o tempo de vida comum com os pais.

"Quando eu lembro da minha vida com os meus pais é maravilhoso, mas esse tempo foi só até os meus 14 anos [no semblante um silêncio]. Depois vi que esse negócio de ficar preso no rabo da saia da mãe não combinava comigo. Chega um dia que a gente tem que dar um rumo na vida. Então, aqui é o rumo que eu escolhi. Minha família agora é só dois filhos e o macho que vive comigo. Meus filhos é a razão da minha existência, enquanto que o meu macho não me ajuda muito, mas é minha família".⁶⁷

Portanto, no depoimento, nota-se que o "rumo" de vida da meretriz é bem diferente do de seus pais, embora a inspiração de modelo familiar esteja atrelada ao dos pais – formado por mãe, pai e filhos – , estilo de família patriarcal, cuja figura masculina centraliza as decisões.⁶⁸

Nesse caso, o que a meretriz busca como referência é o amásio que mantinha, há dois anos, no meretrício. Sendo uma pessoa dependente da bebida alcoólica e desempregado, não tinha como ajudá-la nas despesas do lar, ao contrário, fazia-a contrair outras.

⁶⁴ BACELAR, Jeferson Afonso. *A Família da Prostituta*. São Paulo: Ática, 1992. (Ensaio). p. 30.

⁶⁵ Idem. p. 111.

⁶⁶ Sobre o debate da formação familiar e outras referências ver: ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

⁶⁷ Sra. L.B.M, 45 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09/04/2002.

⁶⁸ Sobre esse debate ver: OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. "Assim Caminha a Família Brasileira: Indicações sobre o Quadro Empírico. IN.: *Economia Familiar: Uma olhada sobre a Família nos anos 90*. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1996.; e SARACENO, Chiara. *Sociologia da Família*. Portugal: Editorial Estampa, 1988.

Ao chegar a casa, o amásio se apresentava como figura autoritária e rabugenta. As crianças não podiam brincar e a mãe tinha que ficar subordinada, pronta para, a qualquer instante, lhe atender em alguns afazeres.

O que demonstra a meretriz é ênfase muito forte à questão familiar, ou seja, valorização de laços afetivos que podiam ser medidos na relação que desempenhava com os filhos e com o amasiado.

Como líder familiar, as mulheres trabalhavam arduamente, durante as madrugadas para atender as despesas do lar e de outras necessidades da casa e, durante o dia, sobretudo no período da tarde, desempenhavam os fazeres domésticos.

Em face da relação entre meretriz e amásio, observa-se que, mesmo não sendo companheiro que, além de dividir o quarto pudesse também dividir as responsabilidades domésticas, a presença do "macho" ainda é muito valorizada. Osterne, analisando grupos familiares em bairros de Fortaleza, diz que esse comportamento é muito comum nas famílias de baixa renda:

"Essa valorização do masculino, inclusive, aparece de maneira muito forte, também, nas famílias chefiadas por mulheres. De fato, essas famílias, mesmo que expressem o deslocamento dos padrões hierárquicos predominantes, não conseguem superar as assimetrias de gênero. A dimensão simbólica que sustenta essa assimetria continua presente, mesmo nas famílias onde o homem já não esteja presente ou que não dependam deles para o seu sustento".⁶⁹

Noutro depoimento, a referência familiar tinha que se fazer, mesmo sem a presença de "macho", restrita a base familiar somente à convivência com os filhos.

"A família que o meu pai tem é muito unida, somente eu é que fui a ovelha desgarrada. Comecei a trepar muito cedo, então sai logo de casa. Mas agora depois de vinte anos no cabaré eu tive dois filhos e eles são a minha família. Os meus filhos são tudo pra mim, é o meu ponto de apoio".⁷⁰

A convivência é formada pela meretriz e pelos dois filhos. Sem a presença masculina, ela mesma é a responsável por todas as despesas da casa. Os meninos só ajudam financeiramente quando prestam serviços a terceiros ou vendem algumas quinquilharias pela cidade.

⁶⁹ OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina**. Fortaleza: EDUECE, 2001. p. 208.

⁷⁰ R.O.R., 53 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 04/05/2002.

Os filhos representam os legítimos membros da família e eram eles quem dinamizava o ambiente, formando o verdadeiro sentimento de família, tão propagado na fala das meretrizes.

Nesse aspecto, – “sentimento familiar”⁷¹ – a convivência doméstica do meretrício se apresentava como função importante para prover o bem-estar social da família que, diante dos diversos papéis que enfrentava, era fator necessário como ponto de apoio aos problemas e também de resistência. Esse aspecto desencadeava o ritmo centrado em momentos íntimos, tidos pelos membros (filhos e outros parentes) como sendo importantes para a paz familiar.

Em outro depoimento, tem-se que a formação das famílias das mulheres não estava ligada somente a convivências com os filhos ou amásio. A presença de parentes (primos e outros consangüíneos) representava uma extensão familiar. O depoimento abaixo indica questões pontuais de convivência entre parentes, no meretrício:

“Comigo além dos meus dois meninos mora uma prima que tá com a gente faz dois anos. Ela mim ajuda muito ficou muitas vezes com o menino enquanto eu tava atendendo os clientes. Então a minha família era só nos quatro. Também não era só eu que tinha parente no cabaré não, as outras meninas também tinham”.⁷²

Essa relação era muito comum na “zona”, mesmo em espaços pequenos era possível dividi-los com outras pessoas da família. A maioria dos parentes que se aproximavam das meretrizes eram mulheres. Muitas delas saíam da casa dos pais por motivos de pobreza, violência doméstica, falta de emprego, dentre outras situações. O que atraiu parentes para o convívio com as meretrizes foi a afinidade que havia entre elas. A localização da cidade de Tianguá também beneficiou a vinda de parentes, pois como ficava no eixo de trânsito, acabou facilitando o deslocamento para o ambiente da prostituição.

A agregação dos filhos e parentes, no meretrício, acabava por formar a extensão familiar que era a noção de família que as meretrizes tinham.

Por outro lado, existem casos em que algumas meretrizes não tinham filhos nem parentes, só amigas. Nesse caso, as meretrizes admitiam que a

⁷¹ AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Família às avessas: gênero nas relações familiares de adolescentes**. Fortaleza: Edições UFC, 2001. p. 37.

⁷² A.T.S., 31 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 19/10/2002.

convivência com as companheiras de quarto fosse fator de formação do sentimento familiar.

“Quando eu estava morando na zona eu não tinha ninguém da minha família morando comigo, né... Não tinha filhos e nem parentes comigo. Mas também não me sentia sozinha não, as meninas que dividia o quarto comigo era a minha família, né... Mais nunca é como a família da gente mesmo... Mais elas me ajudavam muito, mim emprestavam roupas, dinheiro e a gente dava conselhos uma pra outras. Às vezes a gente brigava mesmo, mas é coisa normal, né”.⁷³

A questão familiar vista pelas meretrizes é muito abrangente. Esse argumento se apresenta, nos depoimentos, como necessidade elementar para a vida. Quando, na convivência, se emprestavam roupas, acessórios e outros objetos, era como se fosse uma forma de enfatizar as necessidades ligadas à carência afetiva e de proteção. Diante essas situações, observa-se que as trocas de favores e os conselhos de umas com as outras ainda não eram suficientes, pois “nunca é como a família da gente (...) Mais elas me ajudavam muito”.

Essa compreensão está atrelada à complexidade familiar. Amaral observa que as relações familiares se encontram prontas a se adaptarem à novas formas de convívio.

“As relações familiares, porém, não são imutáveis em relação ao tempo e ao espaço social. Por isso não se pode pensar ‘família’ como uma ‘estrutura’ definida ou única. Pesquisadores de uma mesma disciplina ou de disciplinas diferenciadas, concluíram que não se pode falar da ‘família’, mas de ‘famílias’”.⁷⁴

O caráter fundamental dos laços de famílias é um fator presente nos relacionamentos que giravam em torno do mundo da prostituição. O espaço doméstico era considerado ambiente para a prostituição e para a convivência familiar.

“Quando a gente tava morando na zona, a nossa casa era no bar, né. Aí então, lá a gente acordava tarde. Quando num bebia e não ficava de ressaca eu levantava e fazia o café dos meninos pra ir à escola. Mas quando eu tava de ressaca quem cuidava de fazer o café, almoço e tudo dentro do bar eram os meninos. Eles faziam de tudo, mas quando dava a gente dividia as tarefas”.⁷⁵

⁷³ Sra. L.B.M, 45 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09/04/2002.

⁷⁴ AMARAL, C. C. G. do. Op. Cit. p. 37.

⁷⁵ F.M.A., 39 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 06/10/2002.

O trabalho noturno das meretrizes deixava-as exaustas, não dando tempo para realmente assumirem o papel de “dona-de-casa”, que ficava sob a responsabilidade dos filhos. No meretrício, as crianças, desde cedo, são submetidas a aprender a fazer as próprias refeições diárias e a arrumação dos bares/casas.

O momento de descontração das crianças era no período da tarde, onde brincavam de bola e faziam outras atividades que ajudavam a “passar” o tempo. Quando não estavam brincando, estavam prestando alguns “mandados” para ganhar dinheiro para ajudarem nas despesas da casa.

O horário do almoço, que podia ser momento único e particular para a família, era um ato de realização individual, pois dificilmente conseguiam se reunir à mesa para comerem juntos, pois o horário inconveniente do trabalho da mãe contribuía para a separação.

A presença da mãe era um momento raro, pois aparecia somente no período da tarde quando já tinha “matado o sono”, mesmo assim, de pouca demora, pois tinha que se preparar para se apresentar logo à noite no meretrício.

Sem as reuniões familiares, os conflitos sempre eram muito freqüentes. Porém a falta de acompanhamento diário não impedia as meretrizes em administrar esses conflitos. Muitas das decisões tomadas eram rígidas e, às vezes, agressivas.

“Quando eu vou pro bar coloco os meninos pra dormir cedo... sabe... aí eu advirto logo! Não vão brigar seus bandos de porra. Se eu chegar aqui e vocês estiverem brigando vai apanhar todo mundo. Eu sou assim, mostro logo que eu sou, não dou moleza pra eles não, porque se deixar eles montam. Também não é porque é filho de puta que vai ficar solto na rua, sem fazer nada não. Se não tem nada o que fazer coloco esses filho duma égua pra dentro de casa e vão dormir”.⁷⁶

O controle familiar era levado pela mãe com muito pulso e veemência, sempre na demonstração de que a ausência masculina não a influenciava e não incomodava. A formação dos filhos seguia sem interferências.

As advertências antes de sair para o trabalho eram constantes e quase suficientes para manter a disciplina na casa. Quando não davam para manter a

⁷⁶ C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.

organização e dirimir os conflitos, o filho mais velho ficava autorizado para resolução dos casos.

Ao contrário de outras famílias, as meretrizes não negavam que utilizavam a violência, se necessário, para disciplinar seus filhos. Se o motivo da violência era justo, não souberam responder, mas justificaram enfatizando que todas essas atitudes eram para que as crianças não tivessem a mesma "sorte" que elas tiveram.

Outra situação interessante é a preocupação que as meretrizes tinham com a educação dos filhos. Pois, o estudo, segundo a meretriz, podia dar outro rumo as suas vidas. A pretensão que elas tinham era de incentivar e patrocinar o necessário para o sucesso dos filhos. Como é enfatizado: "eu passo a noite acordada, bebendo com aqueles machos para dar o sustento e o estudo deles".⁷⁷

Comenta-se, agora, um fator deixado, por último, de propósito, para ganhar mais ênfase e olhar minucioso. É o caso da linguagem do meretrício, mediada por diálogos entre mãe, filhos e outros parentes.

No último depoimento, a linguagem da meretriz dirigindo-se aos filhos era rígida e espontânea. As palavras como: porra, filho da puta, filho de uma égua, caralho e outros nomes eram comuns na comunicação cotidiana nas famílias das meretrizes.

É interessante observar que esses discursos era chamativo no meretrício, fora do ambiente era pejorativo e, portanto, evitado. Da mesma forma, os filhos também tinham esse comportamento, mas o contato com colegas da escola e da vizinhança alimentava o silêncio desses dialetos. Essa atitude, segundo Bacelar:

"Evitará dizer o que sua mãe faz, onde mora, não levará os amigos até sua casa. São formas de encobrimento utilizadas pelo indivíduo, não mostrando a estranhos a sua situação de vida, como uma maneira de não ser desacreditado pelo grupo".⁷⁸

De certa forma, as palavras acabavam sendo um código do meretrício. A linguagem, forma de comunicação e de diálogo dessas famílias, era fato principal para notar como essas pessoas se lançavam e se apresentavam como diferentes. Neste trabalho, o que se percebe é que essas diferenças são

⁷⁷ A.T.S., 31 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 19/10/2002.

⁷⁸ BACELAR, Jeferson Afonso. Op. Cit. p. 125.

de diversas formas: no modo de vestir, de andar, de se comportar, e, agora, a questão da linguagem aparece como elemento característico que compõe o mundo da prostituição.

Mesmo tidas as palavras como nefastas para o convívio entre mães e filhos, alguns desses pronunciamentos eram formas, maneiras de falar. Nesse sentido, observa-se que, em muitos outros segmentos sociais, as palavras podem estar presentes, dependendo do contexto em que o sujeito está inserido ou do comportamento.

Na interpretação das meretrizes, essa forma de comportamento não atrapalhava na educação dos filhos, pelo contrário, a linguagem era emitida com autoridade e podia levar os filhos a descobrirem, logo cedo, certa autonomia.

Para concluir, tem-se que, na zona do meretrício, as mulheres não dependiam do masculino, nem para educar os filhos, nem para manutenção financeira do ambiente doméstico. Então podemos observar que essas mulheres são capazes de chefiar o grupo familiar sem submissão ao macho. “Eu só fico submissa ao macho na cama, quando eles terminam e me pagam, eu tenho nojo deles”.⁷⁹

As famílias das meretrizes, que se deslocaram para o Bairro Catatau, ainda continuam, no ambiente doméstico, mantendo relação dividida entre a família e a prostituição. Porém outras famílias de meretrizes, mais antigas no mundo da prostituição, não resistiram ao enfraquecimento do ritmo dos bares e, antes mesmo do fechamento do meretrício, afastaram-se da prostituição.

As próximas páginas têm como fio condutor a análise das condições que levaram essas famílias a retornarem a cidade de origem.

⁷⁹ C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.

2.3.1 A família como referência: “Não sou daqui nem vim para ficar” - “Já ganhei o que tinha de ganhar”.⁸⁰

Nas páginas anteriores o que se apresentou foi o mapeamento das trilhas que as mulheres traçaram no meretrício, enfatizando, desde o mundo da cancela, a zona do baixo meretrício. Trilhas que não foram tão fáceis de seguir, mas cuja observação foi necessária para contextualizar e analisar os discursos que mediavam clientes e meretrizes envolvidos na prostituição tianguaense.

Mediante os discursos do item anterior, pretende-se, neste subitem, abordar o rumo que algumas das madamas deram à vida, na perspectiva de busca não somente das especificidades das saídas dessas mulheres, mas também dos dados referentes à questão da identidade.

Diante de tantos personagens, as “Madames” eram figuras centrais e indispensáveis no mundo da prostituição. Essas mulheres eram responsáveis pelas embaladas noturnas e se ocupavam de tantas funções que as faziam pessoas importantes e respeitadas, como a Madame Maria Eva.

A prostituição exigia das madames atitudes rígidas e veementes em que, por vezes, tinham que se mostrar autoritárias e “moralista” para que pudessem dirimir as contradições entre o discurso e a prática violenta de clientes e meretrizes.

Acontece que nem mesmo as astúcias das madamas foram suficientes para evitar o declínio da “zona”. Os cabarés eram, até a década de 1980, empreendimentos lucrativos e as cafetinas foram grandes responsáveis pelo crescimento dos estabelecimentos.

Os atributos e funções que as madames desempenharam não detiveram o enfraquecimento dos movimentos dos cabarés que culminou com a venda dos bares, no final da década de 1990.

O cruzamento de clientes já não estava tão intenso como em anos atrás, mas as madamas estavam lá, aguardando-os.

Cansadas da espera, da profissão e incomodadas pelas dívidas que surgiam e não tinham como liquidá-las, as coisas começaram a ser encaradas

⁸⁰ O título desse subitem surgiu da apropriação do depoimento de uma ex-prostituta que não resistindo as conseqüências da decadência da “ZBM”, acabou se retirando e retomando à cidade de Ipu-Ceará. Ver: Sra. M. C. R., 71 anos, ex-prostituta – Hoje residente na cidade de Ipu-Ce. Entrevista concedida em 08/09/2001.

com mais realidade até notarem que já estava na hora de pedir retirada. A primeira atitude foi a venda dos bares, na maioria das vezes, os únicos bens materiais.

O enfraquecimento diminuiu o trânsito de clientes, o que acarretou uma série de dívidas, faltava dinheiro para comprar gêneros alimentícios, pagamento de terceiros (energia, água e outros) e produtos para comercialização nos bares. Se isso não era o suficiente, vieram os saldos devedores dos clientes que, após a compra a prazo (fiado), nunca mais retornavam aos bares.

A solução era vender os bares e com urgência, pois quanto mais o tempo passava, mais os gastos aumentavam e estava ficando impossível segurar a situação. Porém a venda dos imóveis não foi ao preço do mercado imobiliário, mas abaixo do mercado, conforme é possível notar em:

“O meu bar foi muito baratinho, mas como eu queira sair do cabaré e tava precisando de dinheiro foi o jeito vender. Quando eu vendi, sabe... deu pena até pena. Mas fazer o que, a vida é assim mesmo. Afinal, não sou daqui e nem vim pra ficar. E também as coisas não estavam boas pra mim não. O comércio tava fraco, eu não tinha mais meninas trabalhando comigo e só o bar não dava para bancar as despesas. A minha pena de vender o bar era porque eu trabalhei muito pra montar ele, transformei o barraco de palha num bar de tijolos”.⁸¹

Muitas casas foram vendidas. Proprietárias, desde a cancela ou da formação da “zona”, tiveram que abdicar da profissão pela idade avançada, e pelo faturamento, que não dava para cobrir as despesas domésticas e manutenção dos bares.

Algumas das mulheres que venderam os bares foram contemporâneas da Madame Maria Eva e, durante o período de moradia no Casarão, ganharam experiências e dinheiro, conseguindo assim abrir os próprios bares.

A saída da senhora M. C. R. pode ser interpretada como uma estratégia de sobrevivência, pois precisava do dinheiro, por isso “foi o jeito vender”. Por outro lado, tinha a vantagem de não ser de Tianguá e, agora, estava tendo a oportunidade de retornar à cidade de origem: Ipu-Ceará.

A “pena” em deixar o mundo da prostituição estava atrelada ao significado do seu trabalho com a construção do bar e ao pagamento do imóvel

⁸¹ Sra. M. C. R., 71 anos, ex-prostituta – Hoje residente na cidade de Ipu-Ce. Entrevista concedida em 08/09/2001.

que não cobria nem as despesas que teve, nem a experiência de vida que lá desfrutou, ficando tudo na lembrança.

A venda dos bares não foi simplesmente pela decisão de sair do meretrício e da prostituição, mas algo muito mais forte. A questão era financeira, ligada às condições físicas. As duas coisas não estavam mais correspondendo às expectativas das madames. Corpo e mente pediam a saída delas, o mais rápido possível.

O empresário Luiz Aragão, que possui uma metalúrgica próxima ao meretrício, foi um dos primeiros a oferecer propostas de compra. Bem sucedido e com tino comercial, não pensou duas vezes, comprou a maioria dos bares, especificamente, aqueles que ficavam do mesmo lado da metalúrgica. Após a compra, o empresário mandou demolir todos os prédios e sobre os escombros fora construído imenso muro de alvenaria.

Nessa situação e em meio à mudança que queriam dar as suas vidas, as madamas não viram outra solução senão o abandono da zona do baixo meretrício.

“Olha quando eu tomei a decisão de voltar pra minha cidade foi muito duro. Encarar o pessoal!... Só eu sabia o que estava sentindo. Mas se tem uma coisa que aprendi foi enfrentar as coisas de frente. Mas, não sei se lamento ou agradeço a Deus por isso, o que sei é que não agüentava mais aquela situação do cabaré e eu precisava muito mesmo era sossego”.⁸²

A decisão de sair do meretrício era uma guinada que as mulheres tiveram que encarar frente a outros desafios. Nessas circunstâncias, o desafio maior era encontrar forças para “encarar o pessoal” da cidade em que tiveram que enfrentar o olhar de estranhamento que as perseguiu por algum tempo. Diante de gestos mordazes e de rejeições, foi muito difícil aceitar tal situação, mas tudo estava valendo a pena, pois, nesse instante, o “sossego” falava mais alto.

O retorno à cidade de origem levou as mulheres a uma mudança de comportamento e costumes. A vida, agora, decorre sobre normas e regras da sociedade levada a praticar “bons modos”. Encarar o papel de puritana não foi fácil, vejamos no depoimento abaixo:

⁸² Sra. M. H. N., 73 anos, ex-prostituta, residente em São Benedito. Entrevista concedida em 09/09/2001.

“Eu já estava preparada pra o que ia ouvir, se não bastasse, além de escutar a fala dos parentes, ainda tive que aturar o pessoal na rua. Às vezes eu pensava que ainda tava no cabaré, sabe... dava aquela vontade de mandar todo mundo pra puta que pariu, mais aí era onde eu mim tocava e caía na real que não estava mais naquela vida. Puta merda foi muito difícil se acostumar com isso!”⁸³

A resistência frente à acomodação de “princípios” morais que havia perdido na “zona” agora era necessário buscá-los. E essa busca significava o rompimento com a própria identidade. Deixar a irreverência “daquela vida” para respeitar a ordem social e tornar se puritana estava “difícil se acostumar”, mas eram as formas que prevaleciam para fugir dos estigmas adquiridos desde a entrada na “ZBM”.

Porém estar perto dos familiares e de pessoas da cidade foi motivo de renúncia e adaptação e, numa volta ao passado, tiveram que buscar hábitos, crenças e ideologias que haviam apreendido na custódia dos pais.

Deixando as questões amorosas e conflituosas de lado e enveredando por caminhos regrados pelas relações familiares, essas mulheres estão forjando meios de sobrevivência, e, diante de tantas adversidades que pontuaram sua chegada, ainda lutam para sobressaírem do estigma que as rodeia, porém, seguem, em certos limites, buscando outras formas de viver e de se apresentar no meio social.

⁸³ R.O.R., 53 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 04/05/2002.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÃO SOCIAL:

OS DISCURSOS SOBRE A PROSTITUIÇÃO EM TIANGUÁ

A estruturação e o estabelecimento das relações de sociabilidade, permeados por clientes e meretrizes, são os elementos deste capítulo que definem a construção das representações sociais¹ no mundo da prostituição.

No período de 1950 a 2002, as meretrizes e clientes desenvolveram relações de dominação e poder a partir de medidas que buscavam o enquadramento do prazer e do desejo sexual, elaborando representações sociais na própria relação do ambiente prostituinte, através de gestos, modos, comportamentos, expressões, utilização do corpo e de outros elementos.

Assim, a construção dessas representações sociais, na prostituição, pode ser percebida à medida que, nos depoimentos, são narrados fatores que pontuam a diferença não somente na relação sexual, mas também na forma de como esses personagens se apropriam de instrumentos para sobressaírem no jogo de atribuições e funções que desenham formas e normas para viver no meretrício.

Para entender a expressão dessas representações, incluem-se como elemento definidor as múltiplas faces da produção de poderes e saberes sobre a prostituição que tem como referência os discursos que as meretrizes tomam para si, no sentido de romper com a dominação masculina. Segue, então, a análise do cruzamento de narrativas, na busca do desvendamento de perfis masculino e feminino.

¹ Na produção do conhecimento científico recente, a análise das representações como práticas sociais tem ganhado grandes abordagens dentro das Ciências Humanas. Nessa visão, a sociologia, a psicologia e outras ciências se apropriam desse conceito na forma de identificar como determinadas sociedades elaboram e expressam suas experiências de vida. Noutra interpretação, os historiadores também estão se apropriando desse conceito para compreender de que forma determinados sujeitos elaboram e articulam experiências de vida num determinado contexto histórico. Ainda sobre o assunto ver: CHARTIER, Roger. O mundo como representações. IN.: **Estudos Avançados**, 11(5), 1991; CARDOSO, Ciro Flamarion, MALERBA, Jurandir (Org.) **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000 (Coleção Textos do Tempo).

3.1 Discursos cruzados: o masculino e o feminino na cidade e no meretrício:

O que se pretende abordar neste subitem é a análise das diversas vivências construídas no mundo da prostituição. O objetivo principal é discutir as imagens e práticas estereotipadas e de controle que se construíram em torno do meretrício tianguaense pelas atitudes de clientes e meretrizes.

As versões das práticas, no meretrício, pontuam comportamentos que foram motivos de discursos enunciados sobre a prostituição na cidade de Tianguá. Essas versões deram argumentos para que se pudessem cruzar esses discursos e entender a movimentação no ambiente assinalando as noções de sexualidade, comportamento e estigma.

O que se pode observar é que os inúmeros discursos emergem como se os personagens falassem de lugares semelhantes e, ao mesmo tempo, diferentes. Cada depoente nos transmite a imagem e interpretação das vivências no meretrício e do "uso" que se faz dele.

Além disso, este estudo permite fazer uma reflexão sobre as relações de gênero, tomada como categoria de análise capaz de romper com os paradigmas tradicionais, no tocante às relações geradas entre homens e mulheres, em que perfis e comportamentos indicam papéis diversos, mas estão intrinsecamente ligados. Segundo Rachel Soihet:

"O gênero sublinha o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir por meio de um estudo que os considere totalmente em separado".²

Nessa perspectiva, é importante apontar narrativas ilustrando as experiências do meretrício como forma estratégica dos clientes e de meretrizes para pontuar não somente o mundo imbricado nas relações de gêneros, mas

² SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a história: Desafios e perspectivas. IN.: SOLER, Angélica e MATOS, Ma. Izilda S. de (Org.). **Gênero em debate: Trajetória e perspectivas da historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997. p. 63. Sobre esse aspecto ver também: MORAES, Maria Lygia Quartim de. Usos e limites da categoria gênero; RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. Ambos em: **Trajetórias do gênero, masculinidades...** - Cadernos PAGU: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP. (11), São Paulo, 1998. pp. 99-105; SCOTT, Joan. História das mulheres. IN.: BURKE, Peter (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. pp 63-95.

nas diferenças e construção de significados forjados para criar limites, poder e restrições.

Em meio às narrativas vivenciadas no meretrício, surgem várias interpretações de diversos olhares. Sob esses olhares, as vivências do mundo da prostituição aparecem guardadas na memória dos depoentes como histórias que retratam amores, desilusões ou início da vida sexual.

É interessante notar que, nessas memórias, podemos registrar características específicas de clientes e meretrizes. Para os clientes, o meretrício se apresenta como lugar de diversão, passa-tempo, devassidão e, para as meretrizes, ambiente e espaço para trabalho.

As características estão nos discursos elaborados de forma que, ao evocar as experiências de vidas desses sujeitos, foram capazes, através do exercício da memória, de nos levar a visualizar dinâmicas das farras noturnas que embalaram os finais de semana em Tianguá.

Nos depoimentos, também é possível perceber que, em torno deste fator atrativo, o meretrício, como lugar heterogêneo, o que aparece como argumento necessário é a busca do prazer medido pela erotização do corpo que incita o saber/poder³ como forma de dominação.

O que vai evidenciar essas características é o cruzamento de relatos de clientes e meretrizes que talvez possam nos levar a visualizar versões significativas do meretrício, como se pode ler neste trecho de um residente do Bairro do Estádio:

“O cabaré é um lugar maldito, eu já estive lá muitas vezes e depois de velho é que vim tomar vergonha na cara. Lá eu já fui roubado, me bateram, tomaram meu dinheiro. Lá é lugar pra gente que não tem o que fazer. Quando eu lembro do dinheiro que eu gastei lá dá até pena, agora poderia ter algo, mas não, gastei todo com o mulheril”.⁴

Ao relatar as formas de vivência do meretrício, o depoente também pontua discursos que permitem entender a ligação entre a cidade e o

³ Michel Foucault vai ser um dos primeiros pesquisadores a abordar os discursos sobre o corpo, levando o debate para o centro das academias e interpretando-o como um problema relacional e historiográfico. Diante desse sentido, o autor constrói um marco referencial muito forte dentro da historiografia no que diz respeito à questão da sexualidade. Sobre esse aspecto ver: FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 100.

⁴ Sr. J.O., 66 anos, aposentado, residente no Bairro do Estádio. Entrevista concedida em 18/06/2001.

meretrício como elo intensificador de dinâmicas que o ambiente de prostituição propicia na geografia urbana.

O meretrício desenhado pelo depoente, em primeiro momento, apresenta a rede de ligação entre clientes e meretrizes que aponta, nesses termos, lugar dúbio. A “zona”, que o atraiu na juventude, por motivos de virilidade e de sentido de folgazão, na velhice, é entendida como lugar ambíguo, indeciso, não confiável, de pessoas que “não têm o que fazer”, levando a entender que o motivo de atração dos clientes para a zona de baixo meretrício é a ociosidade, principalmente, quando se imagina uma cidade do interior onde opção para o lazer inexistente.

Além disso, há a questão do domínio masculino à menção de que gastou todo o dinheiro com o “mulheril”, comportamento aspirado pelos clientes justificando as constantes idas no meretrício.

Por outro lado, em depoimentos, observa-se que há um discurso que tende a construir uma imagem do meretrício como ambiente agressivo, perigoso, e, portanto, exige atenção e cuidados de quem o frequenta.

No entanto, é necessário enfatizar que a referência ao prostíbulo como agressivo e perigoso também é uma forma estratégica das narrativas masculinas que, no entrelaçamento das recriações das histórias de frequência da “zona”, sempre se colocam como sujeitos e como vítimas. Neste depoimento, estão as experiências de J. M. S.:

“Eu vejo como um lugar bom. Olha rapaz... lá era bom... lá era bom porque servia de diversão pra gente, tinha muita mulher, lá a gente bebia uma cervejinha, apesar de ser muito caro, escutava música, batia um papinho com as mulheres, às vezes quando dava, levava um amigo pra mim acompanhar tomar uma bebida e escutar alguns problemas particulares. Depois era que eu pegava uma garota e levava pro quarto. Agora quem frequenta tinha que ser esperto. Lá é um lugar pro cabra esperto porque se dê bobeira é arrastado. Sabe.. é roubado, ou pelas raparigas ou por sujeitos desconhecidos que estão lá”.⁵

O lugar “era bom” pelas atrações que oferecia – diversão, bebidas, mulheres, músicas – de que outros ingredientes os homens precisavam para ocupar a “ociosidade”? Quando abordados para falarem dos fazeres no

⁵ Sr. J.M.S. 67 anos, motorista, residente no Conjunto Malvinas. Entrevista concedida em 27/07/2001.

meretrício, esses eram os elementos simbólicos dos clientes. O fato era unir tempo e ócio com boemia, prazer e sexo.

Por conta disso, os clientes que visitam o meretrício, pela primeira vez, eram facilmente atraídos pelo bel-prazer da vida noturna e, por isso, se tornavam assíduos. Atraídos pelas mulheres que esbanjam sensualidade, no meio do salão, os clientes eram aguardados ansiosamente à entrada dos bares e convidados a se deleitarem com o prazer do sexo e embelezamento dos corpos⁶ das meretrizes.

Por outro lado, tem-se que, através de estratégia da narrativa, o depoente leva a entender que as relações praticadas na "zona" sempre são comandadas pelos clientes.

Pode-se observar que os encontros sexuais, no meretrício tianguaense, eram tidos pelos clientes, como prática que devia estar ligado não somente à busca pelo prazer, mas também à "esperteza" dos "sujeitos estranhos" que buscam diversão, mulheres e bebedices. Esses elementos eram suficientes para colocar os clientes no centro da trama. Afinal, todos são estranhos à visão das meretrizes.

Têm-se nos últimos depoimentos, importantes concepções do meretrício: "lugar maldito" e aliciador de homens e "lugar bom". São fatores antagônicos, que se encontram demarcados nas narrativas dos clientes. Ao se apropriar dessas versões, o narrador/cliente toma, como ponto de referência, a própria experiência de vida que teve no contato com as meretrizes. Por esse domínio e características narradas sob olhar masculino é que vai ser possível traçar o delineamento dos perfis dos clientes que, ao descrever o mundo boêmio, enfocam fatores que ligam o prazer à dominação.

Mas a vida noturna não apontava somente boêmios em diversão, mas também despertava os olhares da vizinhança que acompanhava o movimento de clientes e meretrizes. Analisando as entrelinhas, podemos perceber que as encenações dos fazeres, no mundo da prostituição, refletiam também na dinâmica da cidade. Na recriação da história do meretrício, é possível trazer, à tona, narrativas do tempo e do espaço também registrados na memória dos

⁶ É importante perceber que o sentido dado ao uso do corpo é uma espécie de valorização, exposição que leva a entender como a relação de poder pode vir, à tona, mediante a relação cliente – meretriz. No item 3.3 Uso e poder do corpo, desse capítulo, serão apresentados mais detalhes sobre a exposição e a sexualidade do corpo das mulheres na "zona".

expectadores. O exemplo é o caso de M.J.A.N., natural de Tianguá, casada, dona-de-casa, moradora do Bairro Governador Ferraz, que tinha como vizinhança os bares do meretrício. Observe como ela visualiza o ritmo da zona:

“Há, eu!... Eu observo, não condenando o ambiente. Não sou perturbada, como também não perturbo. Às vezes a gente pensa que é só os outros que perturba e a gente não perturba ninguém. Parece né... parece que sou Santos. Agora, assim, eu vejo o ambiente como um lugar de diversão, porque aqui é uma cidade muito pequena, não tem muita opção para o pessoal se divertir. Nem o som do ambiente me perturba, o que mais me aborrece são aqueles pessoal que vem lá do centro, eles abrem o porta-mala do carro e coloca um som bem alto que perturba até a gente assistir televisão”.⁷

A Rua Zeferino Ferreira, que abriga M.J.A.N., era a mesma que acomodava as meretrizes e clientes. Os moradores tinham concepções de mundos diferentes, mas, ao mesmo tempo, pelas proximidades físicas, comungavam certas peculiaridades.

Conviver em espaço provedor da “devassidão” é questionável. No depoimento de M.J.A.N., o meretrício se apresenta como ambiente que “não a perturbava”. Ao contrário, quem perturbava eram os sujeitos do centro da cidade que se deslocavam para o meretrício e colocavam músicas altíssimas nos carros.

Por outro lado, o que aparece como reforço, na rememoração, é o fato de o meretrício haver sido observado como lugar de diversão, enquanto as questões de desregramento social, que culminaram no fechamento da “zona”, não aparecem no depoimento acima.

Enquanto a senhora M.J.A.N. captava somente os sons, na frente do meretrício, aconteciam negociações entre clientes e meretrizes. Os acordos estavam ligados à venda do corpo, ao consumo de bebidas, ao acerto de aluguel do quarto, entre outras relações “comerciais” no meretrício.

Em meio aos negócios, via-se que, em alguns casos de descumprimento das regras acordadas entre as partes, era possível ceder lugar à agressão.

Nesse último caso (da agressão), era comum acontecer, na “zona”, por mais que as mulheres encontrassem estratégias para resistir à provocação, esse fator quase inevitável. No depoimento abaixo, tem-se esta visão:

⁷ Sra. M.J.A.N., 54 ANOS, dona de casa, moradora das proximidades do meretrício. Entrevista concedida em 22/09/2001.

"Aqui no cabaré eu era conhecida como uma mulher muito agressiva, mas também esse pessoal folgado que vem pra cá pensa que a gente é otária, pensa que a gente é objeto deles. Eu não sou objeto de ninguém, sei que eles pagam, então pronto, eles que fazem o sexo deles e me pagam e caíam fora, porque se mim comer e não pagar o bicho pega mesmo".⁸

Ser conhecida, no meretrício, como mulher agressiva, ajudava a intimidar os clientes. As aproximações eram reguladas pelo respeito à "fama" de agressiva, o que evitava certas lesões causadas por clientes tidos como "folgados" que se apresentavam, no meretrício, para fazer badernas ou agredir. A apreensão dos múltiplos fatores ligados à violência sexual, de certa forma, a dinamicidade do ambiente de prostituição.

Como podemos analisar a agressividade da meretriz? Esta é uma indagação que nos leva a perceber as múltiplas faces da sexualidade. Talvez um dos motivos da agressão seja para defesa contra certas ações dos clientes caracterizadas pelo abuso sexual. Essa visão, somada à idéia de não ser mulher "otária", é ir contra os princípios masculinos como forma que busca romper com o sentido de "objeto" do prazer sexual.

Ou seja, o "bicho só pega" quando as meretrizes são contrariadas pelo não cumprimento do acordo sexual.

Os encontros de clientes e meretrizes podem ser analisados como elementos dinamizadores e geradores de inúmeras possibilidades para entender como os discursos e as práticas são construídos no universo do meretrício.

Esses encontros, no meretrício, se apresentam difundidos e, portanto, implícitos. Nesse caso, muitas vezes imprimem peculiaridades que excitam a desvendá-los.

Nesse desvendar, podemos encontrar palavras-chaves como: sexualidade, agressão e práticas libidinosas que se tornam características da construção de identidade⁹ social dos personagens e do lugar que freqüentam.

⁸ C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.

⁹ Segundo Woodward, a identidade forma e se transforma no social. As articulações formadas através das relações sociais constroem significados que são atribuídos a sujeitos e pelos sujeitos. Temos aqui, então, uma identidade que é relacional, marcada por meio de símbolos e da diferença que envolve uma negação de similaridade. Sobre esse aspecto ver: WOODWARD, kathyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000;

As práticas, no meretrício, são classificadas por comportamentos e atitudes que traduzem formas de fazer crer e fazer ver diferentes posturas que rompiam com a "moralidade" expressa no tecido das normas sociais.

Por esse fator é que divisamos intrínseca relação entre o meretrício e a cidade, promovida pelos próprios atores que acabam provocando imagens da prostituição, causadas por elementos que a consideram "imoral", por isso, limitam a vivência dessas mulheres.

Diante disso, pode-se interpretar que, por meio dessas práticas "imorais", são projetados tecidos relacionais que tendem a estigmatizar pessoas e lugares. A referência ao estigma diz respeito a uma atribuição depreciativa aos sujeitos e as suas ações que estão ligadas ao tipo especial de relação que, frente aos atributos aplicados às experiências de vida, chega a gerar estereótipos, como a prostituição, embora Goffman, na sua análise:

"(...) proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito".¹⁰

Ainda interpretando Goffman, entende-se que os processos de estigmatização percorrem uma infinidade de sujeitos que nomeiam diversos comportamentos e não um conceito lançado ao mundo da prostituição. Em todos os lugares de possível promoção de relações sociais, há chances de criação de estereótipos que tendem representar a realidade. Noutra análise, direcionada especificamente ao estigma da prostituição, Bacelar, percebe que:

"O estigma sobre a prostituta [...] representa 'uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa', através da racionalização das animosidades baseadas em diferenças como as de classe social e as de natureza sexual".¹¹

Essa visão pode ser identificada no meretrício tianguaense por haver promoção de práticas por sujeitos que se apresentam, no meio social, como diferente e "anormal", como é o caso da prostituição. Nesse ponto, as referências ao mundo da prostituição vêm contribuindo para a formação de olhares que se fixavam nas experiências desenvolvidas na "zona".

Essa interpretação pode ser visualizada tomando, por referência, um dos grandes estigmas que norteiam a prostituição, que é o comércio do sexo.

¹⁰ GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª Edição: Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1988. p. 13.

¹¹ BACELAR, Jeferson Afonso. Op. Cit. p. 119.

Segundo Bourdieu, esse fator é relevante porque "(...) a vagina continua sendo constituída como fetiche e tratada como sagrada, segredo, tabu, por isso excluem essas mulheres a dedicar-se a prostituição como um trabalho".¹²

O mundo da prostituição é cercado por estigmas imaginados/representados da relação entre clientes e meretrizes. Podemos citar, por exemplo, a imagem de um ambiente movido pela sexualidade e muito propício à prática do prazer, mas essas situações não podem ser encaradas como regras.

Neste exemplo, o meretrício permite vários tipos de identificação, entendidos como elementos mediadores de práticas estigmatizantes: O senhor A.M.A., de 68 anos, morador do bairro Governador Ferraz, tinha como vizinhança a "zona", lembrando o período anterior ao fechamento, ele observa que:

"O cabaré é um lugar perverso, violento, rapaz. Como eu morava perto eu posso contar como era lá. O que eu sei também e dei graças a Deus quando fecharam o cabaré. Olha lá a gente via muita coisa: era bêbado, violência, ouvia se falar de roubos e outras coisas mais. Os fregueses falavam que eram as raparigas que fazia o roubo. As raparigas são um troço ruim, rapaz. Olha tinha dia que eu num conseguia nem dormir na minha própria casa. Isso num podia continuar".¹³

As práticas desenroladas, nesse ambiente "perverso e violento", sempre pontuam ações que levam a vizinhança a visões que reforçam a estigmatização da "zona". Por isso, pela violência, furtos e bebedices das "raparigas", por serem "troço ruim", é que o depoente agradece a Deus pelo fechamento do ambiente.

Nesse contraponto, é interessante notar a diversidade de fatores que dão origem à violência, notada a partir da negação de algo, principalmente, quando da rejeição da meretriz às ordens dos clientes e furtos, na maioria, praticados em sujeitos bêbados, razão por que não se podia afirmar se o furto acontecia no meretrício ou em outro lugar.

Aí percebe-se forte estigmatização ligada à imagem das meretrizes e do meretrício. Porém como isso se dá, no mundo da prostituição, é que se torna tarefa difícil e complexa de mapeamento.

¹² BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 26.

¹³ Sr. A.M.A., 68 anos, comerciante, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 12/05/2001.

Nessa perspectiva, sabe-se que alguns perfis tidos como estigmatizadores, no universo da prostituição, nos levam a compreender que os sujeitos são conduzidos a se apropriarem de diversos papéis, que, na promoção desses processos, proporcionam tensões que fomentam representações sociais deixando resquícios e estigmas.

De modo particular, em Tianguá, as únicas práticas de prostituição que deixaram resquícios estigmatizantes foram as vivências na zona do baixo meretrício, que talvez tenham influenciado no fechamento.

Em meio aos fatores de estigmatização, provocados pelas imagens e vivências na relação de clientes e meretrizes, é possível observar que os estereótipos fixados pela vizinhança são interiorizados pelas meretrizes que acabam por se reconhecerem como “ameaça” para a sociedade. Uma das meretrizes transferida para o Bairro Catatau relata:

“Eu sei que a gente não vale nada mesmo. Mas precisa expulsar a gente daquela forma, sem menos dar chance da gente se planejar. E a outra coisa é que o fechamento do cabaré não vai impedir que eu seja puta. Eu até já tentei deixar essa vida, mas num consegui”.¹⁴

Interpretando essa visão, Laure Adler percebe que:

“(...) essas mulheres lastimam ser pecadoras, fazem projetos e até esforços para sair de sua situação, mas todos esses esforços são infrutíferos e o que as desespera é saber que representam, no espírito de todos, a imundície e a lama da sociedade”.¹⁵

Diante dessas questões, procuro uma perspectiva que possa viabilizar análise acerca do “imaginário social” e da percepção de como a “boa sociedade” categoriza os sujeitos sociais que ocupam esse lugar. Será a objetivação de uma visão linear, em que o outro desperta estranhamento por conta de certos comportamentos e por burlar posturas? Na prostituição, o que acontece é a apropriação de certos discursos por parte dos sujeitos que, privilegiando práticas associadas ao imaginário da vida e as atividades noturnas das meretrizes, levam-nos a refletir sobre supostas formas de se viver na “zona”. Daí a importância de apreender as experiências e as falas das próprias meretrizes.

Passando pela interpretação dos estigmas e pelas diferentes formas apreendidas sobre a prostituição, em Tianguá, há de se notar que os

¹⁴ F.C.M., 39 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 06/10/2002.

¹⁵ ADLER, Laure. Op. Cit. p. 84.

personagens vivenciaram o lugar de modo dinâmico e diverso, onde as tramas vivenciadas surgiram como formas de experiências de vida nem sempre medidas pelo prazer e sexo. Bem diferentes do discurso masculino, as meretrizes enfocam lembranças traçadas de forma particularizada.

Em se tratando de experiências de vida, o depoimento da senhora M.C.R., ex-meretriz, natural de Ipu-Ceará, hoje residente na cidade de origem, visualiza momentos peculiares de vida na “zona”:

“O prostíbulo é uma caixa de segredos... e eu tenho tantos guardados. Mais é coisa que pertence só a mim. Trago na lembrança um lugar mágico, de alegrias, de amizades, de amores, de cafajestes, de sofrimento, de amargura, de brigas... agora... apesar de tudo isso... lá eu aprendi muitas coisas, chorei muito, mas sorri também. Hoje eu ainda tenho saudade das noites, não dos clientes”.¹⁶

Mostrando a dupla função do lugar, a narrativa da senhora M.C.R. nos possibilitou, através do trabalho da memória, visualizar a realidade do meretrício tianguaense.

O “lugar mágico” lhe proporcionou momentos marcantes, nos tempos áureos da juventude, porém, seguindo o ritmo das “diversões”, o ambiente também a fez “chorar” e a encarar controvérsias e adversidades. Por outro lado, ela ressalta que as “alegrias” foram pintadas de forma superior. De tudo um pouco e do pouco a “eterna saudade” do mundo da cancela que veio, à tona, com o fechamento da “zona”.

Pelas entrevistas, vê-se que não bastava falar somente sobre as práticas dentro do meretrício tianguaense. Em meio às diversidades da vida noturna, era possível observar que cada tipo mostrava que Tianguá estava em movimento e que o meretrício era apenas uma via para chamar atenção de tantos espectadores para o cenário, pelas formas implícitas de atuação das mulheres.

No entrelaçamento – cidade e meretrício – é importante seguir um perfil de análise da pluralidade confusa que proporcionou aos atores dessa trama uma forma de demarcar certos limites e atitudes que influenciaram nessa dinâmica.

¹⁶ Sra. M. C. R., 71 anos, ex-prostituta – Hoje residente na cidade de Ipu-Ce. Entrevista concedida em 08/09/2001.

Na década de 1990, o meretrício se encontrava no centro da cidade. Isso leva a entender que o fluxo de clientes que ajudou a formar um meretrício vivo foi mediado pelo crescimento da cidade que, com o aumento da população, caracterizava determinados ritmos urbanos da "capital ibiapabana"; também, nessa intensa relação, delineou aspectos que favoreceram o aumento das zonas de baixo meretrício que, para a libertinagem, diversão e prazer, atraiu homens, e dava dinâmica à cidade. Segundo Laure Adler, por que:

"Ele provoca incêndios no meio das cidades, regula as tensões de alguns de seus habitantes, é um pólo de atração e lugar de socialização para toda uma camada da população: homens casados, soldados, rapazes, solteiros, jovens e velhos".¹⁷

A forma de os depoentes se referirem ao meretrício era particular e única. Pode-se traduzir que cada cliente representava uma imagem de como era o meretrício e quais formas ganhou para ser uma presença real na cidade.

Pelo apelo à memória, divisa-se que os depoentes estão atentos aos detalhes da vida no meretrício tianguaense. Esses detalhes foram aflorando mediante memórias carregadas de valores que, em alguns momentos, se entrelaçam para "enquadrar" o vivido e o presente do mundo da prostituição.

Podemos identificar que o vivido ainda está entrelaçado na lembrança da vivência e do contato com a Madame Maria Eva e o presente, representado pela forma de entender como essas mulheres encararam o meretrício.

Isso remete à reflexão de Michael Pollak, ao se refletir a essas memórias:

"O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela memória. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro".¹⁸

Aos poucos o trabalho da memória sobre o meretrício surge como uma espécie de palavras cruzadas, ao tentar decifrá-las, constroem-se outras referências. Nesse sentido, segundo Pollak, o que se propõe é uma "manutenção de fronteiras", que consolida as bases estruturais de conceitos e preconceitos imaginados sobre o lugar.

¹⁷ ADLER, Laure. Op. Cit. p. 44.

¹⁸ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN.: Estudos Históricos. V. 2, Nº 3, Rio de Janeiro: FGV, 1989. p. 10

Desse modo, os tianguaenses visualizam o meretrício, como ambiente profícuo do mundo simbólico em que, na análise de Bourdieu “cumpram a sua função política de instrumentos de imposição ou legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica)”.¹⁹

Ainda em referência à questão dos discursos que rodeiam a prostituição, observa-se que há um esforço, mesmo depois do fechamento do meretrício, para conservar pré-conceitos referentes à prostituição tianguaense. Esse fato acaba por criar certos parâmetros como formas de manter certa homogeneidade para estabelecer modos e ditames de reconhecimento da prática da prostituição.

Essas práticas podem ter diversas abordagens, normatizadoras e/ou punidoras, constituindo a “ZBM”, que culminou no confinamento dessas mulheres e controle disciplinar, que inclui a varredura das meretrizes do centro da cidade.

Portanto a análise, a partir desse ponto, busca os discursos que pontuam as vias de ligação enfatizando a coerência de fatos que refletem os fazeres masculinos e feminino na cidade e no meretrício. É importante registrar que a questão do confinamento das meretrizes aparece como um dos discursos cruzados que vem evidenciar a forma de disciplinamento e dispersão das meretrizes pela cidade, após o fechamento da “zona”.

Entendem-se esses discursos, em Mazzeiro, como apoio reflexivo, ao observar-se o confinamento de meretrizes em São Paulo, mesmo em realidades diferentes, é possível fazê-lo, que a interpretação auxilia no entendimento:

“Alega-se que, nas ruas onde existia o meretrício, passavam bondes cheios de famílias, menores para as escolas, moças para o atelier ou para a aula, sendo ofendidas no seu pudor pelo espetáculo deprimente, ‘que podia servir de sugestão deletéria a espírito menos forte’. Argumenta-se que a ação da polícia intimando essa gente a mudar-se, é toda preventiva, visa evitar crimes: a vigilância ao local de prostituição não o atentado ao pudor, sendo necessário um policial em cada porta para evitar os ‘atos obscenos’ ou ‘exibições impudicas’. A forma da polícia agir devia ser, então, a que levasse a

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 11.

localização da prostituição em certas ruas onde não fosse necessário gente honesta passar, evitando que ficasse exposta ao ultraje".²⁰

O controle de alguns espaços nas cidades é uma prática de normatização das condutas, em que a moral e a ordem devem prevalecer. Colocar a polícia para vigiar os "atos obscenos" ou as "exibições impudicas" funciona como uma exclusão de certos grupos para que os comportamentos não afetassem a "gente honesta".

À análise da visão de Mazzeiro e comparando com a zona de baixo meretrício, nessa perspectiva (do confinamento) é preciso fazer uma anti-assepsia pela cidade para que o controle fosse comum a todas essas mulheres.

A prática dos discursos e do modo de viver, no meretrício, ganha várias interpretações. No caso de Tianguá, o confinamento²¹ passou por duas fases distintas: a constituição da "ZBM" no final da Rua Zeferino Ferreira e a transferência das mulheres da "zona" para o bairro Catatau. Ambos os lugares são espaços específicos para as mulheres que sobrevivem da "venda do corpo".

Analisando os discursos da prostituição, após o fechamento da "zona", mesmo com a construção das casas para essas mulheres, perde-se o "controle" das meretrizes.

Mapeando as áreas de prostituição, entende-se que, após o fechamento da zona, não se extinguiu essa prática, pois agora não estão mais concentradas num só lugar, mas espalhadas pela cidade.

Construir casas para as prostitutas, longe do centro da cidade, nada adiantou, principalmente quando se observa que agora estão por lugares outros da cidade. Lembre-se de que as mulheres não estão mais confinadas.

²⁰ MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade Criminalizada: Prostituição, lenocínio e outros delitos – São Paulo. 1870/1920. IN.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Anpuh/Humanidades, V. 18, nº 35, 1998. p. 249.

²¹ Ainda analisando essa visão do confinamento, agora sob o olhar das meretrizes, Leite observa que: Ao entrarem no mundo da prostituição essas mulheres preferem "(...) fechar-se no seu mundo, fazer um gueto e não abrir-se para ninguém. Por outro lado, ao fechar-se, submetem a uma vida de exploração, tanto por parte das madames quanto dos clientes. Essa interpretação nos faz visualizar que os comportamentos que se têm dentro do ambiente tendem a levá-las para um confinamento, onde lá a polícia possa ter um controle coletivo". Ver: LEITE, Gabriela Silva. *Eu, Mulher da Vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 144.

A estratégia do fechamento e de construção das casas foi uma forma de tentar controlar as mulheres. Essa prática podia ter funcionado, se não fosse a expansão de outras casas de prostituição por entre as "casas de famílias". São casas que se encontram camufladas em bares, nos quarteirões de alguns bairros centrais.

O crescimento desordenado das casas de prostituição preenche o espaço diverso sobre que a polícia perdeu o controle. Os depoimentos denunciam a nova fase da prostituição e enfatizam que seu crescimento pela cidade é quase incontrolável. Confirme-se neste depoimento:

"A justiça só fechou o nosso cabaré! E porque não fecha os outros que existe em Tianguá. Será que é porque esses novos cabarés estão espalhados pela cidade e ficam no meio de gente importante. Se você for lá no Córrego tem cabaré. Lá pra banda do Estádio também tem cabaré, pertim do Fórum tem, até no centro da cidade tem rapariga, pode olhar se no calçadão num tem e na Praça dos Eucaliptos".²²

A narrativa faz alusão à transferência das prostitutas para o Bairro Catatau, apenas das que negociavam a "venda do corpo", na Rua Zeferino Ferreira. As casas de prostituição que não pertenciam à "zona" não foram atingidas pela Portaria, permaneceram ilesas e, dentro de certa lógica, foram até beneficiadas com o fechamento.

Nova fase de prostituição começa a desenhar outras formas para o cotidiano de Tianguá. Examinando-se bairros e perímetro da cidade, as casas de prostituição surgem em meio a residências e comércios de "gente importante" ou de "famílias de bem".

Casas de prostituição disfarçadas de bares assumem o papel de mediadores, pois os encontros sexuais não acontecem neles, os casais saem e, em curto bate-papo, acertam o preço do "contrato sexual" e seguem para motel.

Nessas casas, os clientes sentem-se muito à vontade, pois o ambiente é um lugar aparentemente comercial, não existindo controle nem vigilância por parte dos policiais e de outras instituições. As meretrizes saem com quem desejarem e o retorno que dão aos bares é a permanência para garantir a atração de clientes.

²² F.C.M., 39 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 06/10/2002.

A movimentação, na cidade, é marcada por outra forma de comportamento e de práticas sexuais. Os motéis se apresentam como lugares comuns, caracterizando, assim, certa "liberdade sexual", filtrados pelos meios de comunicação e pelas novas formas de viver e explorar a sexualidade. Por isso é importante possibilitar as meretrizes, excluídas do centro da cidade, de interpretar essas indagações:

"(...) O mundo anda muito doido e o povo tem liberdade até demais. Eu vejo que a sexualidade não era pra ser explorado nem dentro e nem fora do cabaré. É a única coisa que posso comentar sobre esse assunto. Se você der uma olhada por aí a gente vai ver muitas meninas se prostituindo. Elas atuam na praça, na rua, em vários lugares. O interessante é que os pais sabem, os irmãos sabem e outros parentes e todo mundo finge que não vê, que não está acontecendo nada, enquanto que as mulheres do cabaré eram vista como as piores mulheres do mundo".²³

Esse fato diz respeito a ponto muito particular das mulheres da "zona", pois, quando têm oportunidade de relatar a prostituição, depois do fechamento da "zona", colocam em questão não somente fatores ligados à mudança de comportamento, mas a "liberdade do povo", "exploração da sexualidade" e "muitas meninas se prostituindo".

Essa é a forma de "devolver a palavra"²⁴ às meretrizes, para que possam fazer suas reivindicações e posições críticas frente ao recente fechamento da "zona" e rever as "tramas", o que reconstrói "novas imagens" da prostituição pela lembrança do tempo passado que repercute no presente.

Outros espaços públicos da cidade, agora, acolhem meretrizes e clientes que perambulam pelas ruas e praças. A praça dos Eucaliptos e o Calçadão, por exemplo, espaços de lazer e passeio, em décadas anteriores, hoje são palco de encontros amorosos. Parece que todos "fingem" não ver as abordagens em pleno centro da cidade, pois as exposições de corpos são explícitas e freqüentes.

O que se pode pensar é que o fenômeno é elemento importante na dimensão da cultura urbana tianguaense. Nesse contexto, a contribuição historiográfica, embora ainda exígua, mostra-se relevante, tendo em vista as referências críticas às vivências do cotidiano, em que os embates sociais são

²³ Sra. M. C. R., 71 anos, ex-prostituta – Hoje residente na cidade de Ipu-Ce. Entrevista concedida em 08/09/2001.

²⁴ SANTOS, João. **Representação dos ocupantes de terra na zona leste de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, História, PUC/São Paulo, 1993. p. 171.

abordados, em análise específica e circunstanciada da vida e relacionamento das pessoas.

3.2 A "ZBM": lugar da dominação masculina?

O cotidiano do mundo da prostituição é rodeado de chavões e um dos elementos mais difundidos, no meretrício, é a dominação masculina. O discurso propagado pelos clientes, tomado como referência, na relação masculina e feminina, torna-se elemento gerador de conflitos.

Relações marcadas pela violência, afetividade, amores, boemia, recusa, prazer sexual, entre outros, transformavam as noites dos meretrícios tianguenses atraentes e propícios para homens evadidos se deliciarem nas práticas do amor venal.

A diversidade dos conflitos do meretrício tianguaense estava ligada, na maioria dos casos, à compra de corpos. Nesse "comércio", identificavam-se fatores de relação de poder entre clientes e meretrizes, com o desencadeamento de noções de sexualidade e comportamento.

As questões deste item seguem, tomando como base teórica, a análise de Pierre Bourdieu²⁵, que pontua alguns traços de comportamentos entre homens e mulheres procurando identificar o princípio de perpetuação da relação de dominação.

Nessa visão e, em meio a esses questionamentos, será realmente a "ZBM" ambiente de dominação masculina? Será que o contrato sexual pago pode construir a imagem tipicamente masculina? São algumas hipóteses das dimensões levantadas diante dos limites do prazer.

Através da observação e de alguns depoimentos, foi possível traçar características das relações entre clientes – meretrizes, para o entendimento de perfis de comportamentos e poderes.

O cliente pode ser identificado pela busca do prazer e da dominação mediada pelo contrato do ato sexual e as meretrizes criam estratégias de

²⁵ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 11.

proteção dessa “suposta” dominação masculina, fazendo do corpo instrumento de “contra-ataque” aos clientes.

As condições elementares para entender as relações de poder partem da marcação dos clientes, cujas práticas são citadas exemplificando a masculinidade²⁶ como característica inerente aos freqüentadores da “ZBM”.

Buscam-se, a esta altura, narrativas de meretrizes que possam enfatizar as formas de luta contra os discursos e atitudes dos clientes e, para isso projetam-se, arquitetam-se, planejam-se estratégias para lidar com situações de identificação de dominação masculina. O depoimento da meretriz A.T.S. aborda determinados comportamentos de cliente:

“A maioria dos clientes que vem pra cá são homens que chegam querendo que a gente possa satisfazer o desejo deles né... ai a gente faz o possível, dependendo da grana que eles dão. Mas tudo [ou quase tudo] pode ser feito, a dependência fica por conta da quantia que o cliente pode pagar. É assim que o desejo do prazer pode ser realizado”.²⁷

Os elementos discursivos da meretriz, em primeiro momento, enfatizam pontos importantes de entendimento do papel de dominação dos clientes. O discurso segue mapeando os limites do prazer, cercado por normas estabelecidas antes do acerto do contrato sexual. A combinação de preços e das práticas sexuais é exemplo de acordos feitos antes da entrada no quarto. Além disso, é necessário observar que as normas são elementos definidores dos comportamentos do ambiente.

Nessa relação, aparece que o erotismo e o prazer sexual satisfazem o desejo dos clientes, que o meretrício é a forma mais acessível para realizar as fantasias. Por outro lado, a “zona” tem códigos tidos como “leis” pelo que, entre outras coisas, valoriza-se muito o pagamento e o respeito ao contrato sexual que obedecendo, “tudo pode ser feito”, reforça a meretriz.

As diversas facetas dos prazeres encontram-se no contrato, que, além de insinuar o “desejo de posse” dos clientes, serve para impor normas e

²⁶ Segundo Barbosa: “O conceito de masculinidade está calcado em valores físicos que foram transformados em valores morais também. A sexualização da masculinidade encontra tanto respaldo que até nos ‘dicionários’ de língua portuguesa apresentam os termos ‘virilidade’ e ‘masculinidade’ como sinônimos. Ver: BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar verbo intransitivo. IN.: **Trajatórias do gênero, masculinidades... - Cadernos PAGU: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP**, Campinas, SP. (11), São Paulo, 1998. pp. 321-343.

²⁷ A.T.S., 31 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 19/10/2002.

fronteiras ditadas pelas meretrizes. O elemento definidor da relação – clientes e meretrizes – é o pagamento que constitui regra quase indissolúvel.

Por outro lado, para “satisfazer o desejo” dos clientes, as meretrizes são mulheres submissas ao contrato sexual mediante pagamento.

Nesse aspecto, Walter Benjamin entende que “são tantas as nuances do pagamento quanto as nuances do jogo amoroso – lento ou rápido, furtivo ou violento”²⁸ – o que envolvem fatores que transformam o meretrício em espaço multifuncional.

Mesmo com o contrato sexual, o desejo/poder dos clientes não elimina a criação de relação de dependência quanto ao corpo feminino e, nesse caso, no jogo da sexualidade, essas mulheres também utilizam o poder quando “oferecem” seus corpos. Assim, o pagamento é algo muito forte no meretrício. Guedes diz que:

“(...) o valor pela compra do prazer sexual deveria ser respeitado, em virtude de representar um princípio da relação freguês – meretriz, já que para a prostituta, pagar pelo sexo era condição imprescindível”.²⁹

A compra do prazer sexual tem limitações da parte das meretrizes, para o “uso do corpo”, cujos clientes não percebem, nessa atitude, o discurso de controle da relação, isso porque o jogo sexual da prostituição exige regras que têm de ser cumpridas.

Por outro lado, o valor do prazer sexual representa a dominação masculina que leva as meretrizes ao cumprimento de função muito comum no meretrício: expor o corpo e atender os anseios sexuais do cliente. Isso constituiu estratégia de unir diversão – prazer, momentos significantes na fantasia dos clientes. Para as meretrizes, os momentos de diversão/prazer são considerados como trabalho.

As mulheres da “ZBM” resistiam a certas impetuosidades dos clientes cujo comportamento transformava o cotidiano do meretrício tianguaense em palco de muitos conflitos e agressões. Agravante da relação cliente e meretriz era o não cumprimento do contato sexual, insatisfação da fantasia sexual e práticas sexuais não desejadas.

²⁸ BENJAMIN, Walter. “Jogos e Prostituição”. IN.: **Obras Escolhidas**, III. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo, São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 240.

²⁹ GUEDES, Mardônio e Silva. Op. Cit. p. 68.

Essas agressividades eram fatores de rompimento da prática sexual das partes. Também serviam de instrumento de dinamização do meretrício e eram tidas pelas meretrizes como importante arma para intimidar clientes que recusassem pagar e não cumprissem o contrato sexual.

Sem o pagamento, cumplicidades e limitações do sexo, acertadas no contrato sexual, se desfaziam e cediam espaço à agressão. Por outro lado, os clientes não atendidos nos anseios sexuais pela recusa da meretriz, criavam conflitos graves, o que pedia a presença de forças policiais, conforme depoimento:

“A gente aqui no meretrício tá mesmo pra satisfazer esses homens frustrados mesmo. Só tem uma coisa, eles não mandam na gente como eles mandam na mulher deles não. Agora assim né... Às vezes eles batem na gente justamente porque a gente acaba rejeitando alguma coisa que ele quer, então eles acabam abusando da força física. Eles só conseguem dominar a gente se for assim. Aí o jeito que tem é dar porrada também. Quando a gente num consegue vencer aí chama a polícia”.³⁰

O discurso da meretriz enfatiza o exercício da profissão, que era mesmo para atender os clientes, ou seja, “satisfazer esses homens frustrados”, função contraditória, mas de importância para a sociedade.

Ao afirmar a depoente que os clientes “não mandam na gente” (nelas), é para dizer da não aceitação do poder masculino e da intolerância a determinadas ações praticadas por homens que freqüentavam o ambiente. Era a “rejeição”, que também pode ser entendida como forma de interferir nas relações e como instrumento de controle que visa resguardar o corpo feminino.

As meretrizes pareciam saber da importância desse domínio – rejeição – para controlar a euforia de determinados clientes, pois constantemente utilizavam-se desses artifícios para se protegerem.

O domínio masculino pela agressão não era uma forma gratuita, mas justificava as palavras que levavam à percepção do poder viril que, vinha á tona, com a permissão (autorizado pelo pagamento) ou com a negação (representado pela rejeição da meretriz).

Diante da busca incessante do prazer e do querer ter, o poder masculino era produzido sem que eles mesmos pudessem agir. Os homens tinham consciência e almejavam o poder, mas não percebiam quando estavam sendo

³⁰ Sra. L.B.M, 45 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09/04/2002.

dominados pelas meretrizes, como se não houvesse nenhuma imposição que as obrigasse a cumprir a função de "mulher da vida". Ao contrário, as mulheres sempre pontuam comportamentos contra a masculinidade dos clientes. Isso pode ser identificado no depoimento acima em que a meretriz fala que "eles mandam na mulher deles".

O jogo da sexualidade na prostituição envolve situações diversas, como o fato de os clientes relatarem que, nas freqüentes idas ao meretrício, têm um comportamento que tem como objetivo contrariar os sentidos apresentados anteriormente pelas meretrizes. Ou seja, a agressividade encontra-se preservada nas experiências dos clientes como forma estratégica de lances que visam a situá-los na trama. É o caso abaixo:

"Nos finais de semana quando eu ia pro cabaré lá eu fazia o que eu queria com as raparigas, comia todas. Ora, se eu pagava, então eu tinha mesmo era que aproveitar. Bebia, dançava e ainda levava o raparigal pro quarto. Quem mandava lá era a gente. Se elas rejeitassem entrava no tabefe".³¹

A relação entre os sexos opostos sempre parece tomar como referência a "fragilidade" feminina para legitimar a violência. O tratamento agressivo, de mandar, de coibir, é uma prática no meretrício.

No depoimento acima, tem-se a questão da dominação masculina: "fazia o que eu queria com as raparigas"; e o pagamento era a forma que lhe "autorizava" a "aproveitar" dos aspectos atrativos oferecidos nas "zonas".

Nas diversas facetas e artimanhas da prostituição, o prazer não elimina a violência, que é referência nos comportamentos que legitimam a construção da imagem masculina dominadora sobre a mulher.

Em outras entrevistas, o discurso fortalece a necessidade da violência que tende a criar ambiente propício à comodidade masculina. Certamente, muitos clientes vislumbravam isso como forma de demonstrar autoritarismo.

A narrativa do personagem contém, em alguns momentos, a estrutura dos discursos "machistas", que trazem elementos que colocam, em evidência, a partilha de homens que se entrelaçam nos atrativos do meretrício por considerados "bons de cama".

³¹ Sr. J.F.F., 68 anos, comerciante, residente no bairro do Ceasa. Entrevista concedida em 21/07/2001.

À aproximação da meretriz, os fregueses não continham em mostrar fama de macho. Era como se fosse uma necessidade de estarem constantemente provando e provocando a masculinidade. "Quem manda lá é a gente".

De certa forma, os discursos dos clientes afirmam a fama de ganhão, de quem "comia todas". Há assim, persistência na exaltação das práticas másculas, do sujeito que fazia o que queria e com quem escolhia.

Os registros de experiências de vida no meretrício têm como objetivo preservar a imagem do poder másculo.

Na memória e no discurso da violência, estabelece-se relação de poder, embora o mundo da prostituição tente coibi-la, mas dificilmente se pode ligar essa relação de poder sem a violência.

Os últimos depoimentos seguem dois caminhos: a estrutura dos prazeres e desprazeres no meretrício e as formas de agressão como ação controladora e legítima do poder masculino. No primeiro caso, tem-se o mapeamento de alguns elementos que demonstram como os atores buscam formas e resistências dos prazeres, sob o ponto de vista das meretrizes, dando, assim, condições de entender as noções de cumplicidade para compreender os perfis masculinos e femininos. No segundo, na interpretação do cliente, o comportamento agressivo surge como instrumento de poder que reafirma as diferenças físicas e sexuais entre as relações de gênero.

Há, portanto, nos constantes desafios de clientes e meretrizes, diversas formas de habilidades e posturas nos tratos da sexualidade.

Nas narrativas dos clientes, na organização dos discursos, as memórias de frequência, no meretrício, aparecem de forma irônica, privilegiando as agressões como forma de poder e controle.

De modo geral, observo que os clientes aproveitam-se da situação relacional como importante elemento definidor de papéis que evocam comportamentos da masculinidade. Diante desse processo, clientes e meretrizes, sentiam-se atraídos pelo jogo dos poderes e pelas estratégias na elaboração dos contradiscursos. Esta é a visão de Pierre Bourdieu:

"A socialização diferencial predispõe os homens a amar os jogos de poder e as mulheres a amar os homens que os jogam; o carisma masculino é, por um lado, o charme do poder, a sedução

que a posse do poder exerce, por si mesma, sobre os corpos cujas próprias pulsões e cujos desejos são politicamente socializados”.³²

A “sedução” do poder transforma o meretrício em lugar de perigo e, portanto, atraente. As peculiaridades do mundo da prostituição são de trilhas traçadas por clientes e meretrizes, que se rompem sob comportamentos que regem o cotidiano da prostituição, através de códigos criados e recriados pelos próprios atores.

Neste depoimento, a narrativa deixa de lado a violência e o discurso cede lugar à fama de garanhão – sedutor. Esse comportamento é que desenvolve insinuações ao jogo da sexualidade, em que clientes e meretrizes se apropriam de instrumentos como sexo e dinheiro. Daí a possibilidade do imprevisível e do inesperado, da troca e da atração, do envolvimento disperso para a manutenção de uma relação em que ambos os atores são levados a tramas inusitadas do meretrício.

“No cabaré eu era muito solicitado... é... [risos] Tinha um cabaré lá que só dava eu, quando eu chegava por lá todo o raparigal ficava mim rodeando, querendo beber comigo e eu dizia assim: não precisa brigar que dá pra todo mundo. Eu não tinha preferência por uma meretriz, eu sempre queria ficar com a mais nova, queria conhecer todas, como elas eram na cama”.³³

Nos vários discursos, ainda encontra-se, sólida, a questão do domínio, que pode ser visualizado quando o depoente enfatiza que é muito “solicitado”. Porém a imagem de homem experiente, esperto, que se relaciona com muitas mulheres, contrapunha com a fragilidade da dependência dos clientes em relação ao corpo das meretrizes, cujo contato é intermediado pelo pagamento.

Se o dinheiro estava à frente de todas as práticas, pode-se pensar que se ficava rodeado não era por ser o “gostosão”, mas pelo fato do “raparigal” que o cercava ter a intenção de fisgar o dinheiro. Com dinheiro, tinha-se permissão de escolher como também de ser cobiçado pelas meretrizes, principalmente, quando se sabia que era um cliente “bom pagador”.

O cliente não nota que era muito difícil conhecer as meretrizes na “cama”. Estar na cama expor-se ao mundo de códigos e de encenações que compõem o mundo da prostituição. Assim, a cama, no meretrício, é instrumento de desejo, fetiche, que não pertence a um único cliente, mas a

³² BOURDIEU, Pierre. Op. Cit. 1999, p. 98.

³³ Sr. J.F.F., 68 anos, comerciante, residente no bairro do Ceasa. Entrevista concedida em 21/07/2001.

todos. Os clientes não percebem que a cama também é um artifício de poder e que somente as meretrizes sabem agir na cama para “agradar”.

Além disso, estar na cama com a meretriz era dar lugar às regras de burlar a “venda do corpo”. Mesmo que para isso fosse necessário brigar com o cliente, chamar a polícia ou fingir orgasmo. As regras do jogo do prazer são de forma particular e funcionam como instrumento de defesa das meretrizes.

O depoimento, a seguir, é de ex-cliente, motorista, residente no conjunto Malvinas, 67 anos, nos mostra algumas versões que nos levam a compreender os diversos discursos que os homens criam para “provar” a virilidade.

“Nas muitas viagens que fiz eu conheci muitos cabaré. Em Tianguá mesmo eu ia muito, levava rapariga para viajar comigo escondido da mulher né.... Porque senão já viu a confusão. Mais uma coisa eu tenho a dizer nunca pagei mulher nenhuma pra transar comigo. Se queria ir, então vamos, eu não gosto de gastar dinheiro a toa não. Eu me garantia, então pra que pagar. Homem que paga mulher pra transar não é homem, não se garante”.³⁴

No depoimento, o motorista se apresenta como conhecedor do mundo da prostituição, como o “tal” das mulheres, que deixava a sedução pela imposição do querer possuir por qualquer preço, ou melhor, sem preços.

Em Tianguá, era freqüente o envolvimento de motoristas com meretrizes. Diante desse fato, é possível notar “tipo” característico de cliente que representa o motorista, pois é como protótipo de homem viril. Segundo Vitorello:

“Os caminhoneiros revelam possuir sentimentos de autoconfiança, virilidade, vigor físico, apreço pela liberdade e boemia, superioridade ao medo decorrente dos riscos profissionais e não-conformidade com a monogamia”.³⁵

A não-conformidade com a monogamia levava o motorista a viajar com “raparigas”, escondidas da mulher/esposa. Durante a viagem, os motoristas mantinham relação sexual com meretrizes e ainda tinham oportunidade de expô-las aos colegas de estrada mostrando que tinham uma mulher na “bulê”³⁶. Era uma garantia da dominação masculina sobre o membro masculino - o

³⁴ Sr. J. M. S., 67 anos, motorista, residente no Conjunto Malvinas. Entrevista concedida em 27/07/2001.

³⁵ VITORELLO, Márcia A. Masculinidade e Trabalho: o caso dos motoristas de caminhão. IN.: STREY, Marlene Neves, ROSO, Adriane, MATTOS, Flora Bojunga, WERBA, Graziela (Orgs.) *Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho*. Porto Alegre: EDIPURS, 1999. p. 99

³⁶ A “bulê” é a parte da cabina dos caminhões. As cabinas funcionam como motéis para os motoristas, algumas são incrementadas com sofás-camas.

falo³⁷. Por isso o discurso: “homem que paga mulher pra transar não é homem, não se garante”. O motorista não pagava mulheres para transar e se garantia no ato sexual.

Nesse caso, o pagamento da relação podia representar as despesas da viagem, por exemplo, alimentação e algumas roupas que as meretrizes recebiam de presente. A própria viagem já era uma forma de pagamento, pois não eram todos os motoristas que aceitavam levar as meretrizes consigo.

Os clientes, no discurso, impõem poderes, apropriam-se de papel diversificado no meretrício, e sempre estavam reforçando a “garantia” de ser “bom de cama”. O “se quiser ir” é símbolo da imposição sexual, figura metafórica de poder, não somente sobre o corpo da mulher, mas sobre a mulher meretriz.

As narrativas dos clientes, de certa forma, procuram moldar características que levam a refletir sobre os discursos e abordagem da virilidade masculina. Vê-se que os discursos persistem na manutenção da ordem masculina, deixando entender que havia necessidade (por parte dos clientes) de propor hierarquização nas relações para que se pudesse, com a virilidade, negar a feminização, oportunidade de coroar a construção do poder masculino. Para Bourdieu:

“A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”.³⁸

³⁷ Sobre a representação do falo, Albuquerque Júnior, ao analisar a masculinidade do nordestino, percebe uma imagem de homem que manifesta no seu ímpeto características de: “(...) organismo potente; tipo fisicamente constituído e forte; aspecto dominador de um titã acobreado; verdadeiro pai-d’água; gritando muito e descompondo como um capitão de navio; homem bravo; homem de gênio forte; cabra se fazendo em arma com facilidade; falando sempre em mulheres; quase nu, de brincadeira com outros, com os gestos dos touros, de pernas abertas e membro em riste, no debôche, na gargalhada; (...)”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003. p. 19.

³⁸ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit. p.67. Noutra interpretação, Machado, ao analisar a justificação do estupro em um subitem intitulado: Fraqueza sexual ou moral viril observa que: “(...) Assim, macho mesmo, do ponto de vista sexual é fraco, ou seja, não se segura. A virilidade supõe no mais profundo do impensado, isto é, do que é vivido como natural, a disponibilidade total para realização da atividade sexual. Virilidade está associada ao lugar simbólico do masculino como lugar da iniciativa sexual”. Ver: MACHADO, Lia Zanotta. *Masculinidade, sexualidade estupro – as construções da virilidade IN.: Trajetórias do gênero, masculinidades... - Cadernos PAGU: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP. (11), São Paulo, 1998. p. 240.*

Na questão relacional, tem-se a necessidade de propagar a imagem de garanhão e viril. É costumeiro notar que muitos homens divulgam o que fazem, fantasiam sexualmente com as mulheres.

Assim, "provar" a masculinidade e mostrar o falo poderoso é muito comum para os que freqüentam o meretrício. Nessa interpretação Sousa diz que:

"Na maioria das vezes, percebe-se que há uma relação da freqüência de prostíbulo com o esforço de se fazer viril diante dos amigos que saberão da farra no dia seguinte. Não é necessário ir para o quarto com uma prostituta. O simples fato de 'estar' em um prostíbulo, simbolicamente, já diz tudo da condição máscula do homem".³⁹

A necessidade do imaginário da virilidade masculina é quase condição para homem se tornar mais viril, como se, cada transa ou número de mulheres possuídas fosse uma forma de provar o que é ser "macho".

Nesse aspecto, percebe-se que, a cada passo, o domínio masculino sempre está ligado ao contrato do ato sexual que torna os clientes poderosos, capazes de agir como sujeitos de poder viril. Por outro lado, muitos questionamentos apresentam hoje "dúvidas" sobre a tão divulgada virilidade masculina, alguns até enfatizam que os homens são frágeis e seu poder de dominação não passa de incerteza do seu "potencial" sexual.⁴⁰

A relação entre clientes e meretrizes é regida pela atração e não pela virilidade do homem. A movimentação dos gastos e, especificamente, a negociação do preço, considerado o eixo que norteia a prática do prazer e do poder, fixam normas que controlam a aproximação dos atores. Por outro lado, as meretrizes consideram a dominação masculina parte do discurso imagético da virilidade. Esse fator leva a identificar que o mundo da prostituição apresenta-se como ambiente duplo, em que mulher e o homem ocupam papéis que tendem a satisfazerem as próprias vontades.

Em meio a isso, o exercício da prostituição vai sendo apropriado por essas mulheres como profissão cuja função é atender clientes mediante pagamento que as levam a tornarem-se profissionais do sexo, assumem um papel comum no meretrício e diverso na sociedade. "Cada prostituta pensa e

³⁹ SOUSA, Francisca Ilmar de. Op. Cit. p. 100.

⁴⁰ ARENT, Marion. A crise do macho. IN.: STREY, Marlene Neves, ROSO, Adriane, MATTOS, Flora Bojunga, WERBA, Graziela (Orgs.) **Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho**. Porto Alegre: EDIPURS, 1999. p. 119.

exerce a prostituição de acordo com seus 'fantasmas', ou seja, ela sabe quais são as regras do jogo, como cada uma deve agir".⁴¹

O depoimento abaixo pretende demonstrar como as meretrizes criam estratégias para se comportar no ambiente de trabalho.

"Quando os clientes vêm para o cabaré a gente faz de tudo pra satisfazer o cliente, agora, claro, que tudo é feito como a gente quer. Na entrada a gente recebe ele, a gente senta no colo dele, bebe com ele, deixa ele passar a mão na bunda da gente, nos seios, mas tudo isso é para fazer com que ele gaste muito e fique excitado pra quando a gente for pro quarto não ter muita conversa. E pra completar eu chamo eles de gostosão, de meu tesão, as vezes são uns homens tão feios que a gente fica assim... [ela dar risos] Mais essas coisas faz parte do trabalho, com o elogio fica mais fácil da gente levar eles por quarto".⁴²

A recepção que as meretrizes dispensam aos clientes funciona como estratégia que serve para envolvê-los no mundo do consumo e do sexo. Além de incentivá-los ao consumo, as meretrizes ainda os acompanham na bebida. Sentar no colo de clientes, dançar é uma forma de "amansá-los" e demonstrar que estão mandando. Assim, dificilmente o homem entra na zona sem gastar algo, algum trocado tinha de ficar no caixa.

Os clientes gostam dessa abordagem, principalmente quando tocados, acariciados, sentem-se "machos", viris, desejados. As meretrizes entendem bem essa arte, pois os clientes interpretam que elas desejam ser possuídas por eles. Os clientes entram no ritmo e acreditam no suposto desejo das meretrizes, que tomam como fantasias sexuais.

Muitas práticas sexuais dos clientes eram burladas pelas meretrizes. Sendo assim, ao aceitarem a dominação masculina, as meretrizes acabavam por construir instrumentos de defesa, que para Soihet (apud Chartier) são estratégias opostas a essa dominação:

"O que significa que a aceitação pelas mulheres de determinados cânones não significa, apenas, vergarem-se a uma submissão alienante, mas igualmente, construir um recurso que lhes permita deslocar ou subverter a relação de dominação. Compreende dessa forma, uma tática que mobiliza para seus próprios fins uma representação imposta – aceita, mas desviada contra a ordem que a produziu. As fissuras à dominação masculina

⁴¹ SOUSA, Francisca Ilmar de. Op. Cit. p. 136.

⁴² C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.

não assumem, via de regra, as formas de rupturas espetaculares, nem se expressam sempre num discurso de recusa ou rejeição”.⁴³

Diversas estratégias eram praticadas pelas meretrizes para deslocar a dominação masculina. A tática da abordagem, no meretrício, é neutralizar o cliente que vinha somente para transar, era necessário acalmá-lo, fazê-lo relaxar e também transformá-lo em consumidor.

Ao se utilizarem de táticas, as meretrizes não rompem somente com a dominação masculina, mas também impõem regras ao jogo transformando os clientes em meros pagadores de “programas”, para alguns instantes de prazer.

Na relação não há “submissão alienante”. No casamento, por exemplo, é viável por conta de uma série de razões que colocam marido e mulher no jogo de poder, submissão e de manutenção das boas aparências relacionais do casal.

De acordo com Simone de Beauvoir⁴⁴, a relação que os homens têm com as mulheres se faz por ordens e pela opressão, porém ainda existem alguns limites de respeito, mesmo que seja para não dar chances a outras pessoas de perceberem a fragilidade de relacionamento/casamento, enquanto que, no mundo da prostituição, as meretrizes não aceitam a situação, pois o contato com o cliente é somente o tempo do contrato sexual. As meretrizes são mulheres que gostam da liberdade e não de estar sempre obedientes a clientes.

No sentido de ressaltar estratégias que levem a entender o porquê de as meretrizes burlarem o domínio masculino, analisam-se outras situações de convivência no ambiente. No meretrício, não existiam afetividades contínuas entre clientes e meretrizes, existiam sim casos especiais, elas, porém, não se deixavam se envolver, não costumavam confundir o contrato sexual com sentimentos de carências.

“No cabaré eu não tô nem aí pra aqueles bandos de tarados. O que eu quero é ganhar meu dinheiro. Não tem essa conversa de estar carente e que precisa conversar com alguém. Se for o caso até que eu escuto, pagando né... Durante todo o movimento, desde a hora que abre até a hora que fecha, nosso interesse com o contato

⁴³ SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a história: Desafios e perspectivas. IN.: SOLER, Angélica e MATOS, Ma. Izilda S. de (Org.). *Gênero em debate: Trajetória e perspectivas da historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. p. 72.

⁴⁴ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 7ª. Ed. São Paulo, Nova Fronteira. 1970. p. 324.

com os clientes é só por causa do dinheiro. Nem que a gente apanhe mais ele tem que pagar".⁴⁵

Os contatos que as meretrizes tinham com os clientes eram rápidos, principalmente quando conseguiam levá-los para o quarto. Esse jogo era contínuo, as meretrizes utilizam diversas formas para se apropriarem do dinheiro do cliente. Afinal, para elas tempo é dinheiro como também era o único instrumento que dava oportunidade ao cliente de ter prazer.

Em meio à movimentação do ambiente, estava o trabalho da meretriz que não dispensava por nada o pagamento referente ao contrato sexual, por isso, mesmo apanhando, elas tinham que receber o dinheiro.

Ainda seguindo os passos do mundo da prostituição, em Tianguá, é possível perceber que as meretrizes também tinham preferências por clientes, como se vê abaixo:

"Já transei com muitos homens, com todo o tipo que você possa imaginar. Mas também posso dizer que já tive minhas preferências. As minhas preferências eram aqueles clientes que não maltrata muito, que paga o que se pede e trepa rápido".⁴⁶

Esse depoimento permite observar que, no mundo da prostituição, na relação meretriz e cliente, não existia afetividade, envolvimento, sendo apenas contatos sexuais, por isso, a preferência por clientes que pagam o que elas pedem e que "trepam rápido".⁴⁷

Esse tipo de cliente é caracterizado pelas meretrizes como os principais parceiros do contrato sexual, pois o fato de serem regidas pelo "tempo" as ajudava a ampliar o número de atendimento durante a noite. Então, quanto menos demora do cliente, no quarto, melhor a produção.

O discurso das meretrizes também era a forma de legitimar que, no mundo da prostituição elas também tinham vontades sexuais.

Falar em preferência sexual, é um discurso masculino, mas, como se nota, a meretriz também agia nessa relação. Agora, o fato de anunciarem esse comportamento liga as meretrizes a certa especulação de considerá-las especialistas do sexo. Isso acontece porque o contato com "muitos homens" as

⁴⁵ C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.

⁴⁶ A.T.S., 31 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 19/10/2002.

⁴⁷ Esse aspecto está ligado ao cliente que tem a ejaculação precoce, ou seja, ejaculação seminal logo após o início da relação sexual.

deixa vulneráveis, e por isso, são tidas como sabedoras de tudo que se refere ao sexo e, principalmente, à arte da sedução dominadora.

Por outro lado, a arte da sedução são atributos que servem como estratégias na captação de clientes. A forma de abordagem tem o parâmetro chamado jogo da sexualidade.

Em meio a tantos encontros e desencontros, é importante registrar que, mediante abordagens frenéticas que movimentavam a vida noturna da prostituição, muitos fatos vieram à tona, dando a noção de como os comportamentos afloram na relação cliente/meretrize. Assim, é importante registrar o papel social feminino dentro do ambiente da prostituição que, além de ser alvo central dos clientes e prazeres, também regia formas na relação. Na análise de Guedes:

“As meretrizes tentavam delimitar o que era permitido ou não no mundo do meretrício, além de construírem normas comportamentais a serem seguidas pelos fregueses. A mulher do sexo, do prazer e da perversão era também a mulher da negação, do limite e de ações de violência”.⁴⁸

Cientes e meretrizes refestelavam-se, no entrelaçamento, era um eterno jogo, de sexualidades e de interesses, na maioria, codificados.

Eram justamente esses códigos que levavam a enveredar por esses ambientes cujo objetivo principal são as análises das trocas simbólicas e o estabelecimento das relações de poderes, capazes de configurar perfis de clientes e meretrizes.

Diante desses perfis, no mundo da prostituição tianguaense, observou-se várias formas que levavam os clientes a freqüentarem o meretrício e a ver o importante papel das meretrizes para delinear traços da sexualidade e, fazendo uso do corpo, poder utilizá-lo como um importante instrumento de poder e controle da dominação masculina.

Sob esse aspecto, aborda-se no próximo item “o uso do corpo” como principal elemento de análises e indagações sobre o contrato sexual.

⁴⁸ GUEDES, Mardônio e Silva. Op. Cit. p. 139.

3. 3 Uso e poder sobre o corpo: burlando as regras do contrato sexual.

A abordagem do uso do corpo da meretriz suscitou uma discussão interessante, que se desenvolveu baseada no discurso narrativo frente à rejeição à dominação masculina que nomeou inúmeras formas de “artimanhas” para lidar contra a ação dos clientes.

Entendido como elemento definidor de controle e instrumento de poder, o corpo apresenta-se, no ambiente da prostituição, como fator importante de recurso de defesa das meretrizes.

Pensar os corpos femininos como elemento definidor de defesa ao domínio masculino é estar atento às relações sociais que, organizadas e pensadas, ajudam a argumentar a idéia de que é possível perceber a não submissão das meretrizes a determinadas atitudes masculinas.

O corpo feminino é visto por diversos “discursos e interpretações”⁴⁹. Assim, a pretensão é dar ênfase, neste estudo, à produção e a recordação de como o corpo é presença “suprimida – muito freqüentemente ignorada ou esquecida – em muitos outros ramos, mais prestigiosos, do poder”.⁵⁰

Sob esse aspecto, a interpretação do uso e poder do corpo é uma questão cultural/relacional que, em sua singularidade, vai criando condutas, linguagens, códigos, contextualizado em espaços particulares, porém delimitados, como é o caso da “ZBM”.

Segundo Michael Foucault, estudar o corpo⁵¹ “é antes de tudo a análise de espaço. E a individualização pelo espaço, inserção dos corpos em um

⁴⁹ SANTOS, Christlene Carvalho dos. **Construção social do corpo feminino em Sobral (1920-1925)**. Dissertação de Mestrado, UFPB/UECE, 2000. p. 64.

⁵⁰ PORTER, Roy. **História do Corpo**. IN.: **A Escrita da História: novas perspectivas**. BURKE, Peter (org). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 326.

⁵¹ Os estudos sobre o corpo não são recentes, há séculos atrás o discurso médico já se apropriava dessa função de controlar o corpo, Segundo Siebert: “Percebe-se que já no século XVIII o corpo passou a ser estudado e investigado num contexto médico-científico preocupado em classificar os casos de patologia física e psíquica com a finalidade de normalização de condutas tidas como ‘anormais/desviantes’, dando origem a uma ciência que precisava saber tudo sobre o corpo, para poder controlá-lo melhor no campo da saúde pública”. SIEBERT, Raquel Stela de Sá. **As relações de saber-poder sobre o corpo**. IN.: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p. 21; Ver também: PRIORE, Mary Del. **Viagem pelo imaginário do interior feminino**. IN.: **Revista Brasileira de História**, v.19, n° 37, 1999. p. 181; COUTO, Luciana N. **A deserotização do corpo: um processo histórico cultural**. IN.: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

espaço individualizado, classificatório, combinatório”.⁵² Então, tendo como fio condutor as deixas de Foucault, existe a possibilidade de se entender como essas mulheres se manifestam no espaço de trabalho.

O espaço da zona do baixo meretrício e os depoimentos das meretrizes nos levaram a pontuar as estratégias e os códigos que limitavam os clientes ao uso de corpos conforme o contrato sexual.

Na perspectiva de compreensão do mundo imaginado dos prazeres da noite, vi a necessidade de recorrer a elementos que dessem indícios para que se pudesse entender que o corpo prostituído é objeto sempre em construção, se refazendo, se “usando”, se relacionando.

Para dele se ter informações, foi necessário buscar alguns direcionamentos nas definições e conceitos e análises de “manipulação” que as meretrizes tinham do corpo. Talvez desta forma se possa destruir tabus e aumentar a dimensão interpretativa que se tem do uso do corpo. Essa abordagem por complexa e diversa, leva a caminhos antes nunca percorridos, mas isso é necessário para o trabalho. Reforçando a idéia de cuidados metodológicos em abordagem dessa natureza, Denise Bernuzzi, alerta que:

“Ao mesmo tempo, estudar o corpo é situar-se num espaço movediço, essencialmente multidisciplinar, para o qual convergem saberes vindos de áreas dispersas da cultura, da medicina à arte, passando pela história e pela antropologia. É, por fim, estudar o corpo, é, para o historiador em particular, deparar-se com a relevância de estudos voltados à antropologia dos gestos, a história das sensibilidades, a história da medicina e do esporte”.⁵³

Essa multidisciplinaridade de estudos tem sido enfrentada como ponto de apoio que serve de suporte para particularizar a dimensão histórica e social do corpo feminino.

Entende-se, agora, como os relacionamentos – cliente/meretriz – com suas normas e códigos regravava o uso de corpos, na zona de baixo meretrício.

Está no item anterior que o pagamento do contrato sexual representa um dos instrumentos que legitimavam o poder masculino no meretrício. Agora, o que se pretende analisar é como o corpo pode ser também um outro instrumento de poder para se contrapor ao discurso masculino, pois com a

⁵² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p.105.

⁵³ SANTANA, Denise Bernuzzi de. *Corpo, História e Cidadania*. IN.: *História e Cidadania/Org. MARTINS, Ismênia de Lima. IOKOI, Zilda G., MOTA, Rodrigo Pato Sá*. – São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP;ANPUH, 1998, 2 v. p. 172.

criação de regras e códigos pelas meretrizes, tinha-se a pretensão de controle e defesa frente às práticas da sexualidade.

Para isso, é importante analisar como o corpo é “usado” no meretrício tianguaense. Eram corpos exibidos e desejados por um público específico: homens que iam ao meretrício para comprá-los por alguns instantes de prazer. Portanto é, nessa relação cliente/meretriz que estão fundados os pontos de partida para o entendimento da utilização do corpo como instrumento de poder.

Na análise dessa relação – cliente/meretriz – Goffman percebe-a como cena onde as formas do jogo e uso dos prazeres são embaladas em virtude da atividade profissional e pelos estereótipos que as cercam. Por isso, o corpo está intrinsecamente ligado à teatralização do divertimento – prazer que leva os atores a encarar a platéia do sexo implícito, cujo público são as meretrizes e clientes. Este último sempre ganha papel coadjuvante.

“As platéias são motivadas a agir com jeito por uma identificação imediata com os atores pelo desejo de evitar uma cena ou para granjear o agrado dos atores com o propósito de exploração. Talvez esta última seja a explicação preferida. Algumas mundanas de rua bem sucedidas são, ao que parece, as que se dispõem a representar uma viva aprovação da encenação de seus clientes, demonstrando deste modo o triste fato dramático de que as namoradas e as esposas não são as únicas pessoas de seu sexo que têm de se empenhar nas formas superiores de prostituição”.⁵⁴

No jogo da prostituição, as cenas são inúmeras, porém as encenações mais diversas ainda, tomadas pelas meretrizes que sempre vão de encontro às atitudes dos clientes, cuja representação busca agradar a todos de formas diferenciadas.

Essas situações faziam parte do cotidiano da prostituição tianguaense e as formas de apresentar podiam ser de diversas formas. Registra-se, como exemplo, que uma das investidas comuns, no meretrício tianguaense, consideradas encenações para atrair atores, eram os flertes de clientes na calçada dos bares que, de modo particular, instituíam regras e normas tomadas pelas meretrizes.

“Durante a noite a gente ficava ali nas calçadas de frente pra rua vendo quem passava para que a gente pudesse pegar. Logo cedo eu pegava minhas maquiagens, colocava uma roupa provocante e ficava na frente do bar só provocando”.⁵⁵

⁵⁴ GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 6ª Edição: Petrópolis, Ed. Vozes, 1995. p. 213.

⁵⁵ F.C.M., 39 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 06/10/2002.

A calçada como palco de exibição da sexualidade, as meretrizes chamavam a atenção dos clientes, não somente pelos corpos esculturais e eróticos, mas também se utilizavam de outras artimanhas para “pegar” clientes, a exemplo, as indumentárias brilhosas e pouco pano encobrendo o corpo.

A maquiagem exagerada em tons variantes ajudava o cliente a imaginar os modos e vantagens que podiam tirar ao entrar no mundo do sexo. As cores e os tipos de cabelos: acaju, loiros, castanhos, crespos, ondulados também eram fatores atraentes.

Nesse comportamento – o flerte –, o domínio para atrair clientes eram os movimentos/gestos do corpo. O andar compassado, seios fartos, o balanço sensual dos quadris e pernas torneadas eram fatores que apreendiam e tornavam os clientes em assíduos companheiros noturnos.

Atraídos pelas técnicas dos gestos do corpo sensual, os clientes são conduzidos pelos encantamentos do jogo da sexualidade e envolvidos no mundo erotizado. Ao entrar no meretrício, os clientes, logo na recepção, deparavam em ambientes com luzes e cores avermelhadas ou violetas, tornando-os mais atraentes e sigilosos.⁵⁶

Além de ambiente atrativo o lugar era esconderijo, os clientes se excitavam e sentiam-se contagiados pelo mundo da prostituição, com o único objetivo de busca do prazer sexual.⁵⁷ Nessa busca incessante, os clientes, por diversas vezes, se defrontavam com situações humilhantes, por exemplo, obrigados a “mendigarem” às meretrizes a diminuir o valor do contrato sexual, conforme se pode notar no depoimento abaixo:

“Vim muito cara mendigando para as meretrizes abaixar o preço do programa, porque só tinham o dinheiro de pagar a chave do quarto. Nas minhas idas aos cabarés eu sempre procurava separar o meu dinheirinho para as minhas farras, nunca briguei por falta de

⁵⁶ As situações apresentadas acima além de serem notadas em depoimentos também foram observadas e anotadas nos diversos Diários de Campos.

⁵⁷ Essa busca incessante pelo prazer sexual não é uma característica somente masculina. Registra-se que, recente, as mulheres também estão em busca de homens que possam lhe oferecer “prazer”. E o que é prazer? Segundo Sayão: “Praticar sexo é uma escolha, e ter prazer é uma possibilidade. Claro que se você decide praticar sexo vai ser bem melhor se for com prazer. Mas se você consegue se livrar dessa neura que atualmente quase todos têm, que é a da obrigatoriedade do prazer, com certeza vai ter mais condições de relaxar para gozar”. p. 85. Sobre essa discussão ver: SAYÃO, Rosely. **Sexo é sexo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

pagamento. Queria mesmo era me entregar nos braços de uma galega. Depois de trepar ia pra casa tranqüilo [risos]”.⁵⁸

A “mendicância” é um fator que quebra o conceito que enfatizava o pagamento que legitimava o poder masculino na “zona”. Ao contrário, nessa narrativa, o cliente se torna dependente do serviço das meretrizes. O abaixamento dos preços do contrato sexual era aviltante, deixava o cliente limitado às ilusões do prazer, ou seja, ficava restrito somente à chamada “rapidinha”, posição do ato sexual em papai-mamãe.⁵⁹

Nesse caso, de parte do cliente, o domínio sobre o corpo deixa de existir, e se faz ato de permissão e de favor. Nesse momento, o cliente perde a imagem de dominador e passa a ser considerado pelas meretrizes como elemento que não merece atenções, pois é tido como sujeito “sem futuro”, “sem grana”.

Faz-se necessário compreender esses corpos como modalidades de comunicação através de gestos que as meretrizes utilizavam para atrair os clientes dependentes e carentes nos “braços da galega”.

A prostituição, em Tianguá, se apresentava de diferentes formas e medidas com irreverência de clientes e meretrizes, em face de normas, limites, moralidades, violências e relações de gênero que definiam não somente papéis masculinos e femininos, mas teciam, sobretudo, a diferença entre os sexos.

Por conta disso, com o domínio pelos discursos dos atores da prostituição não se medem palavras para pontuar formas que os tornam seguros e tramas que possam se impor como sujeitos na “zona”. Esse esforço é, ao mesmo tempo, estratégia, submissão, aceitação, jogo, cujo real sentido só entende quem ousa a se inserir nessa relação.

Em referência, está a apresentação do comportamento dos corpos, ora de clientes, ora das meretrizes que se jogam nas nuances da sexualidade sem saber do próprio envolvimento que os entrelaça no mundo infinito de símbolos e poder.

Em síntese, essas observações têm como objetivo mostrar o corpo sensual, portanto, efêmero, entendido como objeto de consumo e mito do

⁵⁸ Sr. J.O., 66 anos, aposentado, residente no Bairro do Estádio. Entrevista concedida em 18/06/2001.

⁵⁹ O ato sexual realizado pela posição “papai-mamãe” é a prática onde privilegia o sexo vaginal.

prazer.⁶⁰ De posse o cliente tem que cumprir as regras acertadas no contrato formal. Isso o faz ver que estava dominando a meretriz e as emoções do próprio corpo.

Percebe-se, que o uso do corpo, no meretrício, utilizado para burlar certas estratégias de controle e poder, necessita de exercícios, de disciplinamentos para se ocupar de tática em defesa as investidas de clientes. Esse aspecto é narrado nos depoimentos que seguem.

“Quando eu vim pro meretrício eu tinha muita vergonha, sofri muito, porque eu não sabia do jogo que tinha dentro do ambiente. Levei muito carão porque não queria ir para o salão fazer companhia para os clientes e não usava roupas curtas, nem maquiagem. Ir para o quarto então era aquela dificuldade. No início muitos clientes ainda chegaram a falar pra dona do bar pra mandar eu ir embora porque eu custava muito a tirar a roupa e eles às vezes perdiam o tesão só de raiva”.⁶¹

Isso se deu com uma meretriz, 37 anos, natural da cidade de Frecheirinha, interior do Ceará. Ao inserir-se no mundo da prostituição, a meretriz, ao expor o corpo, se apresenta com certa timidez. Esse comportamento era uma forma de proteger o corpo e talvez possa ser entendido como “ingenuidade”, que, na interpretação dos clientes, acabava servindo de sedução.

A passagem da meretriz pela prostituição era recente, pois não sabia utilizar as artimanhas do jogo da prostituição. A perda do “pudor” só havia após o contato com outras mulheres mais antigas na profissão e das repetidas abordagens dos clientes. Após esses contatos, começava-se a praticar o poder dos corpos.

Nessa análise, o discurso é tido sob o olhar “liberal” do corpo e, dessa forma, percebe-se que existe aí mudança no modo de expor-se.

⁶⁰ Na análise de Lucero, é possível visualizar essa efervescência do corpo: “É assim que assistimos a um grande movimento de liberação do sexo que tomará o corpo como uma fonte adicional de energia produtiva. Na sociedade de consumo, o corpo, liberado física e sexualmente, foi oferecido como seu ‘mais belo objeto’. Objeto especial, na medida em que traz envolto em si toda uma relação imaginária com os signos da salvação”. Ver: LUCERO, Nelson A. A. O corpo redescoberto. IN.: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p. 50.

⁶¹ C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.

Para Foucault⁶², o corpo fala, o desejo sexual pode fazer desenvolver uma série de discursos que nomeiam, permitem, legitimam, ordenam o ser como sujeito ou objeto do corpo.

Ainda interpretando Foucault, não se pode buscar o corpo como simples objeto. No caso da prostituição, em Tianguá, a proposta não está sendo em apenas analisar corpos que foram "comprados", "exibidos", "usados" pelos clientes, mas o que importa é pensar como, historicamente, se foram desenvolvendo práticas e experiências nas relações de sociabilidade para que as meretrizes fizessem do "uso" do seu corpo instrumento de poder. O cliente, porém, entende, simplesmente, como corpo erotizado, que estava sempre pronto para recebê-lo a qualquer hora por qualquer preço.

Em outro depoimento da meretriz, pode-se observar que, durante muito tempo, usar e expor o corpo era papel para homens, enquanto que as mulheres ficavam limitadas aos espaços privados - ambiente doméstico - sem exhibir os corpos para não serem interpretadas como mulheres vulgares.

O fato narrado abaixo mostra a forma de apropriação de comportamentos e mudanças de costumes na postura do corpo. Se antes não se tinha a preocupação em exhibir o corpo, agora, além de fazê-lo, é necessário conhecê-lo, tocando-o ou utilizando outros métodos para tornar íntimo o próprio corpo. É assim que as meretrizes se apropriam do corpo. Para a profissão escolhida (prostituição), não era boa idéia mantê-lo escondido, mas não demorou muito para C.M.A. sentir a intimidade do corpo para controlá-lo e só depois liberá-lo.

"Depois de algum tempo dentro na prostituição a gente aprende que o corpo é uma grande arma que a gente pode usar contra o cliente. Eles não podem ver uma bunda de fora, umas pernas bem feitas e de preferência com as pernas abertas para cair em cima. É tudo isso que eles querem e mais nada. Então eu fui exibindo mais o meu corpo né... assim fui aprendendo a mim soltar, porque eu aprendi que o que eles querem é só o corpo da gente".⁶³

Registra-se que as meretrizes sempre tiveram a posição representativa de corpos marginalizados, aniquilados pela transgressão, corpo do pecado, das impudicícias. Esse entendimento é possível porque se têm várias interpretações do corpo. Segundo Bruhns, existem os "corpos sujeitos, corpos

⁶² FOUCAULT, Michel. Op. Cit., 1985.

⁶³ C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.

objetos, corpos afetivos, corpos decentes, corpos indecentes, corpos belos, corpos feios".⁶⁴

Por outro lado, a meretriz preferiu definir o papel do corpo não como impuro, indecente, objeto, mas começa a perceber que tinha, a seu dispor, um corpo sensual e, portanto, em ambiente que o considerava como importante "arma" que podia ser utilizada para controlar o uso do corpo e dos desejos sexuais dos clientes.

O fato de que os clientes não "podiam ver umas pernas bem feitas" significa que elas sabiam que os homens não precisavam de muitos agrados para ficarem excitados. O fator atraente mesmo era o fetichismo do corpo e valorização do ato sexual. Nessa abordagem, as meretrizes, ofereciam os corpos com a consciência de que estavam sendo liberados para cliente que "usaria" por alguns instantes.

Dessa forma, as meretrizes atraíam clientes, mas eles não possuíam os corpos como sempre imaginavam tê-los. Portanto, ao reconhecer o poder do corpo, conseqüentemente, a meretriz manipulava os jogos sexuais, tanto pela capacidade de controle do corpo quanto pela imposição de limites aos clientes. Geralmente, os limites eram postos logo no acordo da compra do sexo e quando se negavam as práticas de serviços especiais⁶⁵.

Com conhecimento da forma de usar e controlar o corpo, as meretrizes se apropriavam de estratégia que servia para assegurar a satisfação pelo fechamento do contrato sexual a clientes que julgassem interessantes. Como enfatiza Sousa: "A prostituta, feita 'mercadoria à venda', só se vende se houver interesse da parte dela".⁶⁶

Mediante essa negociação, as meretrizes desenvolviam uma série de jogos que ligados à sexualidade serviam para definir quais eram os clientes que queriam levar ao quarto e sempre procuram diminuir, o máximo possível, o tempo do ato sexual. Na zona do baixo meretrício, era muito difícil existir essa seleção de clientes, mas o que se nota, nas entrevistas, é que o preferencial eram aqueles que "pagavam direitinho" e "faziam sexo rapidinho".

⁶⁴ BRUHNS, Heloisa Turini. As relações de saber-poder sobre o corpo. IN.: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p. 96.

⁶⁵ São os préstimos de serviços sexuais que ultrapassam o sexo vaginal, envolvendo, dependendo do pagamento, outras posições e também o sexo oral. A prática do sexo anal é aceito por poucas meretrizes, pois considera intimidade demais dada ao cliente.

⁶⁶ SOUSA, Francisca Inar de. Op. Cit. p. 134.

No meretrício tianguaense, não havia jogo das meretrizes na exibição de seus corpos, pelo simples fato de mostrar um corpo erótico, pronto para satisfazer o cliente. As artimanhas da tática sobre o corpo funcionavam, a exemplo:

“No meu corpo quem manda sou eu. Tem cliente que dá nojo. Eles pensam que fazer sexo com a gente eles fazem a gente ter orgasmo, isso na vida de prostituta não existe. A gente finge e eles pensam que estão gozando e se sente o dono do poder, o todo poderoso. Tem muito homem que não vale aquele saco que ele carrega pendurado entre as pernas”.⁶⁷

Nesse depoimento, compreende-se o desmoronamento do poder masculino. Ao mencionar que “no meu corpo quem manda sou eu”, as meretrizes buscam recursos para se antecipar aos desejos sexuais dos clientes, numa forma de manipulação, e não o cliente aos seus desejos como é muito propagado nos discursos masculinos.

Ressalta-se que, nos diversos depoimentos em que as meretrizes eram instigadas a falar sobre o corpo, sempre deixavam claro o discurso referente ao comando dos jogos sexuais. Os clientes sempre assumiam papel secundário, mas muito importante para manter a dinâmica financeira no meretrício. Afinal, sem clientes não existia prostituição.

Quando se analisa as relações masculina e feminina, na zona de prostituição ou na sociedade, percebemos que os desejos são apresentados de forma a definir comportamentos delimitados para o sexo, conforme analisa Albuquerque Júnior, quando observa que:

“O desejo masculino, de fecundar, de penetrar, de conquistar, de vencer, de subjugar, de dominar, parece ser o princípio ordenador do próprio social. O homem deseja abertamente, insistentemente, já a mulher deve fazê-lo em silêncio, com recato, um desejo muito mais espiritual, amoroso, romântico, quase sagrado, sob pena de ser o elemento desordenador do mundo. O desejo feminino dever ser considerado policiado, sob pena de pôr abaixo a ordem social dominada pelos homens, é visto como caos”.⁶⁸

O desejo masculino de “penetrar e dominar” se apresenta, segundo Albuquerque Júnior, como princípio ordenador do social, por isso os homens que freqüentavam o meretrício não eram punidos e vigiados quanto à contratação do sexo. Afinal, estavam colocando em prática sua virilidade. Ao contrário disso, as mulheres não podiam romper essa ordem, e, portanto,

⁶⁷ F.C.M., 39 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 04/05/2002.

⁶⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Op. Cit. p. 185.

tinham que se comportar como submissas, caso contrário, eram punidas pela força física.

Na prostituição, as regras burladas são forma estratégica de romper com a dominação masculina, mas não como fator de desregramento social. No meretrício, não se pensa muito na conservação de costumes regradados pela sociedade, as meretrizes agem como profissionais do sexo e, como tal, procuram servir os clientes sem os quais não existia o “comércio sexual”, e que, agora, tinham que respeitar os limites dos prazeres.

As formas de proteção do “uso do corpo” é uma das grandes artimanhas utilizadas pelas meretrizes. Agindo no silêncio, são tidas como estratégias e instrumentos para inibir e não expor o corpo ao bel-prazer dos clientes e, para isso, criam normas que colocam o desejo masculino por trás de elementos que venham torná-las dominadoras. É a questão do “fingimento do orgasmo”. Na análise de Sousa:

“Esse prazer é uma simulação por meio de gestos corporais, ampla e prontamente aceita pelo cliente, mesmo que este saiba que, na maioria das vezes, tudo não passa de uma teatralização. O que o cliente não suporta é a total passividade e/ou falta de interesse demonstrada pela prostituta no ato sexual”.⁶⁹

O cenário dos prostíbulo é composto de facetas que compõem o mundo teatralizado de regras e de sólido arsenal de códigos sexuais. A “simulação” se transforma em importante comportamento para incitar a virilidade masculina.

A não “passividade” no ato sexual, no jogo da prostituição, constrói, na relação cliente – meretriz, pólos antagônicos e fechados em si, pois entre os instantes do prazer vivido no quarto são elementos moldados pela “esperteza” da meretriz no interesse pelo prazer do gozo masculino.

Ao lado do “fingimento do orgasmo”, está o controle do tempo, pois as meretrizes não podiam ficar disponíveis aos clientes, além de no mínimo quinze e no máximo vinte minutos⁷⁰, não dando tempo assim para o cliente acariciá-la e levá-la ao “prazer sexual”, pois, entre outras, “tempo” é dinheiro.

⁶⁹ SOUSA, Francisca Ilnar de. Op. Cit. p. 134.

⁷⁰ Destaca-se que em Tianguá, na zona do baixo meretrício, as companheiras e/ou amasiados, às vezes, intermediavam os contatos e a aproximação de clientes com meretrizes. Na maioria das vezes, ocupavam a função de “mensageiros” e facilitadores das negociações do contrato sexual. Por outro lado, eram sujeitos responsáveis pelo controle do tempo que os clientes ficavam dentro do quarto com as meretrizes que não podia ultrapassar os vinte

A busca pelo prazer sexual é inexistente, o contato com o cliente é fugaz, são valores efêmeros. E é justamente essa efemeridade que, pelo pagamento, por vezes, gera violência.

Nessas abordagens, observa-se que o corpo dessas mulheres não era submisso quanto parece nos discursos dos clientes, existiam diversas formas que elas utilizavam para elaborar mecanismo de proteção ao corpo, haja vista que, enquanto os clientes possuíam o "poder da compra" as meretrizes eram detentoras do "poder da manipulação".

Esse poder de manipulação é um fator exercido constantemente contra a ação dos clientes. As meretrizes, ao estabelecerem normas, se confortam com a "justa" imposição burlada ao poder masculino.

Protegidas por estratégias, as meretrizes acabavam por construir barreiras, impondo limites e controlando o uso do próprio corpo. Essas estratégias as fazem defender o corpo da agressão e protegem determinados pontos do corpo como "sagrados", práticas inegociáveis ou, como elas mesmas costumam falar, "tem coisa que não tem preço".

"Eu quando levo um cliente para a cama eu acerto logo tudo com ele. Não gosto que ele faça muitas coisas não. Assim, né... Eu sempre quero que eles fiquem no sexo papai-mamãe. Esse negócio de beijar na boca, meter o dedo na vagina, sexo anal, tô fora, eu não aceito isso. Até porque a gente tem um horário a cumprir dentro do quarto e tempo é dinheiro".⁷¹

Dotados de poder e confronto, os corpos das meretrizes eram de todos e de ninguém. A rejeição significava que, mesmo no meretrício, ao contrário do que se pensa, ainda se "reservava" partes do corpo para intimidade que não de compra, mas a vivência com o parceiro com quem as meretrizes pudessem dividir não somente atos sexuais, mas também sentimentos. Por isso, a preferência pelo sexo vaginal é tão importante no meretrício, pois há certas partes do corpo intocáveis e puras, com o objetivo de resguardar-se para alguém.⁷²

minutos. Quando notavam que o cliente ultrapassava o tempo previsto aproximavam-se e tocavam na porta, indicando um código para a meretriz que o horário havia esgotado. Além disso, serviam também para vigiar e inibir práticas agressivas no salão e punir os clientes que se recusavam pagar o programa.

⁷¹ C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.

⁷² Nessa mesma interpretação Moraes enfatiza que: "Para elas, as áreas do corpo que mais denotam pureza são a boca, as nádegas e, em menor, escala, os seios. Muitas nunca se deixam beijar, consideram inaceitável o sexo anal, e algumas não permitem que seus seios

Preservar o corpo não era somente uma forma de se guardar para outro que não assumisse o papel de cliente, mas uma estratégia que fazia as meretrizes a desempenhar função de poder e controle sobre a relação. Essa atitude rompia com o discurso dos clientes e o jogo sexual seguia comandado por códigos que regulavam as práticas sexuais.

O que contribuía para as meretrizes manterem sua dominação era o quarto que representa para elas ambiente reservado e sigiloso. Elas têm todo um ritual para levar e segurar o cliente no quarto, até certo tempo. Enquanto o cliente interpreta o espaço como lugar, onde eles pudessem "provar" suas masculinidades, propício às práticas libidinosas, as meretrizes o têm dominado dentro de quatro paredes.

O quarto é ambiente que evoca fetichismo, pois o jogo do prazer se torna real nesse pequeno espaço alugado pelo cliente. Por outro lado, a sedução transforma o espaço em lugar que também regula o poder e controle do prazer.

A cada depoimento, notam-se perfis masculinos e femininos que, mediante interstícios de fala, pontuam, estrategicamente, o deslocamento de opiniões e se fazem sujeitos para defender o poder e posição frente à sexualidade e às normas reguladas no ambiente.

Foram tantos os elementos de dinamização do meretrício que contribuía para todos os eventos e serviram como instrumento regulador da relação, mas o uso do corpo apresenta-se como importante poder de manipulação para manter o equilíbrio entre sexo, prazer e diversão.

Multiplicaram-se os questionamentos dos gestos e uso do corpo. A questão tornou-se desafiadora, por isso, decidimos ir além das significações massificantes e homogeneizadoras, fazendo as meretrizes definirem o espaço de trabalho tendo o corpo como fronteira/arma, como linguagem que estabelece ordem, confronto de poder e exalação de prazer e liberdade. O corpo feminino é imediatamente atraente e logo desejável, na efemeridade do prazer, ajustado aos "modos corriqueiros" das normas. Ou como analisa Roy Porter:

sejam tocados. Em diferentes modalidades, ainda podemos encontrar casos típicos de mulheres que praticam sexo apenas oral e manual, como objetivo de 'guardar a vagina' para seu amado". Ver: MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 171.

“Chegamos nus ao mundo, mas logo somos adornados não apenas com roupas, mas com a roupagem metafórica dos códigos morais, dos tabus, das proibições e dos sistemas de valores que unem a disciplina aos desejos, a polidez ao policiamento”.⁷³

Este foi o caminho para traçar determinadas características que ligam comportamentos a normas geradas na relação - clientes e meretrizes – como forma de normatizar o próprio ambiente de trabalho. Esse aspecto fez ressurgir os questionamentos sobre o “corpo” prostituído que age na vida sociável, limitando sujeito a indagações, desejos, insinuações que são arrogantemente diferentes do “normal”, dentro dos limites dos códigos morais.

Em meio a esses questionamentos, tem-se a prostituição como objeto de “roupagem metafórica”, ligado a pontos diversos que, produzidos por meretrizes e clientes, deram indícios para compreender o complexo universo do meretrício que, permeado de conflitos e sexualidade, moralidade e libertinagem, relações de gênero e poder, forma o mundo da prostituição.

A cada entrevista, divisam-se lances, nuances que rompiam normas, com comportamentos irreverentes, fazendo mudar de conceito, quebrar paradigmas e perceber que tudo ou quase tudo, na prostituição, é medido por códigos, símbolos que movem o ambiente que incita a sedução. Em face de tantas simbologias, restaram “comprovadas as diferenças, o diverso entre prostitutas e seus clientes (...)”.⁷⁴

⁷³ PORTER, Roy. Op. Cit. p. 325.

⁷⁴ SOUSA, Francisca Ilnar de. Op. Cit. p. 146.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do mundo da prostituição, em Tianguá (1950-2002), ganhou visão especial na elaboração desta dissertação. Além da análise das relações entre clientes e meretrizes, a reflexão teve como objetivo direcionar o leitor a conhecer um pouco da trajetória histórica tianguaense. Isso me levou, inicialmente, a discorrer sobre alguns aspectos das inflexões da vida, no espaço urbano, cuja "evolução" contribuiu para a compreensão das inter-relações entre a cidade, o mundo da cancela e a posterior zona de baixo meretrício.

Os diversos elementos da prostituição nos colocaram frente a uma infinidade de questionamentos sobre as formas de viver e sentir os fatos corriqueiros do meretrício: agressões, bebedices, confrontos, sexualidade, prazer, cotidiano, família...

Por outro lado, existia, além desses "fatos corriqueiros", a luta pela sobrevivência e a resistência das meretrizes. Mulheres simples e dinâmicas que souberam elaborar estratégias para se relacionar com os clientes, na rua e no quarto, e lutar contra as instituições que lhes tentaram impor normas e controle.

Na exposição do corpo seminu, nas calçadas dos cabarés e nos palavrões, nas ruas, estava a irreverência que, atrelada aos gestos, rompia com as normas urbanas, não só pelo fato de serem mulheres "desordeiras", mas pela simples maneira de demonstrar sua "liberdade".

Mapear os "fragmentos" da prostituição, buscando históriá-la, não foi tarefa fácil, principalmente, por entender que o meretrício, seguindo os passos do crescimento urbano, esteve ligado a uma rede de comunicação que movimentava cumplicidade, violência e sexualidade. Claro que esses aspectos foram pontuados mediante certos limites que permearam as diferentes gestões dos espaços públicos da cidade.

Diante dessas dimensões, foram abordadas as múltiplas percepções ligadas aos discursos mútuos que clientes e meretrizes desenvolviam cotidianamente no meretrício.

No desenrolar do trabalho, as análises foram capazes de trazer, à tona, atores e atrizes do cenário noturno da cidade onde, seguindo o prazer, sexo,

boemia, diversão, conflito, amante e "glamour", foi possível acompanhar algumas trajetórias do meretrício que, na sua movimentação, presenciou uma trama de embates que declinavam a diferença nas relações de gênero.

Não posso deixar de ressaltar que o exame dessas trajetórias foram realizados com as "lentes" de historiador tentando buscar, em diversos locais, as formas de viver das marafonas. Para isso, tive que elaborar uma estratégia de aproximação do objeto de estudo. Após essa "exploração", foi só seguir os indícios das fontes e me lançar ao cerzir das inquietações e me entregar à pesquisa.

Essas inquietações desembocaram na certeza de que, a cada passo, algo novo se formava, com a sensação de estar "pronto" para avançar e colocar, frente a frente, o discurso das meretrizes e clientes.

Acontece que, ao analisar as experiências dessas mulheres de "vida fácil", observei que a atividade não estava restrita a comportamentos ignóbeis ou a conceitos construídos historicamente pela sociedade local, mas permeava referenciais que levaram a perceber a importância de abordar essas personagens da história como cidadãos.

Nesse sentido, desenvolvi uma história autocrítica, não a narração de "fatos" aparentes dos costumeiros mundos da prostituição. Em acordo com Déa Fenelon, ao enfatizar o fazer dos historiadores:

"(...) nosso objeto é a transformação, a mudança, o movimento, o interesse em saber como e por que as coisas aconteceram, principalmente para descobrir o significado e a direção da mudança".¹

As narrativas entrecruzadas dos clientes e meretrizes constituíram a forma encontrada para descobrir os "reais" significados da prostituição em Tianguá.

Diante da "direção e da mudança" de rumos da prostituição, selecionei diversos objetos e abordagens, pois era necessário ter várias perspectivas e versões. Ressalta-se que, nessa busca, surgiram imagens cristalizadas, o que não me levou a ficar preso a processos gerais, mas proporcionou indícios significativos para entender a vida noturna, as representações em torno dela e o cotidiano das mulheres.

¹ FENELON, Déa Ribeiro. O HISTORIADOR E A CULTURA POPULAR: história de classe ou história do povo? IN.: *História & Perspectiva*. Uberlândia, jan./jun., 1988. p. 10.

O trabalho de campo, nesse sentido, ensejou a aproximação com a realidade das mulheres e funcionou como instrumento para “ir além” das generalizações conceituais. Mas não foi o suficiente para desvendar as armadilhas do meio, pois o meretrício é um ambiente de reprodução de discursos que são medidos pelos jogos de poderes e sexualidade.

Os discursos trouxeram, à baila, não somente a análise da prostituição na zona de baixo meretrício, mas, dentro desse contexto, foi possível analisar o “poder masculino”, o “uso” sobre o corpo, as questões familiares, enfim, modos de vida e experiências que este público (clientes e meretrizes) apresentava como formas de viver.

Em cidade do interior do Ceará, as histórias de vida desse público não se apresentavam, no silêncio da noite, como formas aparentes, mas conflitantes com o discurso oficial de órgãos públicos que controlavam, normatizavam e disciplinavam essas mulheres. E, como se não fosse o bastante, as “mundanas” tinham que ir contra, ou melhor, jogar com a dominação masculina, o machismo e os discursos sobre o meretrício difamado.

A difamação do meretrício era a denúncia antecipada feita pelo discurso oficial, contra a prostituição que passou, a partir dos anos 1990, a incomodar, pois se encontrava na cidade, presente no meio das “boas famílias”.

Para analisar as configurações da prostituição, em Tianguá, foi necessário examinar documentos que levassem a visualizar a multiplicidade de discursos que envolviam os atores do meretrício.

A possibilidade que o historiador tem hoje de trabalhar com fontes diferenciadas, em pesquisas, deu grande oportunidade para aproximar as experiências de vida dos sujeitos analisados com os fatos registrados nos documentos. De fato, “não existem objetos históricos fora das práticas”², ou seja, o cotidiano funcionou como eixo para identificação das realidades históricas e sociais. Assim, a análise de documentos escritos e da oralidade, como fontes históricas, foi utilizada na perspectiva relacional.

Oralidade e memória como fontes principais, fundamentaram-se no exame de algumas entrevistas, a forma particular de cada depoente ao relatar as vivências no meretrício. Ao recordarem momentos particulares, tentava-se

² CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 78.

captar algo muito distante e, ao mesmo tempo, muito presente. As falas pareciam descrever atos, fatos e lembranças que, há muito tempo, precisavam ser enunciados, como se nunca tinha existido a possibilidade de verbalizar essas memórias e vivências “proibidas”.

Nas entrevistas, foi possível notar que o jogo de palavras, na construção das frases, na maioria, tinha conotação contraditória, às vezes, saudosista. A fala compassada deixava emergir a lembrança de vida carregada de “sofrimentos”, também de alegrias.

A decisão de entrevistar meretrizes, clientes e vizinhos, teve como objetivo cruzar as narrativas para entender a memória social da prostituição. Essa opção metodológica permitiu perceber as diferenças existentes entre os discursos (masculino e feminino), que, nos limites da narrativa, por diversas vezes, me levaram a seguir trilhas específicas dos depoentes, sempre pontuando formas particulares de vivência no meretrício. A dinâmica acabou contribuindo para a percepção da oralidade como importante instrumento metodológico, em que as especificidades individuais e coletivas foram aparecendo mediante a arte de narrar.

Os depoimentos de vida e freqüência no mundo da prostituição não constituem somente discursos sobre o sexo e prazer, mas apresentam as condições de viver e de sobreviver, na zona de baixo meretrício. Clientes e meretrizes apresentaram as modalidades e as condições de posturas e ações estratégicas para romper – burlar os acordos do contrato sexual.

Outro elemento que pode ser destacado é relativo às “mudanças” da pesquisa, determinadas pelas tramas, fazendo-se histórica. No planejamento, pretendia-se fazer a historicização da formação dos primeiros cabarés, analisar as relações de clientes e meretrizes e a representação social que se tinha na cidade da prostituição. Estando eu ainda no campo realizando entrevistas ou analisando-as, foi feito o fechamento da “zona” por uma ordem judicial.

Essa situação levou-me a ampliar as discussões e a mudar o planejamento com relação ao conjunto da pesquisa, o que me colocou na “história se fazendo, imediata”³, em que tentei aproveitar a “vantagem” de

³ Sobre o conceito de “história imediata” ver: COSTA, Eleonora Z. e. “Sobre o acontecimento discursivo”. pp. 189-207 e SILVA, Marcos Antonio da. “Dossiê: temático: Construções da história”. pp. 109-126. Ambos em, SWAIN, Tânia Navarro. (org.) **História no Plural**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

presenciar o presente que propiciava olhares particulares sobre o passado não tão distante.

Em meio ao perigo metodológico, teve-se o cuidado de não reiterar os discursos do fechamento da "zona". Desmontá-los, sob justificativa do fechamento, foi uma busca necessária para entender os significados do ato.

Várias versões vieram à tona. Porém, com argumentos legitimados oficialmente e de mais impacto, o Juizado da Infância e Juventude utilizou-se do aparato judicial para fechar os meretrícios e similar alegando que os favorecimentos à prostituição são "crimes contra os costumes". Aproveitando e articulando-se com a ordem judicial, a Prefeitura Municipal de Tianguá transferiu as meretrizes para fora do centro da cidade. A "dignidade", segundo a instituição, estava sendo entregue às mulheres da "zona".

Esse "marco" mudou o rumo de vida das meretrizes que tinham a prostituição da Rua Zeferino Ferreira como trabalho. A ação das instituições (Juizado e Prefeitura) serviu como medidas para, supostamente, dirimir a violência e bebedices; intimidar o movimento da prostituição e para varrer, certamente, do centro da cidade, a imagem pejorativa da "zona" e dos "atos libidinosos da atividade da ZBM".

Dá-se que, no discurso oficial, fechar a "zona" e transferir as meretrizes não foi o suficiente, era necessário "regenerá-las" para que não caíssem mais na "vida pecaminosa da prostituição". Sob esse aspecto, considera-se que os cursos de corte e costura oferecidos para as meretrizes aparecem como uma forma, segundo Foucault, para:

"(...) instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou méritos. Procedimento [...] para conhecer, dominar e utilizar".⁴

Ressalta-se também que, com o fechamento do meretrício, houvesse mudança de comportamento, ou seja, não precisa mais ir ao meretrício para "fazer sexo ilegítimo". A liberação da sexualidade revela, para esse público, outras formas e lugares para a prostituição. Essa adaptação aflora por meios de práticas que geram outras formas de pensar o cotidiano da prostituição.

⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história das violências nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987. pp. 121-123.

Agora, creio que, com o fechamento da "zona", a atividade torna-se mais complexa e diversa.

Por isso, fechar as casas de prostituição para evitar a inserção de adolescentes na atividade e impedir a ingerência de bebidas alcoólicas foi um ato unilateral. Diante disso, parece que essas práticas são costumeiras, nos bairros periféricos e no centro da cidade, bem como nas festas que acontecem no decorrer do ano, em ambientes autorizados, como casas de shows, onde é incontável o comportamento da juventude tianguaense.

O fato é que, com o fechamento e afastamento das meretrizes do perímetro urbano, "desaparece" a "ZBM", destrói-se o espaço especializado para a prática da prostituição. Por outro lado, vê-se que a prostituição escapa do controle institucional, foge do visível e rompe com outros modos de comportamentos.

Hoje, em Tianguá, para a prática de "sexo ilegítimo", existem outros ambientes que não os habituais cabarés. Os motéis, as casas de massagem, pousadas e outros ambientes estão propícios para abrigar o sexo, o prazer e o contrato sexual. Os motéis fazem parte do cotidiano tianguaense. São equipados com garagem, serviços de quarto e outros. Ainda se pode contar com atendimento 24 horas, em todos os dias da semana, o que garante a freqüência permanente de casais que podem optar por ficar em apartamentos ou suítes.

Nestes termos, é importante registrar que os aspectos relacionados aos atos praticados, no meretrício, as mudanças de comportamento referente à liberdade sexual e à questão atual da prostituição informal foram elementos apontados pelos atores da trama.

A busca pelo sexo e prazer continua sendo o "fetiche" do público masculino. O atendimento de clientes por meretrizes, em Tianguá, encontra-se na informalidade. As praças, ruas e casas especializadas são pontos de encontros para a prática da prostituição. As casas que abrigam hoje a prostituição espalham-se por diversos bairros da cidade e crescem a cada dia.

Em geral, os relatos das dimensões históricas e sociais que clientes e meretrizes puderam expor sobre o mundo da prostituição me permitiram fazer uma análise também sobre o projeto de ordenação do espaço urbano. A exemplo, neste início do século XXI, Tianguá, por intermédio da Prefeitura

Municipal⁵, desenvolve políticas públicas para ordenar e aformosear ruas e avenidas, haja vista o asfaltamento que ultrapassou os limites urbanos e ganhou a periferia da cidade. A intenção é assegurar que os espaços tenham boa aparência e condições de funcionamento.

Em meio à urbanização e ordenação, as meretrizes não podem mais expor o corpo, despertar prazeres, amores, paixões. O mundo da prostituição, no tempo da Madame Maria Eva, está “demolido”, sem mais vestígios, mas as memórias das farras noturnas, das vivências e das práticas sexuais de várias gerações de tianguaenses e de cidades vizinhas, as instituições não podem alcançá-las, porque são partes inalienáveis das experiências desses sujeitos da história.

⁵ Os projetos de ordenação e urbanização de Tianguá, iniciados na gestão anterior, agora, legitimam-se no governo do Prefeito Municipal Dr. Luiz Meneses de Lima (2001-2004). Apoiadas pela Lei nº 289/01 de 26 de junho de 2001, que delimita o perímetro da zona urbana de Tianguá, PROURB – Programa de Urbanização e o PDDU – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano.

Lista de Fontes

1. Relação de Depoentes:

- Sra. M. C. R., 71 anos, ex-prostituta – Hoje residente na cidade de Ipu-Ce. Entrevista concedida em 08/09/2001.
- Sra. M. H. N., 73 anos, ex-prostituta, residente em São Benedito. Entrevista concedida em 09/09/2001.
- Sr. A.M.A., 68 anos, comerciante, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 12/05/2001.
- Sr. F.A.S., 70 anos, aposentado, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 26/05/2001.
- Sr. J.O., 66 anos, aposentado, residente no Bairro do Estádio. Entrevista concedida em 18/06/2001.
- Sr. J.F.F., 68 anos, comerciante, residente no Bairro do Ceasa. Entrevista concedida em 21/07/2001.
- Sr. J. M. S., 67 anos, motorista, residente no Conjunto Malvinas. Entrevista concedida em 27/07/2001.
- Sra. M.J.A.N., 54 anos, dona de casa, residente no Bairro Governador Ferraz, próximo ao meretrício. Entrevista concedida em 22/09/2001.
- Sra. M.A.N, 55 anos, residente no Bairro Governador Ferraz, dona de casa. Entrevista concedida em 09/03/2002.
- Sra. L.B.M, 45 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 09/04/2002.
- R.O.R., 53 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 04/05/2002.
- L.N., 51 anos, meretriz, residente no Bairro Governador Ferraz. Entrevista concedida em 05/05/2002.
- N.S., 43 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 15/09/2002.
- C.M.A., 37 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Natural de Parnaíba-PI. Entrevista concedida em 05/10/2002.
- F.M.A., 39 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 06/10/2002.

- A.T.S., 31 anos, meretriz, residente no Bairro Catatau. Entrevista concedida em 19/10/2002.

2. Periódicos:

- Jornal O Barroço. Tianguá: 1980-1990.
- Jornal Diário do Nordeste. Fortaleza: Prefeitura de Tianguá Desativa Favela. 17/09/2002. p. 3.
- Jornal Gazeta da Serra. Tianguá: 2001.

(Obs.: Os jornais se encontram no setor de Hemeroteca da Biblioteca Pública Municipal Deputado Leôncio de Vasconcelos)

3. Mensagens, Ofícios, Portarias, Decretos e Leis do Governo Municipal:

- Portaria s/n-1975 – Expedida pelo prefeito Joaquim Jaques Nunes;
- Decreto de nº 15/1977 – Expedida pelo prefeito José Evangelista de Sousa.
- Portaria nº 019/1978 – Expedida pelo prefeito José Evangelista de Sousa;
- Portaria nº 040/1978 – Expedida pelo prefeito José Evangelista de Sousa;
- Portaria nº 039/1978 – Expedida pelo prefeito José Evangelista de Sousa;
- Ofício nº 135/1978 – Expedida pelo prefeito José Evangelista de Sousa;
- Mensagem nº 01/1978 – Enviada a Câmara Municipal de Vereadores;
- Mensagem nº 02/1978 – Enviada a Câmara Municipal de Vereadores;
- Lei nº 15/1980 – Disciplina o serviço de automóveis de aluguel (táxi) e dá outras providencias;
- Lei nº 289/01 – Delimita o perímetro urbano de Tianguá, delimita os perímetros das Unidades Territoriais de Planejamento e dá outras providencias.
- Portaria N.º 01/2002, Vara: Juizado da Infância e Juventude da Comarca de Tianguá – CE.
- SOUSA, José Evangelista de. **Código de Postura Municipal** – Prefeitura Municipal de Tianguá. 1980.

- Abaixo-assinado enviado ao Vigário Geral Governador do Bispado do Ceará. Distrito Barroão, 15 de junho de 1883.
- Provisão da criação da Paróquia Sant'Ana de Tianguá por D. Manoel da Silva Gomes, por mercê de Deus e da Santa Fé Apostólica, Bispo de Fortaleza. 15 de abril de 1914.
- Relatório escrito por Monsenhor Dr. Agesilau Aguiar ao Dr. Palhano de Jesus sobre a construção da estrada de rodagem de Sobral a Tianguá. 21 de agosto de 1928.

(Obs.: As mensagens, ofícios, portarias, decretos, leis e o Código de Postura se encontram no setor de Documentação da Prefeitura Municipal de Tianguá, exceto a Portaria de nº 01/2002, que está no Fórum Desembargador Virgilio Firmeza)

4. Estudos, obras literárias e relatos:

- ABREU, Valdecy Santos. **Reflexo**. Tianguá-Ceará. Publicação Independente, 1995.
- ABREU, Valdecy Santos. **Tianguá em Estudos Sociais**. Publicação Independente, 1998.
- CARNEIRO, Pe. Francisco Evaldo Carvalho. **A Diocese de Tianguá no vigor do seu Jubileu**, 1996.
- JÚNIOR, Itamar Rodrigues. **Tianguá em Literatura de Cordel**, 2001.
- NOGUEIRA, José Alcides B. **Históricos dos Primeiros Padres de Tianguá: Ano do Jubileu de Prata da Diocese de Tianguá**, 1996.
- NOGUEIRA, José Alcides B. **Recordações de um Levado das Levadas**, s/d.
- NOGUEIRA, José Alcides B. **Tianguá e a dura realidade**, 1987.
- NOGUEIRA, José Alcides B. **Tianguá recorda sua mocidade**, 1990.
- NOGUEIRA, José Alcides B. **Tópicos Poéticos da Origem de Tianguá**, 1994.

5. Bibliografias:

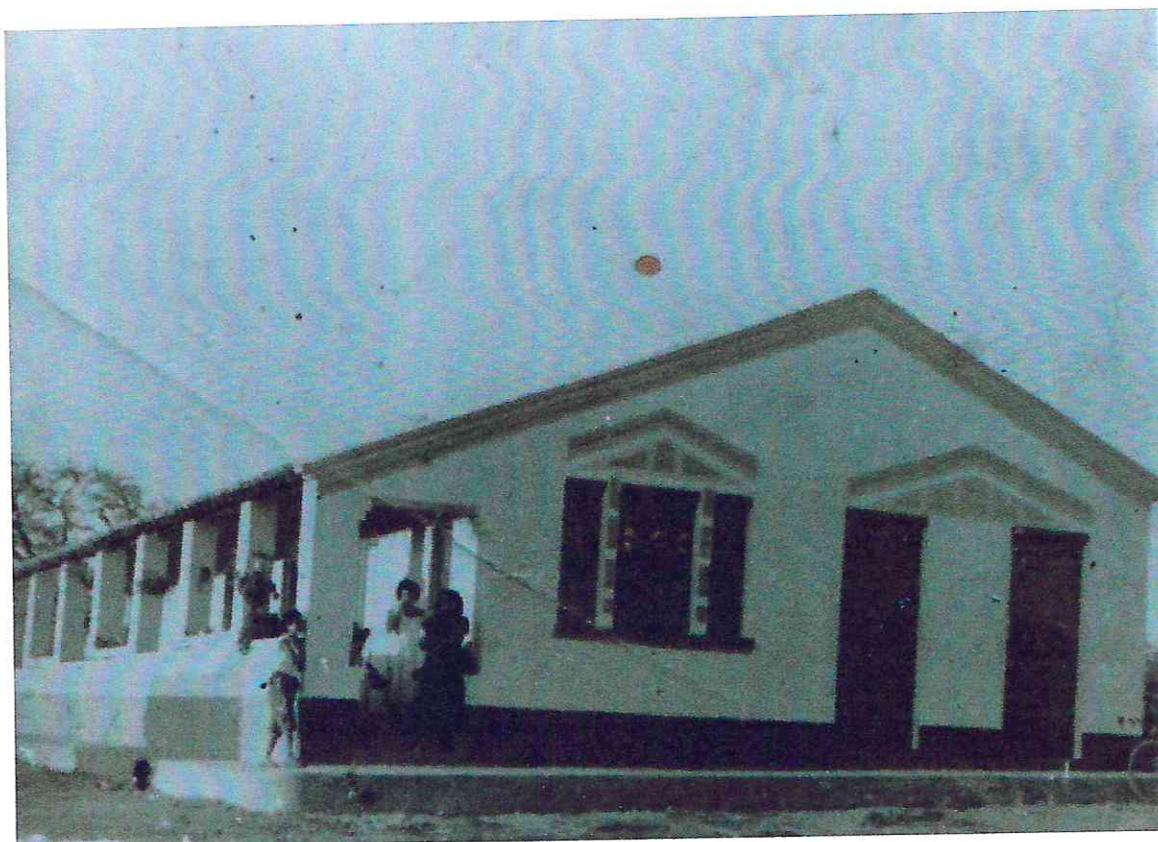
- ADLER, Laure. **Os bordéis franceses-1830-1930**. São Paulo: Companhia das Letras: Circulo do Livro, 1991.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. "Quem é froxo não se mete": violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **IN.: Projeto História**, Nº. 19, São Paulo-PUC-SP. Novembro/1999. pp. 173-188.
- AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Família às avessas: gênero nas relações familiares de adolescentes**. Fortaleza: Edições UFC, 2001.
- ANDRADE, Iarê Lucas. **DA LINHA DO TREM PRÁ LÁ: o Discurso sobre a Prostituição na cidade do Crato – 1940/1960**. Dissertação de Mestrado em História Social, UFRJ/UFC, 2000.
- ANJOS JR., Carlos S. Versiane. **A serpente domada – Um estudo sobre a prostituta de baixo meretrício**. Fortaleza, UFC, 1983.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Estudos Ibiapabanos**. Sobral, Fundação Vale do Acaraú, 1979.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BACELAR, Jeferson Afonso. **A Família da Prostituta**. São Paulo: Ática, 1992. (Ensaio)
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar verbo intransitivo. **IN.: Trajetórias do gênero, masculinidades... - Cadernos PAGU: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP**, Campinas, SP. (11), São Paulo, 1998. pp. 321-343.
- BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. **Cidade na Contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do Século XX**. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP, 1996.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 7ª. Ed. São Paulo, Nova Fronteira. 1970.
- BENJAMIN, Walter. "Jogos e Prostituição". **IN.: Obras Escolhidas**, III. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo, São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 240.
- BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito de história". **In.: Magia e Técnica Arte e Política**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985. pp. 222-232.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRUHNS, Heloisa Turini. As relações de saber-poder sobre o corpo. **IN.: ROMERO, Elaine (Org.). Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. pp. 71-98.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. **IN.: A Escrita da História: novas perspectivas**. BURKE, Peter (org). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. pp. 7-38.
- BURKE, Peter. O mundo como teatro. **IN.: Estudos de Antropologia Histórica**. Lisboa: DIFEL, 1992. pp. 233-251.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução D. Mainardi, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

- CARDOSO, Ciro Flamarion, MALERBA, Jurandir (Org.) **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000 (Coleção Textos do Tempo).
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1982. p. 65-89.
- CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.
- CHARTIER, Roger. "CULTURA POPULAR": revisitando um conceito historiográfico. IN.: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, pp. 179-192.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representações. IN.: **Estudos Avançados**, 11(5), 1991. pp. 173-191.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995. pp 20-91.
- COSTA, Eleonora Z. "Sobre o acontecimento discursivo". IN.: SWAIN, Tânia Navarro. (org.) **História no Plural**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. pp. 189-207.
- COUTO, Luciana N. A deserotização do corpo: um processo histórico cultural. IN.: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. pp. 55-70.
- DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, em 29 de maio de 1959, nas oficinas do serviço gráfico do IBGE, DF-Brasil.
- ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FARIAS, Airton de. **História do Ceará: dos índios a geração cambéba**. Fortaleza: Tropical, 1997.
- FENELON, Déa Ribeiro. O HISTORIADOR E A CULTURA POPULAR: história de classe ou história do povo? IN.: **História & Perspectiva**. Uberlândia, jan./jun., 1988. pp. 05-23.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: à vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história das violências nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREITAS, Nilson Almino de. Olhar sobre a "Sobralidade": questões teórico-metodológicas. IN.: **Essentia, Revista de Cultura, Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú**. V.1, N.2, Jan/Nov. 1999. Sobral, EdUva. pp. 155-163.
- FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. **A Ibiapaba do Século XVII e uma análise de suas condições sócio-econômicas atuais**. Gráfica Editorial Cearense, Fortaleza, 1976.

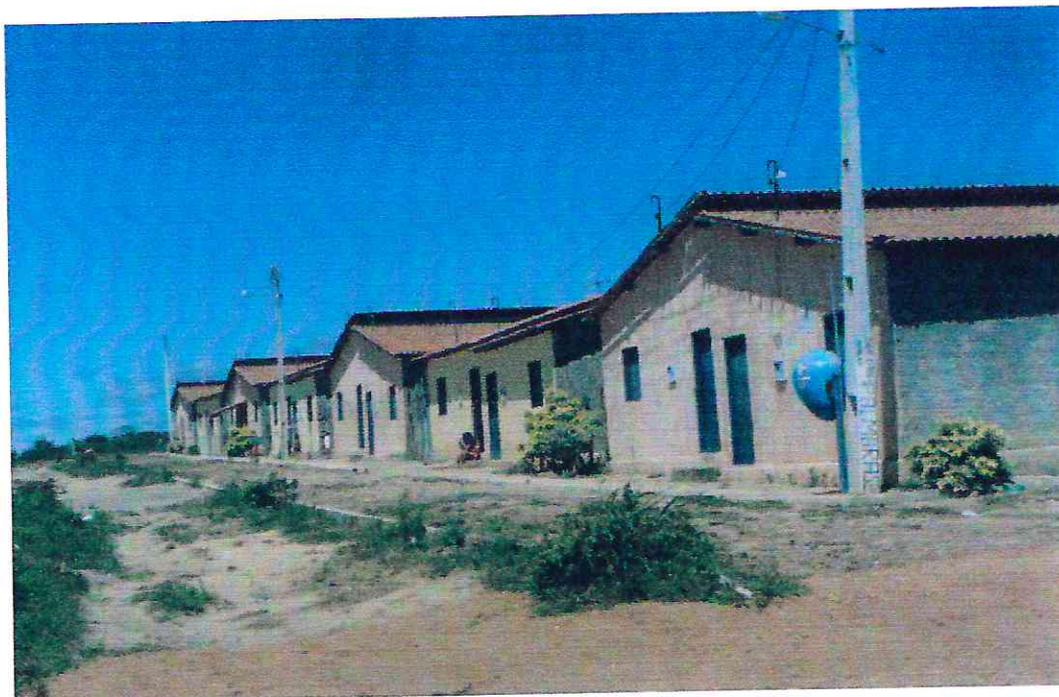
- GARRIDO, Joan del Alcázar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. IN.: **Revista Brasileira de História**, São Paulo. ANPUH/Marco Zero, vol, 13, nº 25/26, setembro/92/agosto93. pp. 33-54.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GIRÃO, Raimundo, MARTINS FILHO, Antonio. **O Ceará**. 3ª edição, ed. Instituto do Ceará, Fortaleza, 1966.
- GIRÃO, Raimundo. **Os municípios cearenses e seus distritos**. Fortaleza, SUCEC, 1983.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 6ª Edição: Petrópolis, Ed. Vozes, 1995.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª Edição: Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1988.
- GUEDES, Mardônio e Silva. **O preço da recusa: violência e limites no meretrício em Fortaleza (1930-40)**. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1999. mimeo.
- LEITE, Gabriela Silva. **Eu, Mulher da Vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- LUCERO, Nelson A. A. O corpo redescoberto. IN.: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1995. pp. 43-54.
- MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade estupro – as construções da virilidade IN.: **Trajetórias do gênero, masculinidades... - Cadernos PAGU: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP**, Campinas, SP. (11), São Paulo, 1998. pp. 231-273.
- MATOS, Ma. Izilda S. de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. IN.: SOLER, Angélica e MATOS, Ma. Izilda S. de (Org.). **Gênero em debate: Trajetória e perspectivas da historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997. pp. 55-82.
- MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade Criminalizada: Prostituição, lenocínio e outros delitos São Paulo. 1870/1920. IN.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, Anpuh/Humanidades. Vol. 18, nº 35, 1998. p. 249-280.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3ª. Ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral: caminhos e descaminhos. IN.: **Revista Brasileira de História**, São Paulo. ANPUH/Marco Zero, vol, 13, nº 25/26, setembro/92/agosto/93. pp. 55-65.
- MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. Usos e limites da categoria gênero. IN.: **Trajetórias do gênero, masculinidades... - Cadernos PAGU: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP**, Campinas, SP. (11), São Paulo, 1998. pp. 99-105.
- MOTA JUCÁ, Gisafran Nazareno. Fortaleza: cultura e lazer (1945 – 1960). IN.: **SOUSA, Simone de (Org). Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. pp. 192-214.
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza:CE./SECULT, 2000.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares IN.: **Revista do Projeto História**, Nº10, São Paulo-PUC-SP. Dez. 93 pp. 7-28.

- OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. "Assim Caminha a Família Brasileira: Indicações sobre o Quadro Empírico. IN.: **Economia Familiar: Uma olhada sobre a Família nos anos 90**. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1996.
- OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina**. Fortaleza: EDUECE, 2001.
- Perfil Sócio-Econômico Tianguá/Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Ceará** – Fortaleza: Ed. SEBRAE/CE., 2000.
- PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. IN.: **Projeto História**, nº 17, São Paulo: PUC, nov. 1998. pp. 203-211
- Plano Estratégico de Desenvolvimento do Município de Tianguá/Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Ceará** – Fortaleza: Ed. SEBRAE/CE., 2000.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN.: **Estudos Históricos**. V. 2, Nº 3, Rio de Janeiro: FGV, 1989. pp. 3-15.
- PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. IN.: **SOUSA, Simone de (Org). Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. pp. 162-191.
- PORTER, Roy. História do Corpo. IN.: **A Escrita da História: novas perspectivas**. BURKE, Peter (org). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. pp. 292-326.
- RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. IN.: **Trajetórias do gênero, masculinidades... - Cadernos PAGU: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP**, Campinas, SP. (11), São Paulo, 1998. pp. 89-98.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1993.
- SAMPAIO, José Dorian. **Anuários do Ceará**. Fortaleza, Ed. Anuário do Ceará Publicação Ltda., 1994/1995.
- SAMPAIO, José Dorian. **Municípios do Ceará**. Fortaleza, Ed. Stylus, s/d.
- SANTANA, Denise Bernuzzi de. Corpo, História e Cidadania. IN.: **História e Cidadania/Org. MARTINS, Ismênia de Lima. IOKOI, Zilda G., MOTA, Rodrigo Pato Sá**. – São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP;ANPUH, 1998, 2 v. pp. 171-184.
- SANTOS, Christlene Carvalho dos. **Construção social do corpo feminino em Sobral (1920-1925)**. Dissertação de Mestrado, UFPB/UECE, 2000. mimeo.
- SANTOS, João. **Representação dos ocupantes de terra na zona leste de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, História, PUC/São Paulo, 1993.
- SARACENO, Chiara. **Sociologia da Família**. Portugal: Editorial Estampa, 1988.
- SAYÃO, Rosely. **Sexo é sexo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. IN.: BURKE, Peter (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. pp 63-95.
- SIEBERT, Raquel Stela de Sá. As relações de saber-poder sobre o corpo. IN.: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. pp. 15-42.
- SILVA, Marcos Antonio da. "Dossiê: temático: construções da história". IN.: SWAIN, Tânia Navarro. (org.) **História no Plural**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. pp. 109-126.

- SILVA, Marlene Maria. **O norte cearense**. Recife-Pernambuco: Estudos Regionais, 1985.
- Sinopse Preliminar do Censo Demográfico – Estado do Ceará – Recenseamento Geral do Brasil – 1950**. Rio de Janeiro/IBGE.
- Sinopse Preliminar do Censo Demográfico – Estado do Ceará – Recenseamento Geral do Brasil – 2000**. Rio de Janeiro/IBGE.
- SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a história: Desafios e perspectivas. IN.: SOLER, Angélica e MATOS, Ma. Izilda S. de (Org.). **Gênero em debate: Trajetória e perspectivas da historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997. pp. 55-82.
- SOUSA, Fábio Gutenberg Ramos Bezerra. Três Leituras das Cidades: Críticos Literários, Historiadores e Cronistas. IN.: **Trajetos: Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Depto. de História da UFC**. V. 1, n1 (nov. 2001) Fortaleza, Depto. de História da UFC, 2001. pp. 61-83.
- SOUSA, Francisca Ilmar de. **O cliente: o outro lado da prostituição**. São Paulo. Annablume; Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.
- SOUSA, Mônica Hellen Mesquita de. **Missão da Ibiapaba: Estratégias e táticas na Colônia nos séculos VXII e XVIII**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza - UFC, 2003. (mimeo).
- STREY, Marlene Neves, ROSO, Adriane, MATTOS, Flora Bojunga, WERBA, Graziela (Orgs.) **Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho**. Porto Alegre: EDIPURS, 1999.
- VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema: cenas de um público implícito**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2000.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 2ª. Ed. Brasília: Ed. UNB, 1992. pp. 7-60.
- WOODWARD, kathyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ANEXO 01**Casarão da Madame Maria Eva**

O Casarão era um dos ambientes que compunha a ZBM – Zona de Baixo Meretrício – , espaço muito freqüentado pelo público masculino de Tianguá e região. Símbolo do “glamour”, lazer e diversão na década de 1970. (Foto de 1970. Arquivo Amauri do “Zé Didi”).

ANEXO 02

Conjunto habitacional ou “Vila das Meninas da Zona”, localizado no Bairro Catatau, construído em 2002, pela Prefeitura Municipal de Tianguá na gestão do Prefeito Municipal Luiz Menezes de Lima. (Arquivo Pessoal).